



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Cristhian Fernando Cajé Rodriguez

**“Os vencedores cheios de glória”**

Articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis

Florianópolis

2020

Cristhian Fernando Cajé Rodriguez

**“Os vencedores cheios de glória”**

Articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Silvia Rial

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodriguez, Cristhian  
Os vencedores cheios de glória : Articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis / Cristhian Rodriguez ; orientadora, Carmen Rial, 2020.  
180 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Memória . 3. Remo. 4. Imagem. 5. Florianópolis. I. Rial, Carmen. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Cristhian Fernando Cajé Rodriguez

**“Os vencedores cheios de glória”**. Articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis.

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Alex Vailati

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Alicia Castells

Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Mara Lago

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Profa. Dra Carmen Silvia Rial

Orientadora

Florianópolis, 2020.

*Para mi abuelo, Don Adriano, mi papá, Don Pedro, mi hermano, Daniel y mis sobrinos, Mauricio, Matias, Facundo, Alejandro, Álvaro, Gonzalo y Salomón. Los hombres de mi familia.*

## AGRADECIMENTOS

Sozinho não se faz uma tese. Ao longo desses cinco anos de doutorado eu pude contar com uma rede de apoio basta, de maneira que tenho muito a agradecer.

Começando pela minha orientadora, Carmen Rial, a quem eu tive a sorte de conhecer assim que me mudei para Florianópolis, em 2011, e com quem cursei a minha primeira disciplina de Antropologia Visual. Esse mesmo ano, e desde então esteve constante e decisiva na minha formação. Muitos dos caminhos que sigo são rastros de suas pesquisas e dos seus engajamentos políticos dentro da academia brasileira e mundial. Carmen, sobretudo acolhe. Não há palavras para agradecer todo o aprendizado, as oportunidades, as trocas e amizades desses últimos anos. Nossa parceria rendeu até aqui muitas conquistas, e como ainda tenho muito a aprender, seguirei por perto.

Aos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, com quem convivi nos últimos sete anos, desde meu mestrado, e que sem ter credenciais acadêmicas, recém saído de uma trajetória outra, na comunicação visual e no movimento social, tive o privilégio de aprender os meandros da pesquisa em ciências sociais e da vida acadêmica.

Um agradecimento especial ao Professor Alex Vailati, pela sua amizade, dedicação, generosidade durante o tempo da minha formação e em especial durante o tempo que durou esta pesquisa com os remadores, seus aportes, seus comentários e suas orientações foram fundamentais para o sucesso desta tese.

Ao Professor Freek Colombijn, agradeço pela orientação no período sanduíche realizado na Vrije Universiteit Amsterdam. Graças a sua paciência e generosidade durante os meses frios do inverno Holandês, renderam muito mais do que eu podia esperar em aprendizados e acesso a fontes e arquivos importantes à presente pesquisa.

Da estadia na Vrije Universiteit Amsterdam, ainda aos Professores Marjo de Theije, Mattijs Van de Port, Carly Machado e meu colega doutorando, Adriano Godoy, pela acolhida, pelo calor e pela interlocução com o mundo Netherland.

Ao Professor e amigo, José Szwako, pela leitura atenta da tese e pela generosidade e apontamentos feito. Agradeço de igual modo os debates e interlocução sobre o Paraguai contemporâneo, que serviram para meu amadurecimento pessoal e profissional.

Às professoras Mara Lago e Alicia Castells, agradeço pelas valiosas contribuições dadas nas bancas de qualificação, primeiramente do projeto e depois da tese. Também pelas disciplinas ministradas por elas que cursei ao longo do doutorado e que ajudaram a conformar esta pesquisa e seu escopo teórico em diferentes momentos.

Aos remadores e remadoras do Clube Náutico Riachuelo, pelo acolhimento, pela confiança e pelo tempo dedicado às minhas questões e preocupações durante o período que durou o trabalho de campo. Sem eles, esta pesquisa não teria sido possível. A William e a Felipe Sujo, pela amizade.

O sentido de coletivo acadêmico não podia ter melhor expressão do que aquela que encontrei no Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem - NAVI. Carla Rocha, Caroline Almeida, Drika Eidt. A amizade que nutrimos fez do ambiente acadêmico menos árido, e da experiência da pesquisa menos solitária. Sorte a minha tê-las, que sigamos sempre próximos.

A Marcela e a Lays, devo um agradecimento especial. Desde 2013, quando passamos juntos pelo processo seletivo do mestrado foram mais do que importante nesse processo. Elas me ensinaram a desvendar os caminhos menos óbvios da amizade, dando valiosas contribuições para a escrita desta tese. Além da parceria acadêmica, as levo com carinho para a vida toda.

A meu amigo predileto, meu companheiro de vida, Elton. Por sua paciência, seus cuidados e seu carinho. Seu apoio sempre constante e sua companhia foram decisivos para o bom termo dessa jornada.

A kim e ao Prince, melhor cachorra e melhor gato, pela companhia gentil e imprescindível nos longos períodos de reclusão e que animaram minha casa durante os meses da escrita.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior - Brasil (CAPES) e com o apoio do *The Dutch Organisation for the Internationalisation in Education - Netherlands* (NUFFIC).

É preciso dizer, por fim, que os méritos desse trabalho devem ser compartilhados com as pessoas e instituições citadas, as falhas nele contidas são todas da minha exclusiva responsabilidade.



**Imagem Nº1:** Os vencedores cheios de glória.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo, abril de 2014)

*A Imagem Nº1 que selecionei como capa desta tese, foi produzida pelo Clube Náutico Riachuelo com fins publicitários e amplamente divulgada em peças de comunicação visual e no site do clube. Seu registro data de abril de 2014, um ano antes da comemoração do centenário e da minha chegada no clube. A intenção na sua composição é clara, mostrar as novas gerações de atletas sendo guiadas por um homem mais velho, o timoneiro. Se perpetuando assim no tempo. Com a renovação da força que movimenta o barco, disputam a baía sul de Florianópolis com outros navios. Atrás, um barco, e um elemento esquecido do seu passado, a extinta ilha do Carvão, que foi sepultada pelos pilares que seguram a ponte Colombo Salles. O gesto é de quem venceu.*

*Nós somos do azul e branco;  
Os vencedores cheios de glórias.  
Nos nossos remos;  
Impera a força, brilha a vitória.  
Em nosso peito rebrilha;  
Toda a grandeza de nossa história.  
Nos nossos remos;  
Fulgura a força, brilha a história.  
Nós queremos é vencer;  
Nós queremos é remar.  
E o bravo azul e branco todo forte e todo franco;  
Há de sempre imperar.  
Remar é amar, é o nosso forte;  
Pelo amor do azul e branco;  
Só rema aquele que é forte.  
Remar e amar, sempre vencer;  
é o nosso lema, nosso dever.*

**Hino do Clube Náutico Riachuelo**



## RESUMO

A tese apresenta reflexões sobre possíveis articulações entre os conceitos de masculinidades e memória, numa perspectiva antropológica, no contexto da prática do remo na cidade de Florianópolis. As discussões aqui apresentadas têm como base uma etnografia produzida a partir do trabalho de campo realizado num período de três anos (2015 - 2018), no local do Clube Náutico Riachuelo, agremiação náutica e esportiva mais antiga do estado de Santa Catarina. Incluo na análise registros visuais coletados pelo clube ao longo da sua história e posteriormente classificados, musealizados e expostos ao público quando da comemoração do seu centenário. Nesse sentido, busquei compreender as imagens analisadas a partir do regime de visibilidade em que estavam inseridas. Ou seja, não apenas enquanto seu conteúdo aparente, mas inseridas em suas relações de produção, circulação, consumo e agenciamento. Fundamentado, sobretudo, em indícios fotográficos e relatos etnográficos, este trabalho intenta desvelar algumas intersecções entre as categorias de raça, classe social e os signos de respeito e virilidade em torno dos usos nativos de ser, ou não, um “remador”. Também descreve e conceitua o espaço geográfico onde se situam os clubes de remo em relação à cidade. Os registros imagéticos apresentados são, assim, documentos dos indicadores cruciais seja para a identificação e compreensão das práticas sociais da memória do remo, seja de transformações em torno da paisagem e do avanço da vida urbana sobre o mar. Nas conclusões finais a que esta tese chega, percebemos que ao narrar uma história das imagens, a partir do acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo, reconstitui-se, ainda que parcialmente, aspectos da visualidade de um tempo regido pela experiência do olhar. Valorizando os aspectos produtivos dessas imagens, como uma outra forma de ver e mostrar a cidade de Florianópolis. Dotando as fotografias de "agência", nos permitiu, conhecer uma história avessa a aquela que "os vencedores cheios de glórias" contam.

**Palavras-chave:** Memória, remo, imagem, Florianópolis.

## ABSTRACT

The thesis reflects on the possible articulations among masculinities and memory, from an anthropological perspective, in the context of the practice of rowing in the city of Florianópolis. The discussions presented here are based on an ethnography produced from the fieldwork carried out for three years (2015 - 2018), at the Clube Náutico Riachuelo, the oldest nautical and sports association in the state of Santa Catarina. I include in the analysis the visual records collected by the club throughout its history and later classified, musealized and exposed to the public when celebrating its centenary. In this sense, I sought to understand the images analyzed from the visibility regime in which they were inserted. That is, not only as its manifest content, but embedded in its relations of production, circulation, consumption and agency. This work is based mainly on photographic evidence and ethnographic reports. It attempts to reveal some intersections between the categories of race, social class and the signs of respect and virility around the native uses of being, or not, a “rower”. It also describes and conceptualizes the geographical space where the rowing clubs are in the city. The imagery records presented are, therefore, documents of crucial indicators, both for the identification and understanding of the social practices of rowing memory, or for transformations around the landscape and the advancement of urban life on the sea. In the final conclusions reached by this thesis, we realize that when narrating a history of images, from the photographic collection of the Clube Náutico Riachuelo, aspects of the visibility of a time ruled by the experience of looking are reconstituted, even partially. Valuing the productive aspects of these images, as another way of seeing and showing the city of Florianópolis. Endowing the photographs with "agency", it allowed us to know a story that is averse to the one that "the winners full of glories" tell.

**Keywords:** Memory, rowing, image, Florianópolis.

## RESUMEN

Esta tesis presenta reflexiones sobre posibles articulaciones entre los conceptos de masculinidades y memoria, en una perspectiva antropológica, en el contexto de la práctica del remo en la ciudad de Florianópolis. Las discusiones aquí presentadas se basan en una etnografía producida a partir de un trabajo de campo realizado durante un período de tres años (2015 - 2018), en el Clube Náutico Riachuelo, asociación náutica y deportiva más antigua del estado de Santa Catarina. Incluyó en el análisis los registros visuales recogidos por el club a lo largo de su historia y posteriormente clasificados, musealizados y expuestos al público al celebrar su centenario. En este sentido, traté de comprender las imágenes analizadas desde el régimen de visibilidad en el que se insertaron. Es decir, no solo como su contenido aparente, sino inseridos en sus relaciones de producción, circulación, consumo y agencia. Basado principalmente en evidencias fotográficas e informes etnográficos, este trabajo intenta revelar algunas intersecciones entre las categorías de raza, clase social y los signos de respeto y virilidad en torno a los usos nativos de ser, o no "remero". También describe y conceptualiza el espacio geográfico donde se ubican los clubes de remo en relación con la ciudad. Los registros de imágenes presentados son, por tanto, documentos de indicadores cruciales, tanto para la identificación y comprensión de las prácticas sociales de la memoria de remo, como para las transformaciones en torno al paisaje y el avance de la vida urbana sobre el mar. En las conclusiones finales a las que llega esta tesis, nos damos cuenta de que al narrar una historia de imágenes, a partir de la colección fotográfica del Clube Náutico Riachuelo, se reconstruyen, parcialmente, aspectos de la visualidad de un tiempo regido por la experiencia de mirar. Valorar los aspectos productivos de estas imágenes, como otra forma de ver y mostrar la ciudad de Florianópolis. Dotar a las fotografías de "agencia", nos permitió conocer una historia contraria a la que cuentan "los ganadores llenos de glorias".

**Palabras clave:** Memoria, remo, imagen, Florianópolis.

## LISTA DE IMAGENS

Nº 1 – Os vencedores cheios de glória	8
Nº 2 – Mapa com as raias que delimitam o trajeto dos barcos	27
Nº 3 – Fachada dos galpões dos clubes	29
Nº 4 – Seu Décio e os painéis fotográficos	70
Nº 5 – Painéis fotográficos pendurados nas paredes da cozinha do clube	71
Nº 6 – Retrato de Décio Klettenberg Couto	72
Nº 7 – Skiff batizado com o nome de Décio Carvalho Couto	72
Nº 8 – Barco 4 Com, no Campeonato Brasileiro, Rio de Janeiro, 1945	78
Nº 9 – Guarnição Campanha Catarinense de 1956	79
Nº 10 – Batismo dos primeiros barcos na praia da Rita Maria	80
Nº 11 – Onde tudo começou	80
Nº 12 – Primeira garagem náutica do Clube Náutico Riachuelo	81
Nº 13 – Praia da Rita Maria	83
Nº 14 – Primeiras regatas em torno da Ilha do Carvão	84
Nº 15 – Regatas em torno da Ilha do Carvão 1	85
Nº 16 – Regatas em torno da Ilha do Carvão 2	86
Nº 17 – Pilares da Ponte Colombo Salles	87
Nº 18 – Pôster, réplica da tela do Victor Meirelles, Combate Naval do Riachuelo	88
Nº 19 – Torcida no Miramar	91
Nº 20 – Torcedores e dirigentes do Riachuelo	93
Nº 21 – Trapiches	94
Nº 22 – Ponte Hercílio Luz	95
Nº 23 – Regatas na Prainha	95
Nº 24 – Torcedores carregando barco ganhador. Praia do Rita Maria	96
Nº 25 – Carreata pela cidade comemorando vitória do Riachuelo	96
Nº 26 – Diretores do Clube Náutico Riachuelo	97
Nº 27 – O barco ganhador sendo carregado pelos torcedores pelo centro de Florianópolis	97
Nº 28 – Parque Náutico Walter Lange	99
Nº 29 – Novo Galpão do Clube Náutico Riachuelo	100
Nº 30 – Ponte Colombo Salles	101

Nº 31 – Viaduto Região Rita Maria	101
Nº 32–Fachada dos galpões dos clubes de remo de Florianópolis	101
Nº 33 – Remador	105
Nº 34 – A sereia e Poseidon	108
Nº 35 – Atletas e diretivos do Clube Náutico Riachuelo em 1915	123
Nº 36 – Guarnição vencedora do Troféu Lauro Carneiro	124
Nº 37 – Atletas do Clube Náutico Riachuelo 1	125
Nº 38 – Atletas do Clube Náutico Riachuelo 2	127
Nº 39 – Capa Revista Ilustrada - Publicação Mensal	128
Nº 40 – Delegação da confederação brasileira de desportos 1936	130
Nº 41– Festa de confraternização, aniversário Riachuelo	132
Nº 42 – Time de Futebol do Riachuelo	134
Nº 43 – Grupo de torcedoras uniformizadas do Riachuelo	136
Nº 44 – Diretoria do Clube Náutico Riachuelo 2016	148
Nº 45 – Quadro de medalhas de 2016	153
Nº 46 – Cápsula da memória do Clube Náutico Riachuelo	155
Nº 47 – O remador engolido pelas infraestruturas da cidade	161
Nº 48 – Olhando para fora do clube	165

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
História e Historicidade do remo .....	18
Como e quando cheguei no Clube .....	25
Meu corpo em campo.....	30
O conteúdo desta tese.....	34
<b>CAPÍTULO 1: REMANDO EM ÁGUAS DA ANTROPOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
1. MAPEAMENTO E ANÁLISES PRELIMINARES DA PRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE O REMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS.....	37
2. CRITÉRIOS METODOLÓGICOS.....	43
3. CLASSIFICAÇÃO DA BIBLIOGRAFIA.....	45
3.1 Congressos: Anpocs, RBA, REA, ABANNE, RAM e Fazendo Gênero.....	50
3.2 Revistas: Horizontes, Mana, Anuário, Movimento, Vibrant, Iluminuras e Revista Brasileira da Ciência do Esporte.....	54
3.3 Base de dados: Catálogo de teses e dissertações da CAPES, Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e portal científico SciELO.br.....	56
3.4A pesquisa na Vrije Universiteit Amsterdam - VU.....	59
4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O REMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	63
<b>CAPÍTULO 2: ALVORADA DO REMO: MEMÓRIA, CIDADE E IMAGENS.....</b>	<b>65</b>
1. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ANTROPOLOGIA.....	65
2. O GUARDIÃO DA MEMÓRIA.....	68
3. O ACERVO COMO NARRADOR.....	73
4. ONDE COMEÇA O PASSADO?.....	74
5. OS NOMES E O REMO.....	82
6. A EMERGÊNCIA DA CIDADE.....	90
7. AVANÇOU A CIDADE, CONTRAIU O MAR.....	98
8. UMA MEMÓRIA EM DUAS DIREÇÕES.....	102
9. A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO REMO.....	106

<b>CAPÍTULO 3: "OS VENCEDORES CHEIOS DE GLÓRIAS" .....</b>	<b>109</b>
1. AS EXPERIÊNCIAS DE MASCULINIDADES NO REMO EM FLORIANÓPOLIS (1915 - 2019) .....	109
2. A EMERGÊNCIA DOS ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADE.....	112
2.1 As múltiplas masculinidades .....	117
3. A IMAGEM DA NOVA NAÇÃO, DOS NOVOS CORPOS.....	120
3.1 A virilidade nos corpos.....	125
3.2 A masculinidade da guerra .....	133
3.3 O lugar das mulheres.....	135
4. OS VENCEDORES CHEIOS DE GLÓRIAS.....	138
4.1 Os remadores interlocutores .....	141
4.2 As gerações e o continuum da masculinidade.....	144
4.3 Remadores negros: mais além ou mais a quem da pele.....	149
 <b>CONCLUSÕES FINAIS:</b>	
O REMO, UMA MEMÓRIA DO FUTURO.....	155
Para lembrar é preciso esquecer.....	159
Uma história que a história dos riachuelinos não conta.....	161
Do outro lado do mar, as minhas memórias.....	165
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>168</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>176</b>

## INTRODUÇÃO

**“Os vencedores cheios de glória”.** Articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis.

"História não é bula de remédio nem produz efeitos rápidos de curta ou longa duração. Ajuda, porém, a tirar o véu do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre nosso passado, nosso presente e sonho de futuro". (Lilia Schwarcz, 2019, in: Sobre o autoritarismo brasileiro).

### História e Historicidade do remo

Sabemos pela historiografia, que a origem do remo como atividade esportiva<sup>1</sup> data do início do século XIX. Quando nas margens do Tâmsa, em Londres, começaram a surgir as primeiras disputas recreativas entre barcos, associando se diretamente com uma competição esportiva. A partir daí, diversos clubes de remo começaram a surgir nas margens do rio. A primeira universidade a incluir o remo como atividade recreativa foi a *University of Eton*, em 1806. Cinco anos mais tarde, em 1811, o remo ganharia sua primeira manchete em um jornal importante, associando sua prática aos "novos tempos", uma referência clara à modernidade.

Não demorou muito e a *Cambridge University* e a *Westminster School*, duas universidades importante, já tinham formado suas primeiras equipes, organizando as primeiras regatas entre estudantes jovens da elite inglesa. O entusiasmo pelo remo esportivo era cada vez maior e os desafios entre as escolas e as universidades deram início às primeiras reuniões para fixar de vez o remo como esporte. Em 1814, após o término das guerras

---

<sup>1</sup> O barco a remo, que há séculos é usado como meio de transporte em combates navais, e mais recentemente em recreação e em competições, tem sua longa história caracterizada por uma série de etapas e descobertas cronologicamente imprecisas, fazendo com que a ordem desses conhecimentos dificilmente possa ser reconstruída com absoluta precisão. Para os homens pré históricos, os rios, lagos e mares representavam obstáculos extremamente difíceis de serem vencidos. Impossível afirmar se as primeiras experiências de navegação foram apenas tentativas para vencer as correntes líquidas ou se motivadas por acontecimentos imprevistos, como ataques de animais perigosos, inundações ou incêndios. De qualquer modo, em todas as hipóteses, a criatividade foi estimulada para encontrar uma solução favorável, e a idéia básica de como vencer as águas foi sem dúvida influenciada por algo que flutuasse e se desloca se ao fluxo das correntes.  
In: LICHT, Henrique. **O remo Através Dos tempos**. Porto Alegre, Corag, 1986. p.238.

Napoleônicas, o remo se instalaria em toda Inglaterra como uma atividade nacional, dando vazão ao grande número de jovens que voltavam de um longo envolvimento com a disciplina militar.

A prática foi rapidamente importada para as grandes cidades dos Estados Unidos, como *New York*, Boston e Chicago, se mantendo efervescente apenas dentro do mundo anglo-saxão por quase vinte anos. Somente, em 1830, aparecem os primeiros registros de regatas na França, como adaptações do *canotier*<sup>2</sup> - uma prática cidadina e experimental que propunha um rompimento com o trabalho e com o tempo cotidiano, muito presente nos parques - para o modelo competitivo e esportivo dos barcos ingleses. Em 1834, se registra a primeira regata oficial no *Parc de la Ville*, em Paris, e somente um ano mais tarde, alguns comerciantes ingleses radicados na França, iriam fundar o primeiro clube de remo em *Havre*, noroeste da França.

As décadas entre 1840 e 1850 foram anos de expansão do remo esportivo. Foram fundados clubes no Canadá, na Índia, Taiwan, Austrália e quase todo o mundo dominado Grã Bretanha, assim como em quase todos os países da Europa, especialmente na Alemanha, na Holanda e Bélgica. Em 1860, todas as grandes universidades do mundo ocidental já haviam incorporado o remo como uma atividade essencial para a formação e a disciplina dos seus alunos, homens.

A França rapidamente assumiria maior protagonismo dentro do circuito internacional de remo. Em 1892, foi fundada a *Fédération Internationale des Sociétés D’Aviron*, que se estruturou tomando por base as Sociedades francesas de Ginásticas com a prática competitiva inglesa. A atual *FISA*, passaria a ditar as normas em todos os países em que o remo seria praticado e agora, o *aviron* (remador em francês), ou o *rower* (remador em inglês), passariam a ser calculados por suas massas corporais aliadas à embarcação, as roupas passariam a ser

---

<sup>2</sup> O termo *Canotiers*, utilizado durante parte do século XIX, é oriundo dos marinheiros que assumiam funções de orientação nas embarcações; com a organização dos clubes náuticos franceses, a partir de meados do século XIX, o termo sofre alteração e *aviron* passa a ser utilizado ao praticante do Remo. Cf. WILLAUMEZ, Jean-Baptiste-Philibert. **Dictionnaire de Marine**. Paris: Bachelier, Père et Fils, Libraries pour la Marine. 1831. p.50 - 122.

produzidas para um melhor movimentar-se da musculatura no ato da regata e o esporte veria sua evolução na classificação das provas de acordo com o número de remadores.

Norbert Elias (1992)<sup>3</sup>, um dos principais autores dentro da sociologia histórica a pensar a incorporação de práticas cotidianas à categoria de esporte, iria centrar grande parte das suas análises em este processo - especialmente no remo - chamando a este movimento de processo civilizador. Segundo ele, isto "se deu na educação do corpo, na contenção dos impulsos, no refinamento dos gostos, na mudança da percepção dos sentidos e numa nova organização do tempo e do espaço" (Elias, 1992, p.75). Nas possibilidades de transformar a subjetividade dos novos atletas como marcas que constroem um "*ethos* esportivo".

Junto a esses novos corpos, os espaços urbanos também passariam a ser modificados. Tanto na França quanto na Inglaterra, as competições de remo atrairiam um considerável número de espectadores às margens do Sena e do Tâmsa. Assim, governos, clubes náuticos e imprensa perceberam a necessidade de organizar e disciplinar os observadores das regatas em espaços mais apropriados. Essas reformas aconteceram num contexto de revolução industrial, de urbanização, de modernização e nacionalismos, e tudo isso passaria a ser pensado como prioridade na política cultural, voltadas à formadores de homens modernos para a nova sociedade. O processo civilizador descrito por Elias (1992), que demandava dos corpos uma educação dos gestos e de civilidade, de perfectibilidade, de saúde e de vigor, estaria intrincados com a busca de espaços urbanos para a prática de exercícios, na construção de tempos livres, de sociabilidades, do espírito de conquista e de competição.

No Brasil, esse processo chegaria com mais força só no final do século XIX e início do século XX, junto a acontecimentos políticos e econômicos como a Proclamação da República, a Guerra do Paraguai e a abolição da escravatura. O remo se instalou e se afirmou num Brasil inserido num ciclo modernizador e o ajudaria com emergência dessa nova nação na construção de um vínculo nacional. Nesse contexto, cidades como Rio de Janeiro e Porto Alegre, teriam seus primeiros clubes náuticos organizados por imigrantes franceses, alemães e lusos. São os primeiros clubes que se tem registro e foram fundados no Rio de Janeiro, a

---

<sup>3</sup> ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

Union de Canotiers, em 1892, e em Porto Alegre, o Ruder Club Porto Alegre, em 1888, com nomes mostrando a dupla influência francesa e inglesa. Mas, somente no ano de 1900 surge na região de Niterói um dos primeiros conselhos de regatas, chamado de Conselho Superior de Regatas, que passaria a funcionar como uma Federação Brasileira das Sociedades de Remo, e que tinha por objetivo regulamentar o remo como esporte a nível nacional.

Finalmente, em 1903, o remo chega à capital de Santa Catarina com a fundação do primeiro clube, o Clube de Regatas 29 de Abril. Ligado à federação do remo do Rio de Janeiro, fecharia suas portas três anos mais tarde, sem algum motivo muito claro. Somente entre os anos de 1915 e 1918, com a fundação dos Clubes Náuticos Riachuelo, Martinelli e o Clube de Regatas Aldo Luz, é que o remo adquiriria em Florianópolis sua característica de prática física salutar. Se inserindo como ator importante nas transformações urbanas que ocorriam na cidade e que visavam higienizar e dar ares modernos aos seus habitantes. A prática foi incentivada por intelectuais, imprensa e elites econômicas e políticas, como descreve Sartori (2013)<sup>4</sup> "Os remadores tornar-se-iam verdadeiros heróis ao exibirem sua força, beleza e disciplina à sociedade" (Sartori, 2013, p. 24).

É nesse sentido que a história do remo em Florianópolis se confunde muitas vezes com a história da cidade (Sartori, 2013, Ferreira, 1998, Cabral, 1979). Seja com as mudanças sociais e urbanísticas associadas ao desenvolvimento do esporte, seja com as mudanças de hábitos entre seus antigos habitantes. O remo chegaria numa cidade com características de ilha, ou numa ilha com desejos de cidade. Onde encontraria o transporte marítimo e a atividade náutica, suprimindo a necessidade do transporte e vinculada a circulação de pessoas, mercadorias e todo tipo de bens de consumo. No serviço básico dos antigos moradores de Desterro, como na pesca, na extração, no despejo e como meio de comunicação (Ferreira, 1998, p.36)<sup>5</sup>. Historiadores como Oswald Cabral (1979) apontam para uma história de Florianópolis construída ao longo do século XIX e XX dentro das águas.

Em frente à praça XV, estava a praia da Praça Central, que percorria quase toda a rua do Príncipe e terminava na Augusta, atual João Pinto, construindo uma propícia enseada para a navegação do comércio. "Ali ficavam as

---

<sup>4</sup> SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2013.

<sup>5</sup> FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

canoas que dos diversos pontos da ilha e do continente próximo traziam gêneros para expô-los à venda, em esteiras desdobradas ao longo das areias” (Cabral, 1979. p.85)<sup>6</sup>.

E assim, como a história da cidade é contada pelos documentos e pelos historiadores, a história do remo é compartilhada e contada hoje entre os remadores de várias gerações, que se reúnem durante as competições que acontecem aos sábados, nas raias da beira mar norte ou da beira mar sul - dependendo da direção do vento do dia em que essas reuniões acontecem. As histórias e as memórias que esses atletas compartilham são os fragmentos que dão conteúdo a esta tese. São relatos que se misturam e se fundem não apenas em uma verdade sobre as façanhas dos barcos, dos proclamados "tempos de glórias", como são conhecidos os idos anos 1940, mas em várias versões do passado que por vezes se contradizem ou se complementam.

Desde sua chegada, o remo está atrelado à identidade da cidade. Ele representa as pulsões evocativas da vida social de Florianópolis antiga. As competições de barcos chegaram ao seu auge entre as décadas de 1920 e 1940, época conhecida como “tempos de glória”. Eram grandes acontecimentos que reuniam atletas, sócios dos clubes, políticos, autoridades, torcedores e público em geral. Os diversos clubes promotores dessas competições tiveram significados importantes na condução da civilidade, da animação cultural, da visibilidade social, bem como das redes de amizade e sociabilidade que transcendem o âmbito do tempo-espaço do esporte e do lazer, atingindo relações políticas, econômicas e sociais (Sartori, 2013, p. 80)

De lá para cá, muita coisa mudou e muitas coisas se transformaram. Não só no "ethos esportivo" descrito por Elias (1992), um refinamento dos gostos, uma mudança da percepção dos sentidos, mas numa nova organização do tempo e do espaço urbano - já que as competições de remo exigiam uma nova infraestrutura para albergar espectadores às margens da extinta baía sul - mas a modernidade também criou seus novos palcos entre os amontoados de pedra, os trapiches e o antigo Miramar, no Mercado Público.

Esta tese se centra nessas transformações ocorridas em Florianópolis a partir da

---

<sup>6</sup> CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro: 1**. Notícia. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979.

chegada do remo, e para tal analisa dois objetos. Articulado neles os conceitos antropológicos de masculinidades e memória. Mostrando como as narrativas contada pelos remadores, se transforma numa sorte de justificativa, enredo e canto de torcida organizada, como diria Schwarcz (2019)<sup>7</sup>. Construindo um passado muito pautado em mitos "Os vencedores cheios de glórias", que, de tão enraizado, costumam resistir à realidade. E as transformações ocorridas são incorporadas como um modo de repetição e continuidade da história, intrínseco na construção dessas narrativas identitárias, como um modo de reprodução e manutenção do presente (Sahlins,1987)<sup>8</sup>.

O primeiro objeto analisado são imagens fotográficas que compõem é a exposição intitulada "A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas"<sup>9</sup>. Construída, musealizada e exposta nos salões do Clube Náutico Riachuelo, pelos próprios riachuelinos<sup>10</sup> durante a comemoração do seu centenário, que começou em 2015, ano em que começa o trabalho de campo. As narrativas sobre a memória e a história do remo que emergem das imagens, valorizaram aspectos produtivos possibilitando nos uma outra forma de *ver* e mostrar o passado de Florianópolis, dotando as imagens de "agência". Assim, o acervo se torna nosso principal narrador em esta etnografia, possibilitou uma história avessa sobre a emergência desses novos conceitos estéticos advindos da era da modernidade.

O segundo objeto analisado corresponde a fragmentos de uma etnografia construída a partir do método da observação participante, durante o período de março de 2015 a setembro de 2018, no local do Clube Náutico Riachuelo. Esses fragmentos foram colhidos enquanto acompanhava as atividades e os festejos das comemorações pelo centenário, assim como a montagem dessa exposição. Durante esse período, aconteceram várias mudanças estruturais dentro dessa instituição, como partes de um projeto de reformas que visavam

---

<sup>7</sup> SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 24 de mai. de 2019.

<sup>8</sup> SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.

<sup>9</sup> É possível ter uma noção mais ampliada sobre o acervo ao qual nos referimos em este vídeo realizado pelo César do Canto Machado e publicado no seu canal do *youtube*, em 10 de fevereiro de 2018, ao qual ele se refere como "O Acervo que mostras os grandes momentos do Clube Náutico Riachuelo". No link: <https://www.youtube.com/watch?v=pXTMCh9pj0c> acessado em 10 de novembro de 2018.

<sup>10</sup> Utilizo a categoria "Riachuelinos" ao longo da tese como uma categoria identitária nativa. Este nome foi dado às pessoas associadas ao Clube Náutico Riachuelo pelos jornais locais na década de 1920 e faço uma breve discussão sobre seus usos e suas variáveis nos capítulos 2 e 3.

atualizar o clube às exigências do cenário nacional de competição profissional de remo. Dito de outra forma, essas reformas vieram como parte de uma intenção de profissionalizar o Clube Náutico Riachuelo, por ele ter ficado "parado no tempo" - como o definiram alguns dos meus interlocutores.

Concluindo que, esses “tempos de glória”, transforma-se facilmente naquele momento da intimidade que é compartilhado hoje durante as regatas na beira mar, num léxico familiar de afeto, entre os riachuelinos. Que os une e hierarquiza, numa comunidade histórica de Florianópolis. Essas narrativas que emergem ao longo deste trabalho, representam a projeção simbólica dos meus interlocutores, capaz de assegurar a continuidade desse mundo que, na verdade, jamais existiu. As imagens as quais nos referimos, viraram lendas desses tempos gloriosos, e são como os sonhos que se apresentam na forma de inflexão da lembrança sem compromisso algum com o presente. E de tão seletivo, esse tempo deixa de pertencer à história, propriamente dita, para adentrar uma certa memória da história (Schwarcz, 2019, p.18).

Partimos do pressuposto de que o passado elevado e glorioso das fotografias que analisamos talvez nunca tenha ocorrido; mas são evocadas como uma memória fora do tempo criando um tempo da “exemplaridade” entre os remadores. É um exercício de narrativa e de imaginação política, uma vez que se pauta no exercício da nostalgia dos “tempos de glória” que se projetam para o presente tentando sempre esquecer os destroços que também ocorreram. Podemos afirmar que esse modelo de narrativa, é um paradigma utilizado por governos na atualidade (Schwarcz, 2019), que usam o passado como o fermento para uma série de políticas autoritárias, e que vão ganhando forma e musculatura no Brasil especialmente desde 2015, quando começamos esta pesquisa. Assistimos assim o surgimento de uma narrativa nacional e local que usa o passado como um elemento essencial para estruturar a identidade gloriosa no presente.

Esta tese foi escrita entre 2019 e 2020, após a eleição presidencial de Jair Bolsonaro. Num cenário global em que a emergência de governos conservadores, que inundaram a política contemporânea, não se limitaram apenas a retornar ao passado, mas se apresentam como uma forma de reencarnação dele. Trata-se de fenômeno tão atual como complexo que

tentamos dar conta aqui. O que esses novos governos autoritários têm em comum com o processo descrito entre os remadores é o movimento de trazer o passado como uma forma de profusão estratégica, recriando uma narrativa mítica e gloriosa dele. Como um retorno nostálgico aos valores das tradições, da disciplina militar e da modernidade. Como se esses fossem sentimentos puros, imutáveis que precisam ser resguardados.

### **Como e quando cheguei no clube**

Durante meu mestrado, em Antropologia Social na UFSC, a pesquisa que realizei se centrou sobre os diferentes usos da imagem entre os integrantes de uma ONG chamada Fábrica de Imagens<sup>11</sup>, localizada na cidade de Fortaleza, no Ceará. O trabalho de campo naquela ocasião, me exigiu uma mudança temporal de cidade para acompanhar a produção de um festival de cinema que eles organizam, chamado "Curta o Gênero". Para introduzir me de maneira plena na produção desse festival exigiu um tipo de engajamento político, ativo, especialmente no que diz respeito às questões da agenda feministas. Isto foi fundamental para que as pessoas aceitassem minha presença com carinho.

Durante quatro meses, me dediquei por tempo integral à experiência de estar imenso nas atividades dessa ONG e no fim, essa experiência da imersão foi fundamental para o processo de elaboração do texto da dissertação intitulado: *Making on. Ritual, Performance e Representação* na mostra Curta o Gênero (Caje, 2015)<sup>12</sup>, defendido em fevereiro de 2015. Em março desse mesmo ano, havia defendido a dissertação e já estava matriculado no curso de doutorado no programa Pós-Graduação da UFSC, com o objetivo de dar continuidade a meus estudos dentro do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem (NAVI).

Como tudo havia ocorrido tão rápido, indeciso com a ideia de dar continuidade ao projeto da dissertação, que implicava em dar continuidade a pesquisa sobre os usos da imagem no contexto daquele grupo. Decidi então buscar um grupo que estivesse ligado à

---

<sup>11</sup> Organização não-governamental que trabalha com foco em questões de gênero e cidadania. Atuando principalmente nas ações voltadas para assistir, apoiar, difundir e potencializar os movimentos feministas, negro, LGBTQs e indígenas do Ceará. Link acessado em janeiro de 2020 <https://www.fabricadeimagens.org/>

<sup>12</sup> CAJE, Cristhian. **Making on: ritual, performance e representação no festival Curta o Gênero**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2015.

construção da identidade dos habitantes de Florianópolis, já que minha origem é "estrangeira". Onde pudesse articular e aprofundar os estudos sobre imagem e relações de gênero. Essa trajetória inicial impactou este trabalho na medida em que deram continuidade ao desenvolvimento das temáticas que estavam também presentes na minha trajetória acadêmica que se iniciara.

Foi mais ou menos nessa época, me debatendo naqueles dramas de início de doutorado, que tive meu primeiro contato com o remo. Lembro perfeitamente a primeira vez que avistei a prática do remo ao longe, eu estava fazendo o trajeto pelo calçadão da beira-mar norte, de bicicleta, passando em frente do Shopping Beira Mar. Uma memória sensorial daquele dia me invade durante este momento da escrita: a água estava calma, não havia vento, o reflexo do sol dava a impressão de um espelho da água, como poucas vezes costuma ficar a beira mar e com o calor da tarde parecia difícil permanecer remando naquele tarde.

Depois do convivendo com os remadores, eles me ensinaram que há uma relação entre o lugar, esses elementos, a posição do barco e a hora em que essa visão ocorreu. Aprendi, mais tarde, que eles aprendem a fazer uma equação, somando a direção do vento e o movimento da marola<sup>13</sup>, que permitem criar cartografias no mar, onde se desenham linhas imaginárias<sup>14</sup>, como territórios do remo, dando visibilidade aos espaços como vemos a abaixo, na **Imagem N° 2**.

---

<sup>13</sup> No dicionário informal Aurélio, a palavra “marola” é descrita como: maré baixa; mar calmo, sem ondas ou com ondas muito fracas.

<sup>14</sup> Chamei estas raias de "Linhas imaginárias", no primeiro trabalho audiovisual que desenvolvi sobre o remo. A produção destas cartografias marinhas, foi uma inspiração para o trabalho de conclusão da disciplina de sociedade e meio ambiente, ministrada no primeiro semestre do doutorado, sob a orientação do Professor Rafael Devos. Segue o link no youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=0FDwds\\_RhNY&t=464s](https://www.youtube.com/watch?v=0FDwds_RhNY&t=464s)



**Imagem N° 2:** Mapa com as raias que delimitam o trajeto dos barcos  
*(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)*

Naquele dia voltei para casa ansioso por achar informações na internet, resolvi buscar no *google* qualquer coisa sobre o remo em Florianópolis, também fiz uma postagem no *Facebook* perguntando para as pessoas da minha rede social se alguém já tinha feito aulas ou tido algum tipo de contato com esse esporte. Duas mulheres me responderam. As duas, colegas de pós-graduação, de outros programas, uma vinda de São Paulo, argumentou que tinha começado a fazer aulas de remo mas desistiu por conta do horário em que começavam com os treinos (muito cedo), mas que durante seu mestrado na USP, o remo é praticado dentro do campus da Universidade Federal, e que por conta disso tinha uma flexibilidade maior em relação aos horários dos treinos. A outra colega que respondeu diz que não teve até então nenhum contato mas que tinha interesse em fazer aulas também, falou que conhecia uma amiga que fazia, pesquisadora do Núcleo de Pós-graduação em História da UFSC e que estava inserida num projeto que incluía pesquisas sobre os três Clubes de remo da cidade. Mais tarde, esta pergunta inicial me traria outros resultados, quando analisados na lente das relações de gênero e do sistema de redes de contatos que fui tecendo depois delas.

Alguns dias depois, decidi visitar pela primeira vez o Parque Náutico de Florianópolis, onde se encontram os galpões dos clubes de remo. Fui de bicicleta, fazendo o

mesmo trajeto pela beira-mar norte. O primeiro galpão em que parei, é a do Clube Francisco Martinelli. Observei o local por fora primeiramente, estava bastante movimentado, rapazes e meninas, numa faixa etária de quinze anos para cima, corpos atléticos, alguns limpando barcos, outros carregando remos e do lado de fora, bastantes carros estacionados, como se estivesse acontecendo um evento importante, ou alguma atividade social.

Decidi entrar, me apresentei, fui recebido pelo treinador, um homem branco, de mais ou menos minha idade, que se apresentou como o responsável técnico e me mostrou as instalações do lugar, naquele momento demonstrou pouquíssimo interesse na minha pessoa, me dando poucas explicações sobre o funcionamento dos treinos, me deu um breve *tour* e comentou que a escola de remo para “os membros da comunidade” funcionava apenas no horário da tarde e que o horário da manhã estava reservado para os atletas “jovens”. Agradei a atenção e decidi continuar visitando os demais galpões.

Em seguida, passei em frente ao galpão do Clube de Regatas Aldo Luz, este parecia ter bem menos movimento de pessoas, com certo aspecto abandonado, visto desde o lado de fora, não me senti à vontade para entrar. Até hoje o Aldo Luz mantém pouco protagonismo no cenário dos clubes de remo. Então segui para o próximo galpão, a do Clube Náutico Riachuelo. Aí fui recebido com muita atenção e com bastante paciência pelos treinadores Lauro e Letício<sup>15</sup>, ambos se apresentaram como os responsáveis pelo treinamento “dos meninos”.

Lauro me diz que era o responsável pela parte técnica do treinamento, ele, que havia começado a remar pelo Riachuelo na década de 1970, teve uma longa trajetória como atleta e na diretoria do clube. Uma das suas funções era acompanhar os barcos dentro da água, desde uma lancha, e corrigir a técnica dos atletas. Letício tinha outra função, ele se formou em educação física e nunca havia sido remador - estava aprendendo - portanto, o trabalho dele era cuidar especificamente do condicionamento físico dos atletas e ficar responsável pelos alunos da escolinha de remo, onde me encaixaram.

---

<sup>15</sup> Todos meus interlocutores têm nomes fictícios, a exceção do Seu Décio, que chamam carinhosamente de guardião da memória. Decidi mantive o nome por ele ser uma figura pública e por utilizar recortes de jornais para descrever seu trabalho com as fotografias. Todos os nomes que dei a meus interlocutores pertencem a mulheres e são nomes que normalmente não tem uso no masculino.

Depois de um tempo de frequentar o espaço, me arrependi de não haver entrado aquele dia no galpão do Aldo Luz. Nunca mais voltei lá, não por que não queira, mas por que existe uma territorialidade que é determinada pela rivalidade entre os clubes. Sempre precisei estar alerta a isso e manter um certo cuidado para não ter contato com os demais remadores, isso representava um perigo<sup>16</sup>. Então, o que soube dos outros clubes, até o final desta pesquisa, foram informações que meus interlocutores me deram, ou obtidas nos livros de história, ou pela mídia.

Com o tempo aprendi que a distância entre os galpões era muito maior do que aqueles poucos metros que os separavam, uma distância simbólica que se mede pelo status e pelas memórias centenárias. Manter uma certa distância é parte do *ethos* dos riachuelinos, dos aldistas e dos martinelistas. E a distância entre o Riachuelo e o Aldo Luz é menor ainda que a distância entre o Riachuelo e o Martinello, que foram os primeiros a disputar uma hegemonia. Na **Imagem N° 3** aparecem os três galpões, um ao lado do outro. O primeiro, com a fachada azul, é o Riachuelo, logo, ao lado, o galpão do Aldo Luz, com detalhes em vermelho nas portas, e por último, quase chegando a ficar embaixo da ponte, aparece o galpão do Francisco Martinelli.



**Imagem N° 3:** Fachada dos galpões dos clubes  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

---

<sup>16</sup> Perigo, nos termos da Mary Douglas. DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

## Meu corpo em campo

Propor um trabalho de pesquisa sobre masculinidades entre homens, remadores, considerando-me um homem gay, feminista, não é de forma alguma evidente. E mesmo que para alguns colegas haja alguma forma de erotismo óbvia nesse empreendimento, os riscos são muitos. Eu destacaria dois que me parecem importantes para situar minha própria perspectiva de análise, alimentada tanto por minha experiência de vida, como por minha prática intelectual, e estabelecer a partir deles, alguns pontos de intersecção entre minha identidade como pesquisador, como sujeito vs. os remadores, meus interlocutores.

Situar meu corpo em campo, ou posicionar-me, como propõe Renato Rosaldo (2000)<sup>17</sup> em seu livro *Cultura y Verdad*, sugere que todas as interpretações em campo são realizadas por sujeitos pesquisadores que estão preparados para saber certas coisas e não outras, para aceder a certos significados e desenvolver certos interesses:

"El etnógrafo, como sujeto posicionado, comprende ciertos fenómenos humanos mejor que otros. El o ella ocupa una posición o ubicación estructural y observa desde una perspectiva específica. [...] La noción de posición se refiere a cómo las experiencias de la vida permiten o impiden un cierto tipo de explicación " (Rosaldo, 2000, p. 39-40).

Seguindo esse raciocínio, começo falando da minha biografia pessoal, porque acredito que os dados que trago sobre minha trajetória individual servirão posteriormente para justificar algumas das minhas escolhas teórico-metodológicas. Levando em conta que meu trabalho de observação participante foi em um contexto que tem como norma a masculinidade hegemônica, sinônimos de branquitude e heterossexualidade, meu corpo, no sentido atribuído por Loic Wacquant (2002)<sup>18</sup>, com suas características singulares, que descrevo a continuação, que são opostas às normas que regem o campo, me ajudaram a fazer um contraponto importante para pensar elementos da identidade do remador - e a minha - permitindo assim, desestabilizar algumas delas.

---

<sup>17</sup> ROSALDO, Renato. 2000. *Cultura y Verdad: la reconstrucción del análisis social*. Quito: Abya-Yala.

<sup>18</sup> WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e Alma - Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. p.294.

Um primeiro ponto de intersecção que destaco é o fato de ser estrangeiro. Nasci em Asunción, Paraguai, em maio de 1984. No seio de uma família católica, integrante de uma reduzida classe média, dentro de uma sociedade marcada por trinta e nove anos de ditadura militar. De criança, acompanhei o golpe de estado e grande parte do período chamado de transição democrática em meu país. Minha mãe foi empresária e meu pai servidor público. Decidi migrar aos dezenove anos para cursar a faculdade na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

Por tanto, minha origem social me garantiu um certo capital cultural que permitiu compartilhar experiências com alguns dos remadores, mas não com todos. A escolha por uma carreira universitária, por exemplo, no meu caso, não foi uma alternativa, foi quase uma obrigação. E só aqueles remadores com origem nas camadas médias, e com maior capital cultural, acabam por seguir o destino da universidade. Uma grande parte dos atletas segue a carreira militar, quase que um "destino social", nas palavras de Bourdieu (2011)<sup>19</sup>.

Minha nacionalidade paraguaia me colocou em um lugar de destaque no imaginário dessas pessoas. O Paraguai é esse lugar que aparece nas narrativas de sua memória, e que está omnipresente na história do clube, contada pelos mais velhos. O lugar das vitórias que lhe foi outorgado desde sua fundação e o batizado com o nome de "Riachuelo", em homenagem a uma batalha que ocorreu durante a guerra que leva o nome de Guerra do Paraguai - no capítulo 3 apresento as relações dos nomes e os elementos republicanos. Meu sotaque castelhano me rendeu o apelido de *gringo*.

O Antonieto, a quem considero meu principal interlocutor, e quem se tornaria posteriormente meu amigo, me deu esse nome de forma carinhosa, brincalhona, mas me acolhendo dessa forma no grupo e me adotando como seu confidente. De um jeito masculino, claro, mantendo sempre uma certa distância, uma amizade heterossexual.

Um segundo ponto de intersecção, de risco, seria a ilusão de que havia uma simetria dada pelo fato de eu ser um homem inserido em um grupo de outros homens. Oito anos

---

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**, (Português) Capa dura – 1 jan 2011. Editora: Zouk; Edição: 2ª (1 de janeiro de 2011).

depois de ter me mudado para Brasil, decidi me assumir publicamente como um homem “gay”. Isto me fez desenvolver um entusiasmo pelas questões de gênero e em seguida, de forma muito relacionada à anterior, meu desejo por questionar a identidade a partir de um desconforto pessoal e intelectual.

Expressando isso em uma série de trabalhos que realizei ao longo da minha formação acadêmica e na militância, dentro do movimento político LGBTi<sup>20</sup>, e desde então, me considero que faço parte do grupo de homens que detêm uma masculinidade “não hegemônica”, um lugar social, em contraposição à masculinidade hegemônica construída e almejada entre os remadores.

O silêncio sobre minha orientação sexual - porque nunca foi abertamente exposta enquanto durou o trabalho de campo - se tornou uma característica que interpelava meus interlocutores constantemente. A curiosidade crescia quando não entrava nas disputas comuns dos elementos *clichês* da masculinidade, ou na hora de fazer comentários sobre minha vida sexual, que eram as temáticas comuns em momentos nos intervalos dos treinos. Evitei sempre responder qualquer pergunta que revelasse minha homossexualidade de forma aberta. A mais comum, que tive que lidar sempre e mesmo quando surgia tentava não responder de forma direta era, “cadê sua namorada? você tem uma?”. Esses momentos de incômodo, me lembravam muito a uma volta ao armário, literalmente - vou aprofundar esta discussão mais adiante, no capítulo 4, quando analiso especificamente a construção das masculinidades entre os remadores.

Enfim, o reconhecimento do fato de que todos somos "observadores situados" como aponta Rosaldo (2000), foi uma das facetas mais atraentes e que mais me conferiu poder em campo. A consciência de que minhas impressões sobre os remadores não partiam de lugar nenhum, mas de uma posição, reflexiva, partindo da minha identidade, foi um enorme ganho para as relações entre nós. E por mais que considere as experiências em campo como complicadas de maneira geral, meus dias no Riachuelo tornaram-se instigantes vistos desde estes pontos que coloco como intersecção.

---

<sup>20</sup> Movimento pelos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexo.

Eu era considerado pelos remadores mais jovens, como aquele cara mais velho, com os cabelos grisalhos, com sotaque esquisito, grandão - como alguns deles me chamavam -, e que ninguém sabia exatamente qual era meu trabalho ou a função aí dentro. Nas palavras do meu amigo Antonieto, eu era um "gringo fofoqueiro", que estava aí para "fazer uma pesquisa" que não sabia como explicar.

Várias vezes puxei conversa com o Antonieto para tentar dar-lhe alguma resposta ou esclarecê-lo de alguma forma, a respeito de qual era o papel do Antropólogo na sociedade, sobre qual era o nosso método de trabalho e, em que circunstâncias podíamos ser requisitados pelos grupos estudados. Um dos meus maiores desafios era o de me integrar ao cotidiano deles, mesmo que meu trabalho fosse, sim, prestar atenção nas fofocas. Como pesquisador, antropólogo, por meu corpo em campo implicou em agudizar a prática da observação e da escuta, focando sempre a escuta como elemento fundamental para a elaboração de uma etnografia. Prestar atenção nas histórias contadas pelos remadores, para depois contá-las tal como as ouvi.

Sistematizar nossas conversas, analisar seu contexto e eventualmente refletir sobre a possibilidade de uma teoria universal embutida nelas a partir dos conceitos citados acima, levando em conta que não é fazer literatura nem ciência meu objetivo neste capítulo, mas sim fazer literatura e ciência através das reflexões sobre a experiência em campo. Permito-me me colocar, por vezes, como um pesquisador mais objetivo, preocupado em estabelecer um certo distanciamento com os sujeitos ou objeto da minha pesquisa, e, por outras vezes, apenas entregue à experiência do campo, tensionando minha própria identidade como sujeito pesquisador e situando-o através da consciência de determinadas características sociais, subjetivas e de gênero, confrontando e gerando aquele incômodo, típico do trabalho de campo do antropólogo, que desestabilizou certas normas para mim e para eles.

Por último, e antes de continuar com a apresentação desta tese, cito algumas palavras do antropólogo Tim Ingold (2019), publicadas no seu livro *Anthropology: why it matters*<sup>21</sup>, ou Antropologia, Para Que Serve? - numa tradução livre,

---

<sup>21</sup> INGOLD, Tim. **Anthropology: why it matters**. Polity Press, [2018] | Series: Why it matters | Includes bibliographical references and index. ISBN 9781509519835 (Epub) Tim Ingold. "Anthropology". Apple Books.

"We don't care for others by treating them as objects of investigation, by assigning them to categories and contexts or by explaining them away. We care by bringing them into presence, so that they can converse with us, and we can learn" (Ingold, 2018, p.194).

que me ajudaram a chegar a algumas conclusões e a refletir sobre alguns elementos que fazem parte do processo de aprendizagem de um antropólogo, o “engajamento”. Ingold diz, referindo-se à Antropologia como disciplina, que "ela não ambiciona nem reduz todas as coisas a dados nem converte esses dados em produtos, apenas", e insiste em que não pode haver conhecimento antropológico “que não cresça do nosso engajamento prático com os outros, pois o que impulsiona os antropólogos em alguma instância não é a demanda por conhecimento mas uma ética do cuidado”.

### **O conteúdo desta tese**

As reflexões desenvolvidas em esta tese contribuem para um debate acadêmico em torno a vários campos de conhecimento das Ciências Sociais, como a Antropologia e seus diálogos com a História, assim como da Antropologia visual, mais aproximada a uma área de fronteiras disciplinares que se pode denominar de Cultura Visual. No seu desenvolvimento, o aspecto subjetivo contido na experiência do olhar emergiu como uma questão precedente. Ou seja, as representações em si, passaram a ser percebidas como elementos de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo, não podendo ser isoladas da experiência do antropólogo em campo.

O primeiro capítulo, “Remando em águas da antropologia”, tenta identificar um referencial bibliográfico, específico sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras, frente ao amplo destaque que o futebol tem dentro desse campo - onde buscava remo, encontrava o futebol. Posteriormente, esse esforço foi ampliado em 2018, período em que ocorreu o estágio de doutorado na *Vrije Universiteit Amsterdam*. Portanto, a análise bibliográfica que esse capítulo traz, inclui também dados coletados na biblioteca desta universidade. Assim como artigos acadêmicos publicados em revistas internacionais, de modo a identificar alguns padrões de produção científica sobre a modalidade do remo lá fora. Trata-se de um mapa, de uma primeira abordagem, na qual não entrei em considerações epistemológicas das opções dos diversos autores. Isso poderá bem ser o tema de um artigo futuro.

O segundo capítulo, intitulado “Alvorada do remo: memória, cidade e imagens”. Apresenta, num primeiro momento, o campo teórico e literário dentro da antropologia sobre o qual entendemos o conceito de memória, história e identidade, introduzindo os principais autores que utilizaremos ao longo desta tese. Num segundo momento introduz a exposição fotográfica intitulada "A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas", e características singulares deste acervo justificando a escolha pelo qual o escolhemos como objeto de análise. Assim como as atividades decorrentes do calendário de comemorações, sendo este um marco para a identidade dos riachuelinos. E a emergência da cidade nas imagens que analisamos. As transformações ocorridas em Florianópolis para albergar e assistir o remo.

O terceiro capítulo, “Os vencedores cheios de glória”, combina pesquisa social e um campo de conhecimento emergente, como os estudos das masculinidades, em uma perspectiva relacional, para explorar as continuidades e discontinuidades históricas das relações de gênero no contexto do remo em Florianópolis, nos últimos cem anos. Através das suas análises, revela-se a fabricação de uma masculinidade hegemônica, branca e heterossexual, cultural e historicamente localizada, advinda do discurso da modernidade que se instalou na capital catarinense no final do século XIX e se afirmou graças à prática do remo. Esse modelo foi se transformando e variando ao longo das últimas décadas, de acordo com as mudanças históricas nas relações de gênero que aconteciam na sociedade brasileira, deixando visível que não existiu apenas um modelo único, fixado no contexto do remo, mas algumas variações que foram feitas, refeitas e que se espelham ainda hoje no ideal do homem moderno e civilizado, no sentido da esportivização, como parte do processo civilizatório descrito por Elias e Dunning (1992).

Por último, “O remo: uma memória do futuro”, a aposta que faço como antropólogo e pesquisador em formação é de combinar com certa arte, a modo de conclusões finais a que esta tese chega, apresentando reflexões que percebi ao narrar uma história das imagens que compõem o acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo. Tentando reconstituir, ainda que parcialmente, aspectos da visualidade de um tempo regido pela experiência do olhar. Valorizando os aspectos produtivos dessas imagens, como uma outra forma de ver e mostrar a cidade de Florianópolis. Apresentando o que cada capítulo desta tese pode ter lido de forma independente, em função das perguntas que motivam o interesse de cada leitor.

Em torno da ideia que lhe dá o título: “Os vencedores cheios de glória”. Articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis. Pretendo que os leitores alcancem, através das minhas análises, uma compressão sobre as transformações sociais e culturais ocorridas na capital catarinense com a chegada do remo deportivo. Não como uma história do remo, fixa, como bula de remédio, uma coisa pronta e imutável, como descrito na epígrafe desta introdução. Mas como uma forma de discussão mais crítica sobre o passado, o presente e as possibilidades de futuro possíveis para Florianópolis.

## CAPÍTULO 1: REMANDO EM ÁGUAS DA ANTROPOLOGIA

### 1. MAPEAMENTO E ANÁLISES PRELIMINARES DA PRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE O REMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS <sup>22</sup>

A produção antropológica sobre esporte, que é bastante significativa atualmente, entrelaça um conjunto multifacetado de objetos, questões teórico-metodológicas e abordagens nas mais variadas modalidades. Geertz (1989)<sup>23</sup> já havia observado durante uma briga de galos em Bali que, no esporte, era possível revelar uma dimensão privilegiada para a antropologia, dando possibilidade a diversos temas como: ritual, corpo, performance, entre outros, fornecendo uma arena para a formação e contestação da identidade nacional, migração, gênero, identidades raciais, entre outras.

Há décadas, e de modo privilegiado, a análise do esporte vem contribuindo com um refinado conhecimento ao acesso às sociedades e entendimento delas. Conforme nos lembra, nas suas assertivas palavras, o antropólogo francês Christian Bromberger (2008)<sup>24</sup>, "a etnologia encontrou no esporte um objeto privilegiado para pensar e pôr à prova as categorias que formam a base de suas interrogações, a ponto de eu às vezes me perguntar se o esporte não foi inventado para causar prazer aos etnólogos!" (Bromberger, 2008, p.251), referindo-se à relação que se estabeleceu entre esporte, etnografia e antropologia.

Embora a antropologia moderna e a etnografia tenham suas próprias especificidades, sendo impossível reduzir uma a outra, ambas se encontram entrelaçadas historicamente. O trabalho de campo tornou-se central na antropologia do século XX, e o suporte da etnografia renovou ambas disciplinas em questões objetivas e subjetivas. Os eventos esportivos, ou os megaeventos esportivos da atualidade, parecem, à primeira vista, sensíveis à abordagem antropológica e, sobretudo, à etnografia.

---

<sup>22</sup> Os dados aqui apresentados foram previamente discutidos e avaliados dentro do contexto do GT 16 - Antropología de los deportes y practicas de ocio, ocorrido na XIII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul, e publicados [https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=35](https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=35) Agradeço muito aos coordenadores e colegas presentes nos três dias de debates, pelos comentários e observações relacionadas especificamente ao método aplicado nesta pesquisa. Todas as sugestões foram posteriormente atualizadas de acordo com a avaliação das críticas.

<sup>23</sup> GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

<sup>24</sup> BROMBERGER, C. **As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia**. In: Horizontes Antropológicos, ano 14, n.30, pág. 237-253, jul.dez. 2008.

Bromberger (2008), que tem uma vasta experiência fazendo pesquisa em grandes eventos esportivos, por exemplo, diz que "estes cristalizam, à maneira de caricaturas, as dimensões salientes da experiência social e cultural - a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo" (Bromberger, 2008, p. 241). Para ele, assim como para Clifford Geertz (1989), o esporte aparece como um importante elemento revelador, e as atividades lúdicas e esportivas, em suas diversidades, cristalizam os valores essenciais e contraditórios que modelam as civilizações; elas aparecem como espécies de teatralizações de "mentiras que diriam a verdade" das sociedades que as produziram.

Sabemos que, para a antropologia, não existem fatos nus, no sentido de que todo evento é um acontecimento - do ponto de vista das ciências sociais, seria mais correto usar o termo "acontecimento" ao invés de "evento", mas o uso social consagrou o termo evento. "Um evento se transforma naquilo que lhe é dado como interpretação; [...] apropriado por, e através do esquema cultural, é que adquire uma significância histórica." (Sahlins, 2004)<sup>25</sup>. Nesse sentido, todo evento esportivo é, antes de qualquer coisa, um evento, nos termos em que Sahlins (2004) descreve; e o esporte, um fenômeno que permite ler "sobre os ombros" dos aficionados as dimensões salientes das sociedades, balinesa, no caso do Geertz. Fazendo uma analogia com a nossa realidade, o futebol observado nos anos noventa nos estádios deixou emergir bastante do Brasil para os antropólogos que centraram seus esforços nesses lugares, assim como uma parte considerável de Bali vem à tona em uma rinha de galos.

Dentro do nosso panorama nacional, os estudos antropológicos sobre esporte constituíram-se, desde a década de setenta, como uma área bastante promissora, na medida em que as investigações não se limitaram apenas às questões formuladas pelos pensadores canônicos da Sociologia e da História, como Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Hobsbawm<sup>26</sup>, mas novos temas foram sugeridos com a expansão desse campo. Um exemplo claro disso é

---

<sup>25</sup> SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

<sup>26</sup> Segundo Ruben George Oliven, Arlei Sander Damo e Simoni Lahud Guedes (2008), esses autores e suas obras aparecem como referências capitais para as discussões acerca da legitimidade da abordagem do esporte como objeto das Ciências Sociais. Diferentemente do período que vai até pelo menos o início da década de 1990, em que eram frequentes as restrições ao estudo do esporte, do lazer, do corpo, do espetáculo e de outros fenômenos afins, as discussões, a partir deles, se voltaram para o modo como se deve teorizar o campo esportivo e quais os aspectos mais interessantes de serem investigados empiricamente.

o caso dos variados estudos sobre o futebol, que desde a década de 9 estão incluindo novas perspectivas como a de gênero, de raça e da globalização. A partir de trabalhos de intelectuais como Eduardo Archetti e Roberto DaMatta, que se consolidam na América Latina como referência nas Ciências Sociais, e especialmente na Antropologia, atendendo aos apelos mais amplos da sociedade brasileira contemporânea, um grupo entusiasta de pesquisadores começou a olhar a sociedade a partir dessas lentes.

Sem dúvida, a trajetória bem sucedida dos esportes pelas Ciências Sociais se deu muito pela ampla possibilidade de transitar, desde o olhar e o interesse para o lazer, o corpo, o espetáculo midiático e de outros fenômenos afins, para as discussões mais metodológicas, voltadas para o modo de como se deve teorizar o campo esportivo. Como descrito pelos antropólogos Ruben George Oliven, Arlei Sander Damo e Simoni Lahud Guedes (2008), na apresentação do dossiê sobre esporte da revista *Horizontes Antropológicos*<sup>27</sup>, as questões que devem ser esclarecidas, especialmente para não pairarem dúvidas acerca da distância que separa o interesse esportivo do interesse em decifrá-lo, ou seja, da distância entre o interesse dos amantes do esporte e o daqueles que o observam através da antropologia do esporte, são as seguintes:

Embora a perspectiva antropológica seja também uma modalidade de discurso sobre o esporte, e como tal seja uma entre outras possibilidades de recortá-lo, a produção dos discursos interfere no fenômeno esportivo de modo mais indireto, pois a perspectiva antropológica sobre estes caracteriza-se, sobretudo, pela análise e interpretação dos fenômenos esportivos (p. 17).

Essa edição da Revista *Horizontes*, dedicada exclusivamente à temática do esporte, abre um espaço ampliado para a discussão do que vem a ser o esporte e como as Ciências Sociais o problematizam. Os trabalhos reunidos nessa coletânea apontam para as preocupações tipicamente antropológicas, direcionadas para a análise dos significados atinentes à prática e à fruição de atividades ditas esportivas em seus contextos históricos e sociais, tentando se aproximar de uma definição do esporte com a qual as Ciências Sociais têm trabalhado e demarcando a especificidade da Antropologia. Embora haja outras, a definição mais frequente nessas produções sobre o que é o esporte é a definição que Norbert Elias e Eric Durning deram no clássico livro *A busca pela excitação*:

---

<sup>27</sup> *Horizontes Antropológicos*, ano 14, n.30, jul.dez. 2008.

Que para quem o esporte é uma prática corporal competitiva, inventada pelos ingleses por volta da segunda metade do século XIX, partir da reconfiguração de jogos, lutas e outras práticas locais. A definição permite estabelecer um corte relativamente preciso, separando as práticas competitivas modernas daquelas praticadas em outras épocas e lugares, em relação às quais haveria uma correspondência com o esporte, mas jamais uma continuidade, como pressupunha a historiografia difusionista tradicional (Horizontes, 2008, p. 7- 8).

Ao observar a vasta produção antropológica sobre esporte nos moldes de um “campo intelectual”, como proposto por Pierre Bourdieu (2004)<sup>28</sup>, permite-nos pensar na dinâmica de produção histórica de forma relacional, em constante relação e movimento, assim como nos ajuda a pressupor que, nessa dinâmica, existem também certos confrontos, tomada de posição, luta, tensão, poder, e transformações - já que, nas palavras de Bourdieu, um campo intelectual é um campo de forças e ou um campo de lutas - para conservar ou transformar determinadas metodologias, abordagens teóricas, temáticas de pesquisa, etc. Isso fica evidente no claro exemplo da hegemonia que teve futebol a partir dos anos setenta, como veremos mais adiante.

Então, se o campo intelectual é um microcosmo dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço mais amplo, ele é formado por agentes - pesquisadores, professores, agentes, etc. - que podem ser representados de forma individual ou institucional, mas que criam espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Um dos princípios do campo intelectual, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é o da “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes” (Bourdieu, 2004, p. 22-23). Assim, é o lugar que os agentes ocupam nessa estrutura que indica suas tomadas de posição.

Portanto, quando iniciamos um empreendimento de tentar descrever as Ciências Sociais do esporte a partir desse conceito, o que buscamos é descrevê-la fazendo um uso

---

<sup>28</sup> BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. Sobre o conceito de campo intelectual, ver também: BOURDIEU, Pierre. **O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural**. In: BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. BOURDIEU, Pierre. **O campo intelectual: um mundo à parte**. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

tópico cuidadoso na hora de considerar, separar, classificar e catalogar as principais teses, ideias e seu contexto de produção e circulação, dentro dos principais paradigmas do pensamento antropológico.

É possível perceber que, na atualidade, há trabalhos científicos sobre esporte, com foco nas questões sociais, disciplinarmente alocados nas mais diversas áreas de conhecimento, como Educação Física, Antropologia, Sociologia, História, Educação e Comunicação. Incluindo muitas outras que, apesar da superioridade numérica da Educação Física perante as outras áreas, a Antropologia e a Sociologia vêm apresentando, há mais de trinta anos, uma consistente e relevante produção teórica e bibliográfica que exerce grande influência na literatura da Educação Física (Gastaldo, 2011, p.4). Para cumprir com o objetivo deste trabalho, detemo-nos apenas na análise das quatro primeiras grandes áreas citadas acima.

Segundo Gastaldo (2011), a Antropologia fornece esse pano de fundo geral de interpretação dos dados para as demais disciplinas, aquilo que chamamos comumente de "campo acadêmico das ciências sociais do esporte"<sup>29</sup> e que tem um caráter marcadamente interdisciplinar, compreendendo um amplo espectro de produções acadêmicas, como dissertações e teses, artigos científicos em periódicos especializados, grupos de pesquisa e grupos de trabalho em congressos e que se caracterizam por abordar o esporte em sua dimensão de fato social, distinguindo-se, portanto, de abordagens físicas e/ou fisiológicas dos fenômenos esportivos.

Justamente essa dimensão interdisciplinar é um dos fatores que acrescentam complexidade a essa situação, que está cada vez mais rigidamente demarcado por fronteiras entre disciplinas, apesar da popularidade dos discursos 'inter' ou 'transdisciplinares' (Gastaldo, 2011, p.4) entre pesquisadores do esporte.

Por último, é preciso apontar para uma característica marcante para este campo, os fatores históricos que o caracterizam. Uma delas é a baixa organização institucional. Nesse

---

<sup>29</sup> A definição de campo das "Ciências Sociais do Esporte" é bem desenvolvida pelo Édison Gastaldo no artigo publicado na ANPOCS de 2011, no GT Esporte e sociedade, intitulada: Sobre os estudos sociais do esporte: políticas acadêmicas de um campo em desenvolvimento.

sentido, como essa temática não se consolida como parte da Antropologia *mainstream*, acaba concentrando-se apenas em escassos Grupos de Trabalho em congressos, poucos Grupos de Pesquisa registrados no Diretório do CNPq e poucos periódicos científicos. A vinculação internacional dos estudos sobre esporte no Brasil é ainda fortemente restrita ao diálogo com pesquisadores argentinos e, em muito pequena escala, com mexicanos, europeus e norte-americanos. Apesar disso, é de se considerar sua inegável qualidade acadêmica atual, a ponto de se estabelecer solidamente em nível internacional, e no próprio cenário acadêmico nacional, como um campo de estudos de grande importância.

Esta pesquisa surge a partir das inquietações levantadas durante o curso de leitura sobre Antropologia do Esporte realizado em 2015, com a supervisão da Professora Carmen Rial, durante a primeira etapa da construção do remo como objeto de pesquisa. Naquele período, em que tentávamos identificar um referencial bibliográfico, nos deparamos com a falta de uma literatura específica sobre o remo, especialmente frente ao amplo destaque que o futebol tem nas Ciências Sociais.

Posteriormente, esse esforço foi retomado e ampliado durante a escrita deste texto, em 2018, período em que ocorreu o estágio de doutorado na *Vrije Universiteit Amsterdam*. Portanto, a análise preliminar que se segue inclui também dados coletados na biblioteca desta universidade, assim como artigos acadêmicos publicados em revistas internacionais, de modo a identificar alguns padrões de produção científica sobre a modalidade do remo lá fora. Esse material nos permitiu traçar semelhanças e diferenças na produção sobre o remo no Brasil.

O texto que se segue está dividido em quatro seções. A primeira descreve os critérios metodológicos, definindo tanto os limites do *corpus* (textos incluídos, revistas consideradas, etc.), quanto às técnicas de processamento desses textos. A segunda seção, apresenta os dados obtidos, classificando um pequeno conjunto de informações disponíveis com o objetivo de mostrar o panorama da produção sobre remo a nível nacional, realizando uma análise preliminar das obras indicadas, apresentando as principais fontes para futuras pesquisas. Na terceira seção, apresentamos dados da pesquisa realizada nos arquivos da biblioteca da *Vrije Universiteit Amsterdam*, comentando brevemente sobre os textos selecionados. Finalmente,

na última seção, delineamos considerações gerais sobre a produção bibliográfica sobre o remo nas Ciências Sociais na atualidade.

## 2. CRITÉRIOS METODOLÓGICOS

O mapeamento bibliográfico é uma das formas mais antigas de pesquisa, especialmente no que diz respeito à revisão de uma literatura específica. Vale lembrar que o filósofo grego Aristóteles expôs que é necessário o exame histórico-crítico do pensamento dos filósofos que o precederam para fundamentar a base teórica de sua *sophis*<sup>30</sup>. Em outras palavras, a revisão bibliográfica da literatura é essencial para estabelecer as bases teóricas de uma área do conhecimento.

Através desse método, podemos objetivar nosso olhar sobre o remo, permitindo-nos, assim, ampliar a perspectiva sobre os estudos antropológicos de outros esportes, no Brasil e fora dele, constatando que eles passaram e continuam passando por diferentes fases de produção. Lembrando autores que citamos na primeira sessão, na produção de pesquisas dentro do campo de conhecimento sobre esporte, nada se compara a esta última década (2009 - 2019), com o advento dos grandes eventos esportivos que aconteceram no país, quando houve um significativo crescimento da sua produção literária.

O esporte nas Ciências Sociais brasileiras vem ganhando um espaço cada vez mais significativo nas últimas décadas por este motivo, e em especial a partir dos anos noventa, quando muitos intelectuais que se voltaram ao desenvolvimento desse campo concederam ao futebol um lugar de relevo em sua agenda de pesquisa. Por esse e outros motivos, a produção acadêmica sobre esporte está hoje entre as mais antigas, prolíficas e reconhecidas áreas de produção científica a nível nacional e internacional, mas o fato de o futebol ser tão tradicional não é sinônimo de imutabilidade dentro da sua própria dinâmica.

Mapear a produção literária de outra modalidade esportiva dentro desse campo não parece ser uma tarefa simples, a princípio. Requer um olhar metodológico para definir certos critérios e estabelecer algumas fronteiras. Dessa forma, comecei a montar as fronteiras a

---

<sup>30</sup> De origem grego, significa "Ciência das causas primeiras".

partir de dois tipos de materiais: o que foi produzido nos mestrados e nos doutorados das universidades; e a publicação de artigos acadêmicos em congressos de Antropologia e revistas especializadas sobre a temática do esporte.

O recorte temporal foi definido por dois critérios: no primeiro consideramos o período de surgimento de importantes publicações de dossiês e coletâneas temáticas (2006) como um marco para a possibilidade de uma leitura disciplinar abrangente sobre o campo, trazendo a perspectiva histórica necessária para nos situar; e o segundo critério foi determinado a partir da criação de grupos de trabalhos (GT's) em importantes congressos bienais de Antropologia, dando surgimento aos primeiros aglomerados de pesquisadores que, posteriormente, deram continuidade sistemática às discussões sobre a centralidade do esporte como ferramenta para entender os mais diversos fenômenos sociais da contemporaneidade, assim como a função das Ciências Sociais para o entendimento do esporte nas outras áreas de conhecimento. O recorte temporal, portanto, foi necessário também devido ao curto espaço disponível para uma análise preliminar e à quantidade considerável de revistas acadêmicas brasileiras ligadas às Ciências Humanas.

Uma classificação importante para este trabalho foi a de identificar uma literatura na qual o remo, ou *rowing*, apareça como objeto de estudo antropológico dentro da sua dimensão social - distingue-se, portanto, de abordagens físicas e/ou fisiológicas dos fenômenos esportivos - e, a partir daí, realizar uma análise preliminar abordando alguns aspectos sobre sua situação atual no âmbito da produção de pesquisas dentro da área das Ciências Sociais, apontando para algumas linhas de desenvolvimento. O método de mapeamento utilizado aqui é de natureza interdisciplinar, realizado por meio de procura de conceitos metodológicos encontrados em pesquisa histórica, pesquisa bibliográfica, análise de índices e redes de citações e cartografias *on-line* – revelando uma vasta bibliografia concentrada em duas grandes áreas: Educação Física e História.

Outro critério fundamental foi distinguir o *rowing* de outros esportes como a canoagem ou a vela. O *rowing*, palavra de origem inglesa que significa remo, teve sua origem na Inglaterra, a meados de 1811 e é importado ao Brasil, na sua grande maioria, por imigrantes Lusos e Alemães há mais de 150 anos. Foi o berço de grande parte dos esportes

nacionais com a formação dos primeiros clubes esportivos, dando surgimento aos modernos clubes de futebol e de outros esportes.

Para a historiografia dos esportes e do lazer, o surgimento dos clubes de remo teve um papel central para a modernidade de grandes centros urbanos Brasileiros. A proliferação da prática em diversos países levou à criação da *Fédération Internationale des Sociétés d'Aviron* (FISA), a mais antiga entidade do gênero no mundo, fundada em 1892. Quatro anos depois, o *rowing* estaria nos primeiras Jogos Olímpicos modernos, mas as condições do tempo em Atenas impediram a realização das provas, adiando a estreia para 1900, em Paris. Desde então, o esporte integrou o programa de todos os Jogos Olímpicos, segundo dados da Confederação Brasileira de Remo.

Enfim, o método de mapeamento proposto para este estudo permitiu-nos construir uma bibliografia sobre o remo nas Ciências Sociais, elaborado a partir do mapeamento exploratório de busca *on-line*, com o objetivo de desvendar uma literatura básica, e base para quem decidir futuramente realizar pesquisa sobre esse esporte. A bibliografia construída a partir deste estudo é composta por textos que consideramos clássicos e fazem contribuições fundamentais ao campo do conhecimento da Antropologia do Esporte.

São referências bibliográficas que expõem as conexões entre elas, revelando conceitos cedidos, referências cruzadas ou formulações paralelas, próprios da coesão de um campo do conhecimento. Dessa forma, a representação do estudo em gráficos e organogramas foi definida para compreender, de maneira visual, a estrutura historiográfica dessa temática e do surgimento de uma literatura sobre o remo, em congressos, revistas e base de dados científicos, com base nos textos citados.

### **3. CLASSIFICAÇÃO DA BIBLIOGRAFIA**

É quase um consenso entre teóricos que o despertar pelo esporte nas Ciências Sociais no Brasil tem muito a ver com o fato dessa área ter-se voltado para o estudo de grupos urbanos desde a década de 1970. Esse é um dos motivos principais do seu foco maior ter recaído no futebol, "já que nele havia um lugar cativo no cotidiano e no imaginário das classes

trabalhadoras urbanas" (Giglio e Spaggiari, 2010, p. 295)<sup>31</sup>. Não é de se estranhar que essa modalidade tenha se tornado alvo de interesse redobrado de pesquisas, artigos e teses que proliferaram muito desde a década de 1990.

A partir dessa modalidade esportiva, outros temas recorrentes foram sendo acrescentados, como as relações entre o futebol e a identidade nacional - é o caso do extenso trabalho de renomados antropólogos como Roberto DaMatta, José Sérgio Leite Lopes e Simoni Guedes, entre outros - dando maior destaque para as questões estéticas, concernentes ao estilo de jogo e o lugar dos negros e das mulheres nesse universo.

Em paralelo a esse movimento, surgem vários trabalhos problematizando a formação e a transferência de jogadores do Brasil para outros países, especialmente para a Europa - ver o extenso trabalho da antropóloga Carmen Rial - e no bojo das discussões sobre projetos de ascensão social e econômica, migração, tráfico de pessoas, exploração de menores, entre outros temas, que, no seu conjunto, conectam os estudos no campo da Antropologia do Esporte com outros temas das Ciências Sociais. Em vista desses antecedentes, e tendo desenhado um contexto *bourdiano* sobre o campo, chegamos às perguntas que norteiam este trabalho: qual o lugar que a temática do remo tem nesse campo? Qual o número de produção intelectual sobre esse esporte na produção interdisciplinar que chamamos de Ciências Sociais do Esporte? Como identificamos uma literatura específica sobre remo, para produzir uma tese, em meio à vasta produção acadêmica sobre futebol?

Quando começamos esta pesquisa, todos os caminhos nos apontavam para as fontes de arquivos e livros que delimitam o remo à história do esporte, à história do corpo moderno ou à história do lazer, associando constantemente sua prática a uma atividade ligada à produção do espírito da modernidade. Posteriormente, constatamos que essa produção é bastante densa dentro de áreas como História e Educação Física, e que se concentram basicamente em pequenos núcleos de Programas de Pós-Graduação nas áreas da História e

---

<sup>31</sup> GIGLIO, Sérgio. SPAGGIARI, Enrico. **A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: Um panorama (1990-2009)**. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano.

no trabalho e esforços isolados de alguns pesquisadores e profissionais da Educação Física, que tentam construir um saber interdisciplinar sobre esse campo de conhecimento.

Esse é o caso do Laboratório de História do Esporte e do Lazer - SPORT, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual foi uma das pioneiras em realizar pesquisas com o objetivo de “preservar a memória do remo (documentos, fotografias, obras de arte, filmes, letras de música, obras literárias, depoimentos e todo tipo de fonte que possa contribuir para o desenvolvimento de estudos históricos), fazendo uso de recursos eletrônicos/da internet para difusão do material coletado.

Em Santa Catarina, particularmente na UFSC, os estudos acerca do remo se centraram nas áreas da Educação Física, da História e, muito timidamente, na Educação. No entanto, no ano de 2008, o Laboratório de História e Arte (Labharte) organizou um grupo de pesquisa sobre a presença do remo na capital catarinense, que seria coordenado pelas Professoras Maria Bernardete Ramos Flores e Henrique Espada.

A construção desse núcleo e o seu legado - uma produção pequena, mas muito significativa de teses e artigos acadêmicos - constitui-se como uma ferramenta fundamental para esta pesquisa, na tentativa de historicizar o remo, não só em Florianópolis, mas dentro de um contexto que podemos considerar um fenômeno nacional. A bibliografia base desses trabalhos nos levou a delimitar nosso objeto, ajudando a construir um referencial teórico no estado de Santa Catarina e no sul do país. Foi assim que chegamos a trabalhos como o do Maury Dal Grande Borges, Remando nas águas da história (2002), de Henrique Licht, O remo através dos tempos (1986), de Carlos B. Hofmeister, A pequena história do remo gaúcho (1978), e na dissertação de mestrado de Carina Sartori, Na Alvorada de um Sport: o remo na ilha de Santa Catarina (2013), a qual foi apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Com esses primeiros referenciais bibliográficos norteadores, seguimos em busca de ampliar nossos horizontes.

A partir daí, decidimos ampliar o referencial e partimos para a busca de uma bibliografia com dois tipos de materiais: tudo aquilo que tenha sido apresentado em anais de congressos e eventos acadêmicos (comunicações orais, resumos, mesas redondas) e o banco

de dados da CAPES e CNPQ sobre a produção recente de teses e dissertações nas Ciências Sociais no Brasil. Aqui foi necessária a escolha de alguns critérios pré definidos, que posteriormente nos ajudou a estabelecer algumas fronteiras: a interdisciplinaridade foi uma delas, já que a maioria da produção científica que encontramos se concentra em revistas de programas de Pós-graduação em Educação Física e História.

Em seguida percebemos que, de dez anos para cá (2008 -2019) e, em especial, a partir dos últimos cinco anos, o surgimento do campo da Antropologia do Esporte vem se consolidando com mais força no cenário político disciplinar na Antropologia brasileira com o surgimento de Grupos de Trabalhos (GT's), assim como da criação de disciplinas sobre essa temática que começaram a ser oferecidas nos currículos de Programas de Pós-Graduação na área de Antropologia, e também de pesquisas sistemáticas sobre várias modalidades de esporte que começaram a ganhar protagonismo na agenda de núcleos de pesquisa, dando maior protagonismo a atores, grupos e redes de pesquisadores especializados nas mais variadas modalidades.

Revistas e publicações de grande alcance no meio antropológico também começaram a tratar o esporte com destaque e digno do interesse das Ciências Sociais, assim surgem edições especializadas, dedicando maior espaço ao tema. Portanto, dez anos é um tempo considerável para termos um panorama político recente sobre esse campo e também é um período que possibilita um bom trabalho frente ao grande número de informação no espaço que um capítulo comporta.

Dessa forma, com as fronteiras estabelecidas, partimos para o levantamento de artigos acadêmicos, começando com uma pesquisa em anais dos congressos bienais, disponibilizados em portais *on-line*, como: a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), a Reunião Equatorial de Antropologia (REA), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e o Seminário Internacional Fazendo Gênero (FG), também em artigos encontrados nas revistas: Horizontes Antropológicos, Mana, Revista de Antropologia, Anuário Antropológico, Movimento, Vibrant, Revista Brasileira da Ciência do Esporte, incluindo resultados

preliminares de uma parte da pesquisa sobre dados baseados nos textos acadêmicos disponibilizados pelo portal de divulgação científica SciELO.br.

Uma consulta rápida no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq com a palavra-chave “remo” deixou uma coisa bastante clara: a absoluta superioridade numérica dos grupos de pesquisa ligados à Educação Física que têm esse termo em suas ementas ou títulos. Por assim dizer, o remo “pertence” mais à Educação Física e à História do que às outras disciplinas das Ciências Sociais - como já foi salientado, é nessas duas áreas que se encontra a maior concentração de grupos de pesquisa e publicações, além da mais antiga associação acadêmica de estudos desse esporte. A ênfase na área da Saúde marca a maior parte do enfoque e leva a uma progressiva aproximação aos estudos do esporte em perspectiva social, mas não nos deteremos nestes trabalhos.

A pesquisa em portais *on-line* dá uma vantagem importante, já que se trata de uma pesquisa quantitativa, e, claro, algumas dificuldades. A investigação que fizemos nos *sites* se apoia predominantemente em dados obtidos entre 2018 e 2019, as informações armazenadas aqui nos permitiu uma análise estatística das publicações, mas caso alguma informação não tenha sido salva ou arquivada, foge completamente do nosso empreendimento. Assim, utilizamos pesquisas anteriores que fizeram uma análise sobre o campo de concentração de estudos e o conhecimento teórico para a escolha das variáveis, isso nos permitiu elaborar algumas hipóteses sobre nossas dúvidas a partir das análises a seguir.

Por último, vale a pena ressaltar que, quando retomamos essa pesquisa nos arquivos da *Vrije Universiteit Amsterdam*, deparamo-nos com o mesmo padrão de produção de conhecimento. O remo aparece com um expressivo número de citações em títulos de teses e artigos locados majoritariamente nas áreas da Saúde, da Educação Física e da História, assim como em um número surpreendentemente grande de trabalhos nas áreas das Neurociências e da Farmacologia. Claro que isso também se deve à absoluta popularidade que esse esporte ainda goza nos Países Baixos e à grande participação desses atletas na mídia, na vida da cidade e na vida acadêmica nas universidades. Uma realidade muito diferente do que ocorre no Brasil, onde justamente as áreas de concentração de pesquisa em que nos refugiamos demonstram o quanto o remo vive um momento de decadência. Convertendo-se em um objeto de patrimônio da cidade, como é o caso de Florianópolis, onde é associado diretamente

com o passado, com uma *belle époque* e não como um lugar onde se produzem atletas atualmente.

### **3. 1 Congressos: Anpocs, RBA, REA, ABANNE, RAM e Fazendo Gênero**

Em termos de participação em eventos, existem vários Grupos de Trabalho (GTs) espalhados em congressos importantes na área das Ciências Sociais e na Antropologia. Um dos encontros de maior destaque no cenário nacional é o da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), que acontece anualmente na cidade de Caxambu (MG) e que concentra trabalhos nas áreas de Ciências Políticas, Sociologia, Relações Internacionais e Antropologia. Nos anais dos encontros anteriores deste evento, disponíveis no *site* da Associação, encontramos o grupo de trabalho “Esporte e sociedade”, que aparece a partir do ano de 2010, na edição organizada pelos Professores Arlei Damo e Josimar Morais.

Os encontros desse GT, que se reúne há mais tempo do que nosso recorte temporal inclui, acontece com uma frequência quase anual - com algumas exceções entre 2015 e 2016 -, constatamos que não houve registro de nenhuma participação de trabalhos referentes ao remo nos últimos dez anos. Somente em 2019 foi incluído na programação do 43º encontro dentro do Seminário Temático nº 29, “Pensando as décadas esportivas: Análise social do futebol e dos eventos esportivos realizados no Brasil”, a apresentação de um trabalho, de autoria de Cristhian Cajé, sob o título : Alvorada do Remo: (Re)Pensando a Memória e a Identidade do Clube de Regatas Riachuelo a partir das narrativas imagéticas do seu Acervo Fotográfico- que apresentou uma análise social sobre o remo.

No portal da Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) - o maior congresso a nível nacional de Antropologia, que acontece com uma frequência bienal e é organizado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em parceria com Universidades Federais - podemos constatar que, a partir do 22ª encontro, realizado em Brasília, nos dias 16 a 19 de julho do ano de 2000, o fórum de pesquisa 28: Futebol, Antropologia e Imagens, coordenado por Carmen Silvia Moraes Rial (UFSC) e José Sérgio Leite Lopes (Museu Nacional/UFRJ) inaugura a tradição dos Grupos de Trabalho sobre esporte nesses eventos no país. Mas,

somente a partir do 27º encontro, que aconteceu em 2010, e que teve lugar na cidade de Belém do Pará, aparece o GT "Antropologia do Esporte" - nesse ano organizado pelos professores Arlei Damo e Luiz Fernando Rojo Mattos. Nessa edição, encontramos os dois primeiros trabalhos que trazem uma modalidade de esporte náutico, como objeto de análise antropológica.

O primeiro trabalho leva o nome de O campo no mar: fazendo observação participante na vela, de autoria do professor Luiz Rojo; e o segundo, apresentado na modalidade de pôster por alunos de graduação, tem o título Construções do feminino na vela: meninas em um projeto social, de Gabriela Rodrigues Carlos e Felipe Viana G. Brandão, sob a orientação do professor Rojo. Ambos são centrados na experiência de uma escola de vela em um dos Clubes Náuticos da cidade de Niterói - RJ. Em 2012, no 28º encontro da RBA, o autor Luiz Rojo volta a publicar um texto, que se desmembra da mesma pesquisa, sob o título de Vela ou motor: construindo identidades e delimitando "pedaços" em terra ou no mar. E, em 2016, durante o encontro número 30º, o autor publica: O gênero para além do sexo: discussões a partir de uma etnografia na vela de Niterói (RJ).

A prolífera produção do professor Luiz Rojo sobre a vela é fruto de uma pesquisa de três anos (2009 - 2012) entre os alunos do Projeto Grael - ONG localizada no bairro de Jurujuba, do município de Niterói, que oferece aulas de vela e cursos profissionalizantes para crianças e jovens dos nove aos 24 anos de idade da rede pública de ensino. Todas as análises sobre a temática que esses trabalhos trazem são, sem dúvida alguma, materiais relevantes para qualquer pesquisa que se pretenda trabalhar no contexto de esportes náuticos, já que aparecem como os primeiros estudos sobre essa modalidade esportiva em que o olhar é direcionado pelas lentes da Antropologia.

No último encontro da RBA, em 2018, teve a apresentação do trabalho Rosa que nada! Elas vestem azul marinho<sup>32</sup>: uma etnografia das relações de poder e gênero que envolvem as torcedoras do Clube do Remo, da doutoranda Aline Freitas. Por mais que o nome possa chamar a atenção na procura feita por caracteres, o artigo faz referência ao Clube

---

<sup>32</sup> Mantive o título original de todos os trabalhos, mesmo aqueles que foram publicados em letra maiúscula, mantive o formato original, deixando as letras em maiúsculo.

do Remo da cidade de Belém do Pará, clube que teve seu início nas regatas, mas que hoje se dedica exclusivamente à prática do futebol. Consideramos esse caso emblemático, pois ilustra como, de maneira muito sutil, a histórica longa relação que existe entre os dois esportes: relação que fica muito evidente quando vasculhamos nos arquivos das universidades e a encontramos presente em trabalhos que se debruçam sobre a história das cidades ou a história da modernidade no Brasil.

A Associação Brasileira de Antropologia, a ABA, é também responsável pelo apoio à organização do congresso da Reunião Equatorial de Antropologia (REA), que teve sua sexta edição em dezembro de 2019 em Salvador (BA), e da Reunião de Antropologia do Norte e do Nordeste (ABANNE), que está na sua nona edição. Os dois eventos têm uma frequência de realização menor e não cumprem com o calendário bienal que normalmente seguem os congressos, mas ambos apresentam sempre uma expressão considerável de participação e publicação de trabalhos acadêmicos bastante significativas no que corresponde à produção científica das regiões Norte e Nordeste.

Nos últimos anos, esses dois eventos também registraram, em quase todas as suas edições, encontros de grupos de trabalhos na área de Antropologia do Esporte, porém, em nenhum deles foi apresentada alguma comunicação oral - ou qualquer outro tipo de pesquisa - que incluísse o remo como objeto de análise, nem algum outro esporte náutico que se aproximasse dessa prática.

Por sua vez, na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), podemos encontrar em quase todas suas edições um Grupo de Trabalho (GT) dedicado especificamente à temática do esporte. Esse encontro bienal se consagrou na região Sul do Brasil como o maior evento de Antropologia e abriu um caminho importante para a internacionalização da pesquisa e para a oferta de espaço institucional para apresentação das pesquisas nessa área. Vários/as pesquisadores/as de países vizinhos começaram a participar e a trazer experiências mais ampliadas, dentro do já proclamado futebol e de outros esportes.

As edições de 2005, em Montevidéu, 2007, em Porto Alegre, e 2009, em Buenos Aires, perderam o domínio dos portais *on-line*. Tive acesso aos CDs para obter as

informações sobre os trabalhos apresentados. Em nenhum desses encontros teve a presença do remo. As edições seguintes, de 2011, em Curitiba, 2013, em Córdoba, 2015, em Montevideu, e 2017, em Missões, Argentina, ainda mantêm as informações sobre os GTs nos domínios disponibilizados pelo próprio evento, mas também não encontramos registros de trabalhos que discutam o remo.

Na edição da XIII - RAM, realizada em Porto Alegre, em julho de 2019, no GT 16 - Antropología de los deportes y practicas de ocio, foi apresentado os dados iniciais desta pesquisa. Lá foi possível dialogar com alguns dos autores aos quais nos referimos no decorrer deste trabalho: aqueles que citamos como norteadores de uma visão de campo sobre o esporte, e muitos deles com uma trajetória de anos participando desse e outros eventos nas Ciências Sociais. Pessoalmente, pode-se constatar que o remo, especificamente, esteve ausente nas pesquisas apresentadas durante esse recorte temporal. Um outro dado interessante que surgiu durante o diálogo é novamente a proximidade do futebol como esporte que teve parte de suas origens ligada aos clubes de regatas em cidades, assim como também esteve ligado às fábricas e aos portos como Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo e, conseqüentemente, Florianópolis.

Por último, incluímos nas nossas análises os anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero, que, nos últimos anos, teve um incremento significativo em relação ao número de trabalhos inscritos na área das Ciências Sociais do Esporte, assim como um crescimento importante em relação ao seu protagonismo no cenário político acadêmico nacional e internacional. Encontramos apenas um trabalho apresentado, também de autoria de Cristhian Cajé, no 11º encontro número, que coincidiu com o 13º Encontro Mundial de Mulheres, no ano de 2017, com o título: “Reflexões sobre masculinidade entre atletas mulheres remadoras, na cidade de Florianópolis”.

Os trabalhos de autoria de Cristhian Cajé que aparecem e que compõem a bibliografia sobre remo que identificadas nos anais desses eventos, são textos novos, orientados pela professora Carmen Rial, em que se apresentam análises prematuras e dados ainda sem muita discussão sobre o trabalho de campo no Clube Náutico Riachuelo, iniciado em 2015, em Florianópolis. Consideramos isso, em si, um dado importante para a pesquisa, já que evidencia a falta de outras pesquisas nas áreas das Ciências Sociais sobre o remo -

especialmente na Antropologia - e, mesmo que haja uma relação estreita e muito presente com o futebol desde meados do século XX, coloca em evidência a importância deste texto para a produção do campo na Antropologia do Esporte - além da evidente inovação como temática frente ao numeroso conjunto de pesquisas em relação a outras modalidades esportivas.

### **3.2 Revistas: Horizontes, Mana, Anuário, Movimento, Vibrant, Iluminuras e Revista Brasileira da Ciência do Esporte**

Apesar de ser um dos campos mais tradicionais e consolidados das Ciências Sociais brasileiras, os estudos sobre esporte sofreram transformações importantes nas últimas décadas, coincidentes com a chegada da agenda dos megaeventos esportivos e sua dimensão política e social no Brasil. Podemos considerar essa agenda como um marco para a historiografia desse campo. No entanto, sem detalhar muito uma definição para o que seriam esses mega acontecimentos, poderíamos pensá-los como uma constelação de eventos articulados, no centro do qual se situam, principalmente, um espetáculo ritual de dramas e tensões de grande interesse antropológico.

Por outro lado, os estudos “clássicos” sobre esporte começam a ser publicados no início dos anos 1980, e a organização política dos/as pesquisadores/as dessa área ainda revela traços de incipiência típicos de um campo em desenvolvimento. Foi a partir dos encontros regulares entre pesquisadores, fomentado pelos congressos citados anteriormente, que se formaram as bases para os primeiros Grupos de Trabalho que posteriormente se consolidaram em núcleos de pesquisa, dando origem, assim, a diversos livros e números especiais de revistas que foram lançados, especialmente a partir de 2006.

A coletânea “Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional” (Niterói, Intertexto, 2006), organizada por Édison Gastaldo e Simoni Guedes, inaugura uma dessas etapas e, posteriormente, o número da revista *Virtual Brazilian Anthropology* (Vol 6, nº 2, 2009) com o dossiê *Anthropology of Sport*<sup>33</sup>, organizada por Simoni Guedes e Carmen Rial,

---

<sup>33</sup> Link da revista online: <http://www.vibrant.org.br/issues/v6n2/> Acessado em agosto de 2018.

junto ao número especial da Horizontes Antropológicos (nº 30, 2008)<sup>34</sup>, denominado “Antropologia e Esporte”, organizado por Arlei Damo, Simoni Guedes e Ruben Oliven. Essas edições juntam-se com força à tarefa de reunir um número de trabalhos que traduzem, ilustram, tensionam e dialogam com as várias questões do campo suscitadas aqui. Por último, em 2013, a Horizontes Antropológicos volta a lançar um número, na edição 40<sup>35</sup> da revista, dedicado aos megaeventos esportivos. Nessa edição temática, os colaboradores ultrapassam as fronteiras nacionais com trabalhos dedicados aos eventos mundiais que aconteceram dentro e fora do Brasil nas últimas décadas.

Pela proximidade cronológica com a Copa do Mundo, mas também pela tradição que o futebol tem nesse campo, a maioria dos artigos dessas revistas se centra nas tensões dos eventos de 2014 e dos Jogos Olímpicos do Rio de 2016, dando um espaço privilegiado para as análises políticas em torno deles. Em nenhuma dessas coletâneas - que são de grande importância para o campo da Antropologia do Esporte -, encontramos algum estudo referente ao remo - ou que faça referência ao esporte náutico.

O único texto ao qual tivemos acesso, e depois de muito vasculhar em todas as edições dessas revistas, foi um artigo publicado na Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS, intitulado: Projetos para envelhecer: etnografia das formas de sociabilidades e das trajetórias de vida de veteranos do remo, do Luciano von der Goltz, orientado pela Professora Cornelia Eckert. Esse seria o único trabalho produzido estritamente dentro de um programa de Pós-Graduação em Antropologia, que inclui uma etnografia produzida a partir da experiência do remo na cidade de Porto Alegre - RS.

Por esse motivo, decidimos ampliar o repertório de revistas gerenciadas apenas dentro de programas de Pós-Graduação em Antropologia para revistas que tenham um diálogo interdisciplinar, que incluam o conhecimento antropológico às áreas da Sociologia, da História e da Educação Física. Pesquisamos, então, duas das maiores revistas da área da

---

<sup>34</sup> Acessado em agosto de 2018: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-718320080002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-718320080002&lng=pt&nrm=iso)

<sup>35</sup> Acessado em agosto de 2018: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-718320130002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-718320130002&lng=pt&nrm=iso)

Educação Física que dialogam com as Ciências Sociais: A Revista Movimento, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), que tem como escopo temas relacionados ao campo da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais; e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), publicação sob a responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), atualmente editada e mantida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB).

Ao longo de três décadas, a RBCE vem registrando a história da Educação Física brasileira a partir de diferentes olhares e concepções, de distintas abordagens, temáticas, objetos e problematizações. Em ambas as publicações, o resultado já teve grandes variáveis, apresentando títulos em que o remo aparece como objeto de pesquisa. Trabalhos construídos basicamente a partir do próprio percurso histórico do esporte e de investigações comparadas.

### **3.3 Base de dados: Catálogo de teses e dissertações da CAPES, Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e portal científico SciELO.br**

Uma consulta ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq com a palavra-chave “remo” deixa uma coisa bastante clara: a absoluta superioridade numérica dos grupos de pesquisa ligados à Educação Física que têm esse termo em suas ementas ou títulos de projetos. Por assim dizer, o remo “pertence” mais à Educação Física do que às Ciências Sociais. É evidente que muitos deles tratam de aspectos não diretamente ligados aos estudos sociais, como bioquímica, biomecânica ou treinamento esportivo. E um número menor, mas expressivo, são os grupos registrados na área da História, que também pesquisam o remo como fenômeno ligado aos efeitos da modernidade, nas cidades, nos corpos e no desenvolvimento urbano de maneira geral.

Vamos considerar aqui apenas dois deles, alocados em Programas de Pós-graduação em História e que realizam um trabalho mais interdisciplinar com a Educação Física. O Laboratório de História do Esporte e do Lazer - SPORT, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o

Laboratório de História e Arte (Labharte), da Universidade Federal de Santa Catarina, já citados anteriormente.

No catálogo de teses e dissertações da CAPES, realizei a procura a partir dos seguintes filtros: por tipo, teses de doutorado e dissertações de mestrado em todos os programas do país, desde o ano de 1999, colocando como grande área de conhecimento, "Ciências Humanas e Multidisciplinar"; como área de conhecimento, "Antropologia, História, Sociais e Humanidades e Sociologia"; e área de concentração, "Antropologia, História Social, História Cultural, Mudanças Sociais e Patrimônio cultural, identidade e cidadania". Isso me levou a cinco trabalhos, entre dissertações e teses, dos quais quatro deles tornaram-se de fato um referencial teórico para minha pesquisa posteriormente, são eles: a dissertação de mestrado da Carina Sartori, intitulada Na alvorada de um sport: o remo na Ilha de Santa Catarina, defendida em 2013, no Programa de Pós-graduação em História, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), produzida dentro do Laboratório de História e Arte (Labharte).

A tese de Eduardo Karls Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, defendida em 2017, dentro do Programa de Doutorado em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), produzida dentro do Laboratório de História do Esporte e do Lazer - SPORT; a dissertação de Felipe Bertaso intitulada O Futebol Brasileiro no "Jogo" da Patrimonialização Cultural: Uma Análise Interdisciplinar sobre as Relações de Poder, defendida em 2017, dentro do Programa de Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE; e, por fim, a tese de doutorado do Victor de Melo, atual professor do Programa em Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulada Cidade Sportiva: primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (1849-1903) e defendida em 1999 dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF). Essa última merece um destaque, visto que Victor apresenta um dos mais prolíferos trabalhos sobre o remo no contexto do Rio de Janeiro, no campo das Ciências Sociais em diálogo com a Educação Física.

Além da tese, ele publicou uma vasta produção literária que compreende artigos, capítulo de livros e coletâneas sobre aquilo que ele chama de "tradição esportiva perdida no Rio" – referindo-se não apenas à prática do remo, como também a do encantamento e da rivalidade de centenas de torcedores nas regatas dominicais na beira dos Lagos –, debruçando-se sobre a origem dos grandes clubes do futebol carioca (sic), Flamengo, Botafogo e Vasco da Gama, que surgiram como clubes de regatas. Ele analisa os primórdios do “sport” (até meados do século XX era esse o termo utilizado) no Rio de Janeiro em seu momento inicial da construção do que hoje chamamos de MetrÓpole carioca. A extensão do trabalho da Carina Sartori, em Florianópolis, compara-se à importância que o Melo teve para a pesquisa do remo, ambos pesquisando o remo em cidades muito diferentes e muito parecidas ao mesmo tempo.

Por último, a pesquisa dentro do *Scientific Electronic Library Online* - SciELO<sup>36</sup>, que é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, mostrou-nos um panorama bastante interessante sobre alguns trabalhos sobre o remo, realizados no Brasil, mas com circulação no exterior. Como é o caso do trabalho de Carolina Fernandes da Silva, Alice Beatriz Assmann, Eduardo Klein Carmona e Janice Zarpellon Mazo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): *German brazilian rowing associations in Porto Alegre (1917): identity rearrangements in a bellicose conflict*.

Ainda que esse trabalho tenha sido publicado pela revista “*Journal of Physical Education*”, que pertence a um programa de Educação Física, a produção desses autores é bastante interdisciplinar, sobretudo com a História, já que aparece uma lista extensa de publicações. Cito alguns desses títulos a seguir<sup>37</sup>: "O conflito do trapiche preto: um confronto entre as torcidas dos clubes de remo porto-alegrenses"; "O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo"; "Os clubes de remo em Porto Alegre e a recomposição de fronteiras de identidades culturais".

---

<sup>36</sup> A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>37</sup> Lista das publicações e seus hiperlinks, no endereço *online*: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acessado em 26 de outubro de 2019, as 15:00 h.

### 3.4 A pesquisa na *Vrije Universiteit Amsterdam* - VU

A pesquisa na Biblioteca da *Vrije Universiteit Amsterdam* - VU foi realizada durante o período de outubro a dezembro de 2018. Cabe ressaltar que, com a matrícula em uma instituição estrangeira, se tem acesso a periódicos diferentes daqueles que já havíamos pesquisado no Brasil e, muito rapidamente, saltou aos nossos olhos a evidente repetição de alguns padrões nas linhas de produção sobre o remo nas Ciências Sociais, como a relação massiva de artigos nas áreas da Educação Física e da História, por exemplo. Também nos deparamos com algumas variáveis bem interessantes que seriam fundamentais para entender a própria dinâmica do campo da Antropologia do Esporte no Brasil e na Holanda. Dessa forma, dentro do universo de publicações encontradas, vamos centrar as análises em cinco artigos distribuídos em três revistas, visto que elas mantêm esse perfil interdisciplinar sobre o remo a partir da história comparada.

O primeiro artigo, intitulado: *"Rowing 'at home' and 'away': heritage and identity in the Malay world"*, da antropóloga australiana Wendy Mee, publicado na revista britânica *Identities: global studies in culture and power*, em 2017, baseia-se em uma comparação das identificações culturais que acompanham a participação dos sambas malaios em competições de remo "em casa" e "fora". Os sambas malaios são cidadãos indonésios da regência dos sambas, que etnicamente se identificam como malaios. Lá, as competições de remo fornecem a infraestrutura sociocultural para o desenvolvimento de identificações culturais locais e translocais. Duas identificações culturais relacionadas, ainda que distinguíveis, são evidentes, cada uma associada a uma infraestrutura de remo específica. Quando as competições acontecem 'em casa', o remo é mergulhado na cultura e na herança local dos sambas malaios.

No entanto, os concursos "fora", em áreas pouco identificadas como "malaios", geram identificações com uma cultura malaia de base regional. Utilizando uma conceitualização não-positivista de "fronteira", esse artigo considera a interseção de cultura, política, economia, geografia e mobilidade nas práticas cotidianas de fronteira, produzindo duas identificações culturais sobrepostas. Esse é o único artigo, ao qual tivemos acesso, que foi escrito por uma antropóloga, utilizando categorias analíticas próprias da Antropologia - como

cultura, identidade, herança - e publicado em uma revista dessa área - levando em consideração o imenso banco de dados ao qual tivemos acesso.

Outros dois artigos publicados na Revista *Sport in History*, que é uma publicação semestral da *British Society of Sports History*, também chamaram nossa atenção. O primeiro, "*The Women's Amateur Rowing Association 1923 - 1963: a prosopographical approach*", de autoria da inglesa Lisa Taylor, publicado em 2018. O segundo, o texto "*Against Hegemonic Currents: Women's Rowing into the First Half of the Twentieth Century*", da canadense Amanda N. Schweibenz, publicado em junho de 2010. Ambos trabalhos fazem uma análise sobre as relações de gênero dentro do remo, utilizando o método historiográfico.

Taylor (2018) analisou a formação da Associação de Remo Amador das Mulheres (WARA), em 1923, em Londres, como um evento que marcou o início de uma nova fase da história do esporte. Sua fundação sugere, para Taylor, "o compromisso de construir a longevidade, o alcance e a relevância do remo das mulheres". No entanto, no contexto do renomado conservadorismo da Associação de Remo Amador (ARA) que a precedeu e das complexas permissões sociais em torno do esporte feminino no início do século XX, ele também levanta questões importantes sobre a organização e o *status* do remo amador feminino.

Esse artigo amplia o entendimento das associações em torno do remo, usando dados e análises prosopográficas<sup>38</sup> em conjunto com material de arquivo. Desafia a representação existente dessa comunidade esportiva e da administração como um reflexo feminino da ARA, com o objetivo de replicar suas estruturas e, ao fazê-lo, reforçar sua respeitabilidade e legitimidade de sua prática entre as classes média e alta. A análise aborda a interseção de vidas domésticas, profissionais e esportivas, o papel da educação na participação e administração esportivas e a influência da classe nessas questões.

---

<sup>38</sup> A prosopografia é o estudo da carreira de uma pessoa através da informação sobre ela constante em fontes históricas. A pesquisa prosopográfica tem por objetivo desvendar os padrões de relações e atividades via estudo da biografia da coletividade.

Schweibenz (2010), ao mesmo tempo, enfatiza que, enquanto os eventos de remo feminino foram formalmente introduzidos no programa do Campeonato Europeu de Remo em 1954, as mulheres remaram por muito tempo antes. No entanto, como outros esportes, a maioria das informações sobre a história do remo se concentrou principalmente na participação dos homens. Reconheceu-se que os homens de elite social eram os únicos participantes no esporte de remo em clubes privados e instituições acadêmicas durante o tempo de lazer, enquanto os homens da classe trabalhadora remaram ao longo de canais, rios e lagos em todo o mundo para sobreviver. Como resultado, a elite conseguiu definir quem tinha permissão para participar do remo 'amador' e em que termos, enquanto o remo profissional era reservado aos trabalhadores.

O trabalho da Schweibenz procura examinar a história da participação das mulheres no esporte do remo antes de meados do século XX. Isso mostrará que as primeiras entusiastas do remo não eram meras espectadoras: quando se viram excluídas, as remadoras não foram impedidas de participar e criaram suas próprias oportunidades de remo. As próximas duas publicações que incluímos nesta amostra aparecem em volumes da revista *Sport, Education and Society*. Essa é uma revista internacional que publica pesquisas sobre pedagogia, política e a ampla gama de questões sociais, culturais, políticas e éticas associadas à atividade física e ao esporte. A revista se concentra nas formas, conteúdos e contextos de educação física e esporte encontrados em escolas, faculdades e outros locais de educação, com a publicação de trabalhos de cientistas da área da Educação Física e áreas interdisciplinares, que trabalham no campo da pedagogia, mas também de profissionais com interesses em questões teóricas e empíricas relacionadas à pedagogia, política e currículo de atividade física e esporte.

O primeiro artigo se intitula, "*Power, consent and resistance: an autoethnography of competitive rowing*". de Laura Purdy, Paul Potrac & Robyn Jones, publicado em 2008, e é uma coprodução de pesquisadores da Irlanda, Nova Zelândia e Reino Unido, que apresentam um estudo que se baseia no trabalho sociocultural existente no treinamento esportivo, investigando os significados e as variedades da experiência compartilhada treinador-atleta. Especificamente, o artigo utiliza uma abordagem autoetnográfica na tentativa de traçar o relacionamento complexo e dinâmico que existia entre os autores e o timoneiro de remo, durante a preparação para um campeonato nacional do esporte. As análises são apresentadas

a partir da experiência registrada em diário de treinamento - ou "diário de campo", como o chamamos na antropologia -, com memórias durante os seis meses com o *Coach*. Os dados são apresentados e teorizados principalmente pelos conceitos de poder e resistência de Giddens e o valor do gênero auto etnográfico na sua exploração.

O segundo artigo tem o título "*Negation and capital: athletes' use of power in an elite men's rowing program*", publicado em 2009 pelos mesmos autores do artigo citado acima. Novamente, o foco são as relações de poder dentro do clube de remo, apresentando uma etnografia rica e detalhada, examinando como o poder é dado, adquirido e usado por atletas no contexto esportivo de elite. Seus relatos são centrados nas reações de um atleta de nível superior aos comportamentos de seus treinadores e como essas ações contribuem para a criação de um clima de treinamento que influencia e incentiva. A noção de capital de Bourdieu é utilizada principalmente para analisar os dados. As conclusões demonstram como os vários aspectos do capital são definidos, usados e negociados pelos atores sociais no contexto do esporte de elite. O significado do trabalho está na geração de uma maior compreensão da dinâmica do poder no contexto do treinamento.

A Holanda se desenvolveu muito nos últimos anos no campo dos estudos sobre esporte de maneira geral, e a prática do remo é muito frequente em suas cidades, assim como em grande parte das cidades europeias. Esse esporte ainda é uma realidade muito vivida, muito praticada e muito estudada, especialmente nas áreas biomédicas. Mesmo assim, não encontramos nenhum estudo de caso, nenhuma publicação especificamente holandesa que tenha sido realizada em alguns dos seus tradicionais clubes ou canais de água, nem em universidades desse país. Esses cinco artigos foram selecionados dentre um universo de textos que apareceram na busca pela palavra remo nos arquivos que a *Vrije Universiteit Amsterdam* disponibiliza. Todos eles se encaixam nas características da produção de conhecimento sobre o remo dentro da análise das Ciências Sociais, deixando clara a tendência interdisciplinar e predominante das áreas de concentração entre a Educação Física e a História, diferenciando-se das abordagens fisiológicas e médicas sobre o remo.

As áreas de concentração se repetem, assim como as temáticas sobre gênero, identidade e relações de poder. O método historiográfico também apareceu em grande medida para contextualizar o campo, mas o mais inovador nesses textos foi, sem dúvida, a escolha da etnografia dentro dos clubes, como aparecem nos artigos dos autores Laura Purdy, Paul Potrac & Robyn Jones (2008).

#### **4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O REMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Ao mapear uma bibliografia específica dentro das Ciências Sociais, possibilita-nos realizar o exercício breve de reflexão acerca da constituição política do campo de estudos sociais sobre esporte na academia brasileira, conseqüentemente, algumas conclusões podem ser inferidas.

Em primeiro lugar, apesar da qualidade das pesquisas sobre o fenômeno esportivo em áreas como a da Antropologia, da Sociologia, da História, a maior tradição, organização acadêmica e institucional, e o maior volume de pesquisas e publicações, encontram-se na área de Educação Física. Além disso, apesar de ser um dos campos mais tradicionais e consolidados das Ciências Sociais brasileiras, os estudos sobre esporte continuam em constantes transformações, especialmente nos últimos anos, por conta da sua grande capacidade de assimilar e refletir as transformações sociais, da cultura e, sobretudo, dos contextos políticos da atualidade.

Um primeiro dado que salta a simples vista neste estudo é o percentual de publicações sobre o remo que se aloca dentro de duas áreas de conhecimento específicas, a História e Educação Física, e como elas estabelecem um diálogo interdisciplinar muito frutífero com a Antropologia, porquanto se pode identificar o esforço de compreender as sociedades e suas dinâmicas através da lente do esporte, dentro dos paradigmas disciplinares próprios das Ciências Sociais.

No entanto, ainda que isso possa ser conectado ao debate sobre uma Antropologia do Esporte mais diversificada, não é possível atribuir esse esforço unicamente a maior quantidade de textos produzidos em programas de Pós-Graduação da História ou da

Educação Física. Pelo contrário, o período acompanha uma maior pluralização de temáticas do campo, que deixa de se concentrar em estudos sobre futebol, de um lado, para dar atenção equivalente a outros temas, como a intersecção entre raça e gênero, poder, em outras modalidades esportivas.

Mudanças menos intensas ocorreram na maneira como os cientistas sociais escrevem sobre essa questão. Isso ocorreu no Brasil e na Holanda, como demonstrei aqui. Ou seja, o Brasil está inserido dentro de um modelo de produção de ciência global que aglutina certos tipos de conhecimentos ou temáticas em certas áreas de produção de conhecimento. Os mapeamentos bibliográficos ainda são poucos e vêm perdendo centralidade para modalidades de pesquisas teóricas e empíricas, baseadas em maior parte em técnicas de observação participante e em análises de dados secundários, mas são fundamentais para perceber esse movimento macro sobre produção científica.

Dentre os autores que mais publicaram no *corpus*, merecem destaque aqueles envolvidos direta ou indiretamente com a interdisciplinaridade em suas temáticas. Por fim, consideramos que a bibliografia levantada aqui seja indispensável para futuras pesquisas sobre o remo no campo da Antropologia do Esporte.

## CAPÍTULO 2: ALVORADA DO REMO: MEMÓRIA, CIDADE E IMAGENS

### 1. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ANTROPOLOGIA

*“É uma mísera memória, essa sua, que só funciona para trás”*

É com essas palavras que a Rainha de Copas descaracteriza a tentativa de Alice de lembrar de coisas que ainda não aconteceram e acrescenta: “a sua é uma memória muito fraca, Alice, que só vai do presente para o passado. Há uma grande vantagem nisso: a nossa memória funciona nos dois sentidos”, replicou. “Tenho certeza de que a minha só funciona em um”, Alice observou (Carroll, 2009, p. 327)<sup>39</sup>. Acontece que a personagem de Lewis Carroll (1872) está certa. É pelo mesmo mecanismo<sup>40</sup> onde reunimos todas as peças para relembrar o passado que é possível, também, reunir algumas dessas peças, junto com outras, para poder simular ou imaginar um possível futuro. É pelo mesmo maquinário que as nossas memórias reúnem as recordações do passado e os sonhos do futuro para criar um senso de identidade no presente.

Memória e identidade são ideias centrais nas teorias clássicas das ciências humanas e sociais, desde o início do século XX. Estão presentes em reflexões de diferentes áreas e orientações teóricas, como nas análises da memória e/ou da identidade de autores tão diferentes quanto Henri Bérson, Michel Maffesoli, Norbert Elias, Erving Goffman, Stuart Hall, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, entre outros. Para a antropologia, memória e identidade são produtos de uma construção social, que, além de tudo, são reflexos de um fenômeno contrastivo, ou seja, em contraste a algo ou a alguém, e nenhuma delas é essencial ou fixa. Ambas surgem como uma alternativa a determinados problemas, mudam

---

<sup>39</sup> CARROLL, Lewis. **Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Ilustrações de John Tenniel e Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

<sup>40</sup> É possível também pensar esse processo utilizando o conceito foucaultiano de "dispositivo", como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre esses elementos (Foucault, 2000, p. 244).

dependendo do momento histórico, do local, e, por fim, oferecem resposta política aos contextos políticos.

O antropólogo Joel Candau (2002) faz um compilado de algumas das contribuições desses autores, na área das ciências sociais, em seu livro *Antropologia de la Memoria*<sup>41</sup>, e chama a atenção para um elemento de muita importância na construção da dinâmica entre memória e identidade, elemento esse já apontado por Lévi-Strauss (1993), em sua clássica análise do mito “o esquecimento”. Diante do esquecimento, diz Candau (2002, p.7), os indivíduos se vêem na necessidade de realizar o exercício da recordação e recordar é a atividade essencial desse processo, possibilitando a construção de narrativas individuais e/ou coletivas sobre a memória. Portanto, podemos afirmar que a construção da memória e da identidade se assemelham ao bricolagem<sup>42</sup>, fazendo uma analogia com o termo utilizado pelo Lévi Strauss (1989), elas se constroem como um amontoado de lembranças do passado, misturado com elementos de um futuro imaginado, impulsionando, assim, sua força imaginativa, como afirma a Rainha de Copas de Carroll.

Outro elemento de grande importância nesse processo é a “história”, como aponta a antropóloga Lilia Schwarcz (2005) a partir de suas contribuições para o campo entre a antropologia e a história. Ela demonstra como é possível pensar a memória como história e a história como memória, e, então, a memória nem sempre aparece como diacrônica, às vezes ela pode ser anacrônica, dando um passo forte nessa idéia de seriação ou nessa contagem progressiva. Também, podemos tomar memória e história como formas de temporalidade, ou seja, elas podem ser a forma como lidamos com a sensação do tempo. Segundo a autora: "ambas podem ser compreendidas como uma categoria universal, um a priori, nos termos do Kant, ou uma categoria fundamental do conhecimento, nos termos do Durkheim (2005, p. 120). Portanto, não há sociedades ou grupos que não tenham construído a noção de história, ou histórias, no plural, ou que não façam com ela o exercício da memória.

---

<sup>41</sup> CANDAU, Joel. **Antropologia de La Memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

<sup>42</sup> Em '**O Pensamento Selvagem**' (1989), Claude Lévi-Strauss usou o termo bricolagem para descrever uma ação espontânea, além de estender o termo para incluir padrões característicos do pensamento mitológico, o qual não obedece ao rigor do pensamento científico, gerado pela imaginação, baseado na experiência pessoal, sendo gerado também pelo surgimento de coisas pré-existentes na mente do imaginador.

A nossa, a história ocidental, é sempre uma narração progressiva, evolutiva e de causa e efeito. O trabalho de Carlos Severi (2007)<sup>43</sup> é fundamental para esse entendimento. Ele proporciona um panorama bastante diversificado sobre como se constitui o campo dos estudos da memória para a antropologia, construindo uma proposta teórica e metodológica de grande valor, abrindo vastos horizontes para o estudo da memória nas sociedades chamadas não ocidentais; fazendo um aporte substancial na constituição de uma antropologia complexa, colocando em evidência que, a diferença do que geralmente se pensa, nas chamadas sociedades sem escritura, particularmente da América, a memória é social e se organiza, através de certas pautas, mantendo-se pela existência de técnicas mnemônicas que orientam a inferência, a imaginação, a evocação e a crença, o exercício do pensamento em si da representação. Tais técnicas se baseiam na relação que se estabelece entre imagem e palavra, motivo pelo qual estão ligadas às tradições iconográficas e orais que prevalecem em tais sociedades:

(...) por lo que se hallan ligadas a las tradiciones iconográficas y orales que prevalecen en tales sociedades. Son verdaderos artes de la memoria, equivalentes a los que se registran en la historia de Occidente, por lo que la oposición entre sociedades con escritura y sin ella carece de sentido, y es necesario aceptar más bien que hay diferentes caminos en la preservación de la memoria, en la manera como se relacionan los signos y las palabras (Trueba, 2008, p. 63-64).

Por sua vez, Severi propõe uma antropologia da memória que supere as contradições derivadas da separação entre a antropologia da arte e o estudo de tradições orais e nas bases teóricas de Descola, propõe uma antropologia da memória a partir do uso de imagens. Trata-se, para Severi, de pesquisar imagens dotadas de intensidade especial, a ponto de se tornarem transmissíveis, dissemináveis e persistentes. Dessa forma, ele pretende associar sua perspectiva renovada a uma investigação dos “fundamentos psicológicos de toda cultura” para, dessa maneira, entender as “operações cognitivas que estão envolvidas no conjunto de práticas e técnicas que requerem a ordenação e o funcionamento de uma tradição específica” (2007, p. 69).

---

<sup>43</sup> SEVERI, Carlo. (2007), **Le principe de la chimère**. Paris, Rue d’Ulm/Musée du quai Branly.  
& HANKS, William. (2014), “**Translating worlds: the epistemological space of translation**”. *HAU – Journal of Ethnographic Theory*, 4 (2): 1-16.

Há também quem diga que a memória é feita do exercício sistemático de esquecer, e, de fato, como mostra Candau, ela é. Mas, ela também é feita pelo exercício de lembrar. Esquecemos e lembramos fatos, dados e evidências e, por vezes, essa relação entre memória e história não fica muito clara. Contudo, o que nos interessa para este trabalho é entender como os riachuelinos constroem e agenciam essas categorias e como as diferenciam. Schwarcz (2009) aponta para um caminho mais objetivo, mais claro, e sugere que a memória se povoa muito mais de uma série de dados subjetivos e que a história precisa ser pautada minimamente por dados e documentos, números, etc. que podem ou não ser refutados futuramente, mas que ambas são, porém, o fermento para a construção do que ela chama de narrativas oficiais da identidade.

Memória e história às vezes andam às turras. A história pode ser oficial, mas é pautada em documentação e pode ser aferida. A memória é subjetiva. Nações são constituídas com base em memória coletiva, que é imaginação e afeto. A memória pode nos alertar, mas também pode ser a memória de um passado de concórdia que não se sustenta. A memória coletiva pode ser um mote de afeto ao país e construir cidadania (...) Trecho extraído da entrevista concedida ao jornal O Globo. Publicado em 17 de julho de 2019. Link acessado em 21 de novembro de 2019.

## **2. O GUARDIÃO DA MEMÓRIA**

O trabalho que se segue elabora uma reflexão sobre os processos de construção de narrativas sobre a memória e a história do remo em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, a partir da introdução e do incentivo desse esporte durante a primeira metade do século XX. Para tal, foi analisada a exposição fotográfica intitulada "A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas", construída, musealizada e exposta nos salões do centenário Clube Náutico Riachuelo, pelos próprios riachuelos durante o ano de 2015. Essa exposição se insere dentro de um conjunto de atividades comemorativas pelo centenário da fundação do Clube Náutico Riachuelo, como agremiação esportiva mais antiga de Florianópolis, que se mantém ativa atualmente.

Consideramos as atividades decorrentes deste calendário de comemorações um marco para a identidade dos remadores riachuelinos. A construção da exposição fotográfica significou um "evento", no sentido empregado por Sahlins (1987), na sua clássica Ilha de

Histórias<sup>44</sup>, pensando-a numa categoria analítica para um ocorrido culturalmente significado, que não tem data de validade e que tem o poder de driblar a imaginação das pessoas. O evento, como o descreve Sahlins, *nos faz pensar, ele tensiona a nossa compreensão do nosso lugar*, a diferença dos fatos cotidianos, por exemplo, um evento é um marco temporal dentro da cultura.

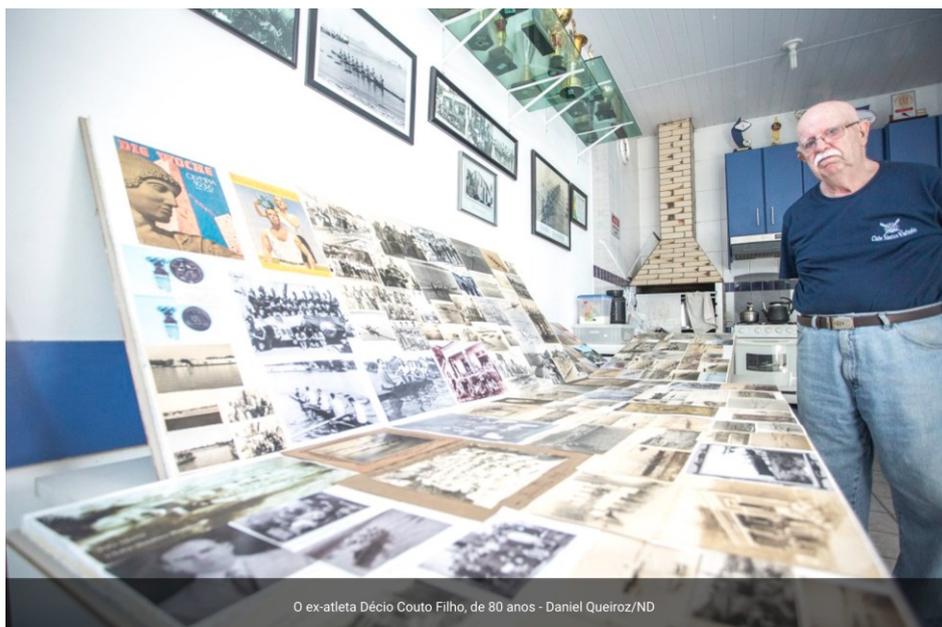
As formas culturais tradicionais abarcavam o evento extraordinário e recriavam as distinções dadas de status, com o efeito de reproduzir a cultura da forma que estava constituída. As condições específicas do contato europeu deram origem a formas de oposição entre chefia e pessoas comuns que não estavam previstas nas relações tradicionais. No mundo ou na ação-tecnicamente, em atos de referência- categorias culturais adquirem novos valores funcionais. (Sahlins, 1987, p. 174).

A construção dessa exposição surge a partir do desejo e do esforço pessoal de um dos remadores mais velho do clube, Seu Décio. Ele é considerado pelos seus pares como detentor do *status* de "guardião da memória". Guardião como uma metáfora de quem luta contra o esquecimento. O exercício da recordação entre os riachuelinos foi possível por esforços e mérito dele, que mobilizou, coletou fotografias, iconografias, cartas e objetos do seu acervo pessoal, familiar, e as juntou ao acervo de outras de famílias que mantêm vínculos próximos e tradicionais com esta instituição, para posteriormente expô-las pelas paredes da cozinha do clube. Na **Imagem Nº 4**, aparece Seu Décio ao lado dos seus painéis, ele mesmo que organizou a ordem das imagens e as colocou emolduradas. As pessoas contavam sobre o carinho e o empenho do Seu Décio nessa hora, que tomava café no Clube Náutico Riachuelo antes de retomar um trabalho que exige zelo. Um jornal local fez uma cobertura desse evento e descreveu o trabalho dele assim:

Com um pouco de dificuldade, as mãos que fizeram parte da história do remo catarinense colavam fotografias no painel de 100 anos do clube, o primeiro da Capital a atingir a marca centenária. Fundado em 11 de junho de 1915, o Riachuelo é 50 dias mais antigo que o Martinelli, que faz 100 anos no dia 31 de julho — o Aldo Luz é de 27 de dezembro de 1918. Jornal ND, publicado em 2 de setembro de 2016.

---

<sup>44</sup> SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**, Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro, 1987.



**Imagem Nº 4:** Seu Décio e os painéis fotográficos  
(Acervo do Jornal ND, publicado em 2 de setembro de 2016, acessado em agosto de 2019)

A **Imagem Nº 5**, mostra o espaço onde foram colocados os painéis. A cozinha é o lugar de sociabilidade mais importante dentro do Clube Riachuelo, é onde os atletas se reúnem para descansar e comer algo depois do treino, o lugar onde a diretoria semanalmente realiza suas reuniões e também é o lugar onde os mais velhos se juntam toda sexta-feira para jogar jogos de mesa e conversar sobre as memórias do passado e do presente.

As fotografias que decoram as paredes os enchem de orgulho e cada um deles tem uma anedota que as ilustra. A história do remo em Florianópolis, construída ao longo do século dentro da água, hoje é compartilhada entre amigos durante as reuniões que acontecem nesse lugar, entre uma partida e outra de xadrez ou baralho. São como fragmentos de memória de cada um dos ex-remadores que hoje compõem a diretoria do clube. Fragmentos que se misturam e se fundem não apenas em uma verdade sobre as façanhas dos barcos, mas em várias versões da mesma narrativa que, por vezes, contradizem-se ou complementam-se.



**Imagem Nº 5:** Painéis fotográficos pendurados nas paredes da cozinha do clube  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

O ex-atleta de mais de 80 anos, entre uma foto e outra, viaja no tempo e relembra passagens da época de ouro do remo:

“A ideia é fazer com que a história do remo catarinense não se perca. Daqui a pouco, não estaremos mais aqui para contá-la. Eu sempre esperei por este momento, não sabia se viveria para isso. Alguns bons amigos partiram desta vida antes, como o Sadi, que morreu este ano, mas nós estamos aqui firmes e fortes para celebrar estes 100 anos”

Conta emocionado. Mas, Seu Décio não é mais um remador da sua geração. A lembrança mais destacada que guarda na memória remete ao pai já falecido, Décio Klettenberg Couto, timoneiro e único catarinense a disputar os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. No mesmo ano, junto com a guarnição<sup>45</sup> de Santa Catarina, representada pelos atletas do Riachuelo, conquistou o primeiro título brasileiro de remo do Estado, em Salvador, na Bahia, o que lhe rendeu o direito de representar o Brasil na Olimpíada.

Na **Imagem Nº 6**, encontramos uma fotografia do seu pai, em destaque dentro do conjunto das demais imagens, carregando consigo todas as medalhas que lhe foram atribuídas nas suas várias conquistas. Isso otorga a Seu Decio uma ascendência linear familiar que lhe

---

<sup>45</sup> Essa é uma palavra que tem origem no vocábulo militar e que se usa para nomear um conjunto de tropas destacadas para determinado local. Os riachuelinos utilizam-na para se referir aos conjuntos de atletas que compõem a equipe de um barco.

garante o *status* de guardião da memória e que, ao mesmo tempo, o clube também constrói um lugar de destaque em sua homenagem, como vemos na **Imagem N° 7**.



**Imagem N° 6:** Retrato de Décio Klettenberg Couto  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)



**Imagem N° 7:** Skiff batizado com o nome de Décio Carvalho Couto  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

### 3. O ACERVO COMO NARRADOR

A partir das fotografias que compunham os painéis elaborados por Seu Décio, realizamos algumas análises sobre elementos que foram emergindo de forma imagética, e que organizam as narrativas sobre a origem do passado, a emergência da cidade de Florianópolis em contraposição à antiga vila Nossa Senhora do Desterro e o avanço da terra sobre o mar. Essas narrativas, presentes na temporalidade que as imagens fazem, foram ganhando centralidade e força durante o decorrer das atividades que envolveram a comemoração do centenário do clube.

Para nossa análise, levamos em conta a dimensão ambígua da memória para que Candau (2002) aponta. De um lado, o exercício da lembrança – que aparece nas partes superficiais, iluminadas ou oficiais dessas narrativas, na medida em que são compartilhadas – e de outro, o do esquecimento, ou da amnésia – em que é possível analisar os aspectos mais opacos ou menos óbvios delas, na medida em que são caladas ou apagadas. Ao mesmo tempo, observamos que existem dinâmicas de transformação cultural em um evento como esse, e sua relação com a história remete a algumas discussões sobre história e cultura que aparecem na antropologia em autores como Marshall Sahlins (1987), Lilia Schwarcz (2005) e Jean e John Comaroff (2016), que caracterizam essa dinâmica pela continuidade e mudança, simultaneamente.

A metodologia de leitura de imagens que optamos para este trabalho, proposta por Schwarcz (2004)<sup>46</sup>, permitiu-nos estabelecer alguns pontos para nossa análise. Primeiro: observar como, a partir da temporalização que as imagens fazem, é possível identificar essas narrativas sobre a memória e a história, permitindo entender como a identidade dos riachuelinos emerge, tenciona-se, fragmenta-se e recria-se cem anos após a fundação do clube. Segundo: não se trata de incluir as fotografias para enfatizar ou ilustrar as análises, mas de mostrá-las como documentos com agência própria, que constroem modelos e concepções de mundo para os remadores - por isso, optamos por introduzi-las ao longo do texto em um tamanho considerável -, ou seja, não como reflexos, mas como a produção de

---

<sup>46</sup> SCHWARCZ, Lilia. **Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais**. Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v.04.02: 391 – 431, outubro, 2014.

representações, costumes, percepções. Não como imagens fixas e presas nas molduras, mas como objetos que circulam, interpelam e negociam identidade e memória (Schwarcz, 2014, p. 393).

Empregamos o termo “representação” no sentido de “estar em lugar de, e atuar por”, para, assim, fazer possível uma relação maior entre texto e imagem e menos como meros registros imediatos de seu momento. As fotografias e objetos da exposição que analisaremos ajudaram a formar percepções coletivas entre os remadores, criando conceitos difundidos da realidade. Essas imagens ganharam centralidade dentro do espaço do clube e até fora, por conta da divulgação da mídia local. Para nós, elas são o narrador principal para as análises, ajudando-nos no exercício da compreensão da história, da memória e da identidade do remo, esboçando sua presença e suas relações com a cidade e as elites políticas e intelectuais da capital catarinense ao longo do século XX, assim como nos permitiu visualizar fragmentos dos “tempos áureos” do Riachuelo, bem como dos lugares urbanos já habitados por eles em Florianópolis. As imagens nos falam do passado, e falam também do presente – assim, nos dois sentidos que menciona a Rainha de Copas.

#### **4. ONDE COMEÇA O PASSADO?**

Nossa chegada ao Clube Náutico Riachuelo, em março de 2015, coincidiu com o começo das comemorações do centenário dos clubes de remo da cidade. Fundado no dia 11 de julho de 1915, o Riachuelo colecionou êxitos ao longo de sua história e foi o primeiro clube de remo catarinense a participar de uma olimpíada, em 1936, na Alemanha. Havia entre eles muita expectativa pelo aniversário número cem, já que nele havia promessas de renovação, de visibilidade e de festa. Muitos deles definiram esse sentimento com a palavra "alegria". Loreno, presidente do clube em exercício naquele ano, definiu esse momento durante um discurso dizendo as seguintes palavras: *“Temos um passado de glórias, mas olhamos para um futuro de paz”*.

Podemos definir os riachuelinos como pessoas a favor do tempo, a favor da história ou, dito de outra forma, sujeitos que encontraram um lugar muito confortável entre a memória e a história para se apresentar como parte de um discurso identitário que tem a história como elemento fundante. Eles gostam de se pensar como sujeitos vindo de um passado glorioso,

ou, como os introduz a primeira estrofe do hino do clube: "*os vencedores cheios de glória*". Esses discursos sobre o passado ficariam mais evidentes ainda com a chegada de junho. Seu Décio, que havia sido convidado para uma homenagem na Assembleia Legislativa de Santa Catarina - ALESC, declarou em seu discurso que participa do clube há 70 anos e aguardou com ansiedade a comemoração do centenário:

“É pelo espírito de fidelidade às nossas convicções que estamos sendo homenageados, e com este mesmo espírito devemos continuar a irradiar o exemplo a ser seguido pelas futuras gerações. Minha maior qualidade foi acreditar neste sonho por mais de 70 anos.”

Mas, o que era possível fazer com a história, da forma como eles a apresentavam, desde a antropologia? É difícil estabelecer ou delimitar onde começa uma e onde acaba a outra. A história - que estava na fala dos meus interlocutores - era um modelo de causa e efeito, que conta um século depois de outro século, enfim, é uma forma ocidental de narrá-la, que responde a um padrão, então, até onde vai o passado para o riachuelinos? Essa contagem cronológica do passado está estreitamente ligada à construção de uma narrativa identitária. Narrativa essa que, se projetadas na imagem de um relógio, com as compilações e datas pré determinadas, contavam os fatos de maneira sucessiva e seriada, construindo uma certa hierarquia entre os fatos.

Vamos a um exemplo - que performa um conjunto de tradições e rituais cotidianamente reproduzidos -, a entoação do hino<sup>47</sup> do clube em dias de regatas<sup>48</sup>. Com isso, podemos elaborar uma interpretação, através dele, como um documento de atuação que nos permite indagar qual a importância, o que está sendo transmitido como o ato de içar a bandeira, enquanto entoam a letra. Ele deixa visível as ideias de um passado glorioso, descritas por Seu Décio e representadas nas inúmeras fotografias, um passado muito presente ou, como diria Levis-Strauss, de um presente repleto de passado:

---

<sup>47</sup> O hino do Clube Náutico Riachuelo foi publicado pela primeira vez no Jornal O Estado de 21 de fevereiro de 1919 (Sartori, 2013, p. 72)

<sup>48</sup> As regatas são competições náuticas de velocidade entre várias barcos - à vela, a motor ou a remos -, fazendo um percurso assinalado por balizas (bóias) e definidos pelos competidores.

“Nos nossos remos; impera a força, brilha a vitória.  
Em nosso peito rebrilha; Toda a grandeza de nossa história.  
Nos nossos remos; fulgura a força, brilha a história.  
Nós queremos é vencer; nós queremos é remar”

Essa estrofe traz, na sua composição, a alegoria de um evento repleto de elementos da primeira República, uma referência indireta aos feitos da batalha do Riachuelo, ocorrida durante a guerra contra o Paraguai, ela narra o esforço, a luta e o espírito dos riachuelinos quando partem mar adentro e representa, em tom épico, o ideal entusiasmo que os atletas devem demonstrar durante as competições. A estrofe elabora um paralelismo entre o êxito histórico e o êxito esportivo e representa a vitória como característica atávica de um grupo. As conquistas que ocorreram outrora na história seriam aquelas que reapareciam, em “brilho” e “força”, como elemento distintivo. Pelos paralelos estabelecidos ao longo da estrofe, “remar” e “vencer” são construídos nos últimos versos como sinônimos, como duas expressões de um mesmo feito.

A palavra "história", que é reiterada, aparece como uma metáfora dela mesma. De um lado, aquele adjetivo abstrato que organiza os acontecimentos e as datas importantes de maneira cronológica; de outro, um elemento que impulsiona, dá força e legitima um discurso no presente. Como uma performance atual dos tempos idos das grandes batalhas de barcos, ela ressignifica uma identidade saudosista e, sob o olhar etnográfico de quem pretende elaborar uma descrição densa sobre esse grupo, essa estrofe contém um acúmulo de símbolos valiosos, sendo possível inseri-la em uma teia de significados, conforme proposto por Geertz (1989) em sua concepção de uma análise semiótica da cultura, conferindo-lhe esse sentido essencialmente semiótico, de conhecimento público e compartilhado.

Mas, vamos um pouco mais atrás no passado, ou, um pouco mais à frente na nossa análise. Com o surgimento do remo como prática esportiva, que se remonta aos acontecimentos decorrentes da Revolução Industrial, por meados do século XIX, entre a

França e a Inglaterra, entre a prática do *rowing*<sup>49</sup> e do *canotage*<sup>50</sup>, ele se insere dentro de um conjunto de outros esportes chamados atléticos, que se aproximavam de outras práticas físicas, como a ginástica, a dança e seus movimentos aos jogos diversos. Durante os primeiros anos do século XX, o movimentar-se esportivo tornou-se técnico, rigoroso e ordenado. É a vez do treino cronometrar as formas e as práticas dos barcos para o alcance máximo do corpo.

Decorrente desse contexto histórico e político, o remo atingiu um lugar de destaque dentro de um conjunto de valores morais, éticos e humanistas de culto ao corpo e à mente propagados pela modernidade, criando, posteriormente, dimensões extracontinentais que se estenderam por toda Europa e chegariam às novas repúblicas das Américas. Autores como Norbert Elias, Eric Dunning (1992) e Pierre Bourdieu (1983), só para citar alguns dos mais importantes intelectuais do campo dos estudos das práticas esportivas, apontam para o surgimento da modernidade como a sociogênese do conceito "esporte", incluindo aqui as práticas náuticas.

No seu clássico ensaio “Como é possível ser esportivo”<sup>51</sup>, Bourdieu (1983) trata de desmembrar essa relação entre esporte e modernidade, levantando a seguinte questão sobre as condições históricas e sociais desse fenômeno social que, segundo ele, passamos a aceitar como algo óbvio. Para ele, o esporte tem uma história relativamente autônoma que, mesmo que estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem

---

<sup>49</sup> Segundo o historiador Henrique Licht, no livro **O remo através dos tempos** (1986), foi em 1825 que iniciaram, na Universidade de Cambridge, as regatas estudantis entre alunos de seus diferentes colégios. Um ano mais tarde, a prática do remo e as competições se multiplicavam na Inglaterra, particularmente entre estudantes e universitários. Em 1827, a Fundação do Cambridge University Boat Club realizou sua primeira regata em 09/12/1828. Em Oxford, o remo continuou a ser disputado entre alunos de seus diversos colégios. Neste ano, ocorreu o segundo destaque na história do remo britânico e mundial: a realização da primeira prova entre barcos a oito remos, das universidades de Oxford e Cambridge.

<sup>50</sup> Na França, a prática do remo se encontraria com a prática do *canotage*, uma atividade cidadina e experimental que propunha um rompimento com o trabalho e com o tempo cotidiano na Paris de meados do século XIX (Sartori, 2013, p.29). Nesse contexto, o remo aparece como incentivo ao desenvolvimento físico e como formação para homens jovens, proporcionando uma educação para o trabalho em grupo junto à ideia de competição saudável. Os primeiros barcos eram de porte pesado e com velas, contando com a presença do *canotier*. Amadores e ‘amantes’ das construções náuticas passariam a calcular o tempo e as distâncias para adaptar as embarcações a uma melhor velocidade e tempo.

<sup>51</sup> Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), março de 1978. In: BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p 136-153.

seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, são possíveis elaborar uma cronologia específica? (Bourdieu, 1983, p. 2).

Fazendo referência ao trabalho da historiadora catarinense Carina Sartori (2013)<sup>52</sup>, a palavra *Alvorada*, contida no título, aqui, envolve esses dois sentidos: o primeiro, remete à hora em que a “guapa rapaziada” encontrava-se para exercitar o físico nos galpões localizados na Beira Mar; e, segundo, pelo remo ser um esporte estreitamente vinculado aos projetos políticos da modernidade, àqueles novos homens, àquelas novas cidades - tanto em Paris, em Londres, quanto no Brasil - Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Florianópolis. A modernidade ligava esses novos conceitos estéticos que envolveram, em sua conjuntura, transformações nos corpos e na vida urbana das grandes cidades, através de práticas que incentivadas de forma a atingir a civilizada vida saudável de cuidado do corpo.

Na **Imagem N° 8 e 9**, aparecem duas fotografias que dialogam, é possível perceber como esses conceitos estéticos, que envolvem o corpo e a cidade, circulavam entre a capital do país, Rio de Janeiro e a capital do estado, Florianópolis. Em ambas fotografias se reproduz a mesma prática e o anúncio de um campeonato brasileiro na fotografia superior deixa clara a evidência de que o local à ser imitado, o detentor do *status* civilizador era o Rio de Janeiro.



**Imagem N° 8:** Barco 4 Com, no Campeonato Brasileiro, Rio de Janeiro, 1945.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

---

<sup>52</sup>SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina**. 2013. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de pós-graduação em História.



**Imagem Nº 9:** Guarnição Campanha Catarinense de 1956.  
(*Acervo do Clube Náutico Riachuelo*)

No Brasil, o remo foi o berço de todos os esportes nacionais com a formação dos primeiros clubes esportivos, compostos, na sua grande maioria, por imigrantes Lusos e Alemães, ajudando consolidada esses novos conceitos advindos com os novos tempos. O remo deu surgimento aos modernos clubes de futebol e outros esportes (Licht, 1986, Sartori, 2013, Melo, 1999, 2000, 2015). Em Florianópolis, sua prática começou a ser desenvolvida entre as baías norte e sul, estabelecendo-se no antigo bairro do Rita Maria - perto do atual terminal rodoviário - por que a formação rochosa e sua extensa praia da região se adequavam perfeitamente à necessidade, como mostram a **Imagem Nº 10**.

Nessa imagem, também é possível ver os habitantes de Florianópolis reunidos em torno da chegada dos primeiros barcos. É possível também perceber a presença das elites políticas presentes na cena do remo desde seus primórdios, que se basearam na efervescência da modernidade crescente e constante entre a população das camadas econômicas mais altas para investir num projeto de ordem e progresso. A localização do remo na região da Rita Maria está inteiramente ligada aos anseios dessa elite, composta em sua maioria pelos comerciantes mais ricos do centro e membros do exército que viam nele um exercício simbólico dos valores da modernidade e associavam-no às inovações sociais da capital federal e a consolidação da participação da alta sociedade na vida política, na nova República.



**Imagem Nº 10:** Batismo dos primeiros barcos na praia da Rita Maria.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Na **Imagem Nº 11**, aparece a legenda: "*Onde tudo começou*" e faz referência ao primeiro galpão do Clube Náutico Riachuelo. Nela, é possível visualizar ainda o mar chegando à porta dos galpões, como se fosse um rastro visível, uma linha divisória habitada pelos barcos que se perderia mais tarde com a chegada do aterro, que, com ares expansionistas, traria o esquecimento definitivo, inexorável, da memória coletiva dos remadores mais jovens sobre os limites entre a terra e o mar.



**Imagem Nº 11:** Onde tudo começou  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

Loreno, que foi o dirigente do Clube Náutico Riachuelo em 2015, enquanto fazíamos o trabalho de campo, descreveu sua relação com a região do Rita Maria assim:

Nós, do Bairro Rita Maria, temos uma relação umbilical com o nosso Riachuelo. Hoje eu entendo aquela dedicação que muitos riachuelinos (in memoriam) tinham pelo nosso clube já que morávamos do lado deste e a nossa relação com o remo era cotidiana. Minha geração as dos 1960's viveu as alegrias das vitórias e a tristeza das derrotas como um sentimento que fazia parte das suas vidas. Todos os transtornos que aconteciam durante os treinos eram compartilhados pela turma. Parecia que o mundo era restrito à nossa rua, Trapiche do Hoepcke, Ilha do Carvão, Fábrica de Prego e de Gelo, Ponte Hercílio Luz e Praia do Rita Maria.

Na **Imagem N° 12**, aparece novamente o galpão de um outro ângulo, deixando visível sua estrutura precária em madeira, lembrando-nos dos ranchos de pesca e do fato que essas primeiras competições entre barcos foram realizadas em uma Florianópolis essencialmente dependente do mar para a locomoção e a pesca como subsistência.



**Imagem N° 12:** Primeira garagem náutica do Clube Náutico Riachuelo  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

## 5. OS NOMES E O REMO

Nomes, como diz o escritor Jorge Luis Borges, citado por Foucault (2000) em *A palavra e as coisas*, são carregados de significações históricas, o nome introduz uma convenção social. Como diz o Lévi Strauss (1976), no *Pensamento Selvagem*, nós primeiro damos o nome, depois encontramos sentidos para ele. Existe uma lógica da modernidade por detrás dos nomes que se relacionam ao surgimento do remo na ilha.

A meados da década de 1880, enquanto Florianópolis ainda era chamada de Desterro<sup>53</sup> destacava-se na capital do Império como um importante centro exportador de farinha de mandioca e, como cidade portuária, era um ponto de desembarque e circulação para os novos habitantes. Havia um incentivo por parte do Império para a imigração europeia, principalmente de alemães e de italianos que chegavam até a pequena vila Nossa Senhora do Desterro. Esse nome, apesar de ser uma referência à fuga da sagrada família para o Egito, desagradava certos moradores, uma vez que lembrava "desterrado"<sup>54</sup>, ou seja, alguém que está no exílio ou que era preso e mandado para um lugar desabitado.

Essa falta de gosto pelo nome fez com que algumas votações acontecessem para uma possível mudança. Uma das sugestões foi a de "Ondina", nome de uma deusa da mitologia que protege os mares, porém logo foi descartado, até que, com o fim da Revolução Federalista, em 1894, em homenagem ao então presidente da República Floriano Peixoto, o governador do estado, Hercílio Luz, mudou o nome para Florianópolis. A escolha do nome foi, contudo, uma afronta à própria população desterrense, dado que Desterro era uma cidade fortemente monarquista e contrária à Proclamação da República. Floriano Peixoto não era uma autoridade com popularidade na cidade e enfrentou grande resistência de seu governo em Desterro.

---

<sup>53</sup> Em 1514 os portugueses chegaram nesta região, e em 1526 os espanhóis. Apesar de tantas visitas ilustres, o povoamento oficial apenas ocorreu em 1673, e cinco anos mais tarde se construiu uma capela à Nossa Senhora Do Desterro, e daí seu primeiro nome – Desterro. Apenas em 1726 foi elevada à condição de vila, e em 1823 se converteu na capital da província de Santa Catarina.

<sup>54</sup> A vasta obra do médico e antropólogo Oswaldo Rodrigues (1903-1978) se debruça sobre a história de Desterro e sobre as disputas pelos nomes ver: Santa Catarina: História e Evolução, de 1937. Nossa Senhora do Desterro, de 1971, editada pela Imprensa Oficial da Universidade Federal de Santa Catarina, consiste em trabalho de fôlego em quatro volumes: Notícia I e II e Memória I e II. Notícia.

A nova Florianópolis (1894) passaria, então, a ser remodelada a partir dos novos anseios da elite local em ascensão com as novas práticas econômicas advindas com a República. Os funcionários públicos, os pequenos proprietários, os profissionais autônomos, os comerciários e os bacharéis, além de buscar diferenciar-se socialmente das camadas menos privilegiadas da população, também redesenharam as posturas cidadinas, de forma a constituir um ar mais “agradável e sadio”<sup>55</sup> que afastasse o significado negativo atribuído ao homem litorâneo de Santa Catarina (Neckel, 2003, p.54). Engenheiros, escritores, críticos, poetas, políticos e jornalistas formariam uma geração de produtores de um saber local. Iniciava-se uma era nova na capital, o projeto da modernidade chegava em barcos até o porto, para se instalar e transformar tudo quanto podia em um reflexo da capital do Império.



**Imagem Nº 13:** Praia da Rita Maria.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Na **Imagem Nº 13**, na Praia da Rita Maria, aparece claramente esse contraste estético do período de transição entre Império e República. De um lado, ao fundo da fotografia, a ponte Hercílio Luz, símbolo da modernidade advinda com a nova configuração política do país, e de outro, num primeiro plano, os galpões dos clubes de remo, no início dos anos de

---

<sup>55</sup> NECKEL, R. Op Cit., 2003. p.54. KUPKA, Roselane Neckel. **Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930**. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993.; NECKEL, R. Op. Cit., 2003.

1920, ainda mostrando a relação estreita com a vida litorânea. Esse período de transição intensificou as discussões sobre a necessidade de modificar o panorama topográfico e social da capital catarinense, e com isso, afastar a imagem da “antiga Vila”, associada ao atraso, fazendo surgir a “moderna e civilizada” cidade (Neckel, 2003, p. 54)<sup>56</sup>.

Como parte desse empreendimento modernizador, de transformação da vida social, começaram os incentivos das primeiras competições de barcos que acabaram gerando, no ano de 1902, no dia 29 de abril, a fundação da primeira agremiação náutica, o Clube de Regatas 29 de Abril. Foi um grupo de homens, formado em sua maioria por generais do exército da marinha, comerciantes, e políticos, que inauguraram junto com o clube, a prática organizada e esportiva do remo. Na **Imagem N° 14**, podemos ver uma cena das primeiras competições promovida pelo novo clube. Em junho de 1902, aconteceu a primeira e teve como homenageado o 37º aniversário da Batalha Naval do Riachuelo<sup>57</sup> e, apesar do fechamento brusco do clube, quatro anos mais tarde, seu surgimento suscitaria indagações sobre a presença do esporte na Ilha de Santa Catarina.



**Imagem N° 14:** Primeiras regatas em torno da Ilha do Carvão.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

---

<sup>56</sup> NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p.54.

<sup>57</sup> A Batalha Naval do Riachuelo, ou simplesmente Batalha do Riachuelo, travou-se a 11 de junho de 1865, às margens do arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraná, na província de Corrientes, na Argentina. Essa é considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra do Paraguai que aconteceu entre os anos de 1864 a 1870.

Na virada do século XX, as atividades relacionadas ao remo eram oferecidas a todos que se associaram ao Clube 29 de Abril, e, apesar de uma existência breve - durou quatro anos - deixaria a prática do remo de volta à forma irregular, com embarcações não apropriadas. Mas, pela primeira vez, a experiência das competições organizadas, e não mais exclusivamente vinculados aos marinheiros ou à Marinha e, dessa vez, com a sociedade florianopolitana conseguindo correr nos páreos, com equipes formadas e com embarcações e remadores associados a um clube, deixariam aos habitantes com um certo gosto pela modernidade.

O clube fechou sem deixar posse do estatuto ou da ata de fundação, por se perderem ou por nunca terem sido votados por completo, e não se tem maiores dados para argumentar se havia o objetivo de tornar-se um formador de homens modernos, de homens competitivos ou apenas de ser recreativo (Sartori, 2013, p.72).



**Imagem Nº 15:** Regatas em torno da Ilha do Carvão 1  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Nas **Imagens N° 14, 15 e 16**, aparece ao fundo a extinta ilha do Carvão. Essa é uma paisagem que se consagrou na memória fotográfica dos riachuelinos e está presente em quase todas as imagens de competições daquela época. A ilha do Carvão era uma referência de localização das raças que partiam da praia da Rita Maria. Ela é lembrada pelo poeta catarinense Fábio Bruggemann<sup>58</sup> a partir da figura do esquecimento, assim:

[...] Cheguei sem procurar. Foi pelo espelho do cartão-postal que atravessei os dias velhos e, ao final, cheguei à Ilha do Carvão, a terra de suposição no mar estreito da Baía Sul.

Ela era a meseta de pedra que surgia na linha de água, no fundo das fotografias, a meio mundo entre a ponte Hercílio Luz e os estaleiros da Hoepecke. Usavam-na para armazenar, no Castelo térreo, as cargas negras, combustíveis e carbonárias. Usavam-na para abastecer, no mar, o vapor dos navios e resguardar de incêndios o cais Rita Maria.

Chamavam-na, entre dentes, de ilha dos ratos. Era a ilha de despensa. Mas quem a visse distante – desde a Ilha das Vinhas ou desde a orla do Mercado Público – adivinharia as suas coordenadas: ela ficava entre dois esquecimentos. Exatamente. Foi uma utopia tímida, ela, ilha-carvoeira tomada de imatéria. [...]



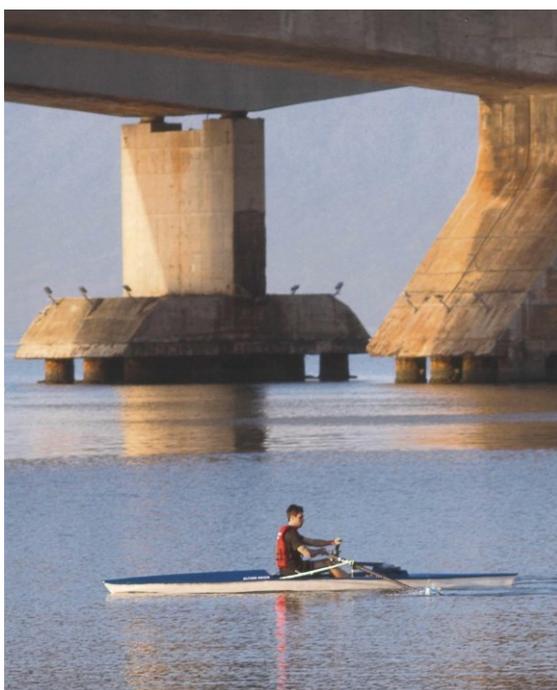
**Imagem N° 16:** Regatas em torno da Ilha do Carvão 2  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

---

<sup>58</sup> Link do Curta-metragem de Fábio Bruggemann e Dennis Radúnz sobre o desaparecimento da Ilha do Carvão disponível no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=zN6MZytXQxM>

Até meados da década de 1970, era possível ver, na baía Sul, a Ilha do Carvão. Hoje, subsiste uma vaga lembrança entre os remadores mais velhos. Ela abastecia de carvão os navios a vapor que usavam o porto da cidade e fazia parte da paisagem local, compondo uma linha reta que começava no cais Rita Maria - usada nas competições. O que restou está nos arquivos e acervos públicos ou particulares em forma de fotografias, audiovisuais e reportagens de jornal. E, também, no imaginário daqueles que apenas ouviram relatos sobre ela. Com a chegada do aterro, ela se converteu na base de apoio para a construção da ponte Colombo Salles, que hoje conecta a ilha ao continente.

Na **Imagem N° 17**, podemos ver como os pilares da ponte Colombo Salles são sustentadas na base onde se localizava essa ilha, mas a imagem dos remadores ao redor dela ainda permanece, pese a todas as transformações.



**Imagem N° 17:** Pilares da Ponte Colombo Salles.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Depois da experiência que o Clube 29 de Abril deixou na cidade, quase dez anos mais tarde, o incentivo que faltava para a consolidação do remo como projeto universalizador partiu do apoio do governo local e de comerciantes da área central. No dia 11 de junho de 1915, foi fundado o Clube Náutico Riachuelo. O nome trazia uma homenagem à Batalha Naval do Riachuelo e foi representado com as cores azul e branca em seu brasão. Ele nasceu

carregando em seu lema na “grandeza da sua história, fulgura a força”, como uma referência às conquistas da Guerra do Paraguai.

Hoje, é possível apreciar uma réplica da imagem dessa batalha na parte superior da porta que dá acesso à sala da diretoria do clube - o espaço administrativo onde se tomam decisões -, como vemos na **Imagem N° 18** trazendo uma representação iconográfica em tamanho grande, que nos remete ao quadro *Combate Naval do Riachuelo*, de Victor Meirelles (1832-1903)<sup>59</sup>.



**Imagem N° 18:** Pôster, réplica da tela do Victor Meirelles - Combate Naval do Riachuelo  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

A obra de Victor Meirelles é carregada de significados político e simbólico não só para os riachuelinos. A imagem é considerada por muitos historiadores como uma expoente desse período de transição entre o Império e a República. O pintor da obra, que nasceu em 18 de agosto de 1832, na antiga vila de Nossa Senhora do Desterro, numa casa de esquina na Rua Saldanha Marinho, filho de uma família de comerciantes, era considerado pela elite

---

<sup>59</sup> A pintura original foi feita em óleo sobre tela, cujas dimensões são de 8,2 metros de largura por 4,2 metros de altura. A obra foi encomendada pelo Ministro da Marinha, Afonso Celso de Assis Figueiredo, em 1868, e retrata um confronto naval que aconteceu na Guerra do Paraguai entre a esquadra brasileira e a paraguaia em um trecho do Rio Prata.

florianopolitana como um artista prodígio, e tido como um homem metódico, sem vício e modesto. Valores que coincidem com o ideal branqueador, que orientava a moral da elite local. Dedicou grande parte da sua pintura às cenas históricas e às batalhas nacionais, tornando-se um dos pintores preferidos de D. Pedro II, que o inseriu no programa de mecenato e alinhando-o à sua proposta de renovação da imagem do Brasil através da criação de símbolos visuais.

A Guerra do Paraguai, como é chamada no Brasil, esse nome faz uma referência a quem carrega a culpa do conflito, o Paraguai. Com esse nome, o Brasil parece se eximir da sua responsabilidade perante as demais nações. Na Argentina e no Uruguai, por exemplo, o nome varia no imaginário e na historiografia dos países vizinhos, sendo conhecida como a Guerra da Tríplice Aliança. Esse nome faz uma clara referência ao conluio ou à aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai, contra o Paraguai. Já no Paraguai, o evento é conhecido como La Guerra Grande, justamente por que foi a guerra que acabou destruindo de fato o país, dizimando quase a totalidade da sua população masculina. Ela é considerada até hoje como o maior conflito armado da América do Sul e, como toda guerra, como todo conflito, ela criou suas próprias narrativas, as suas próprias verdades nas diferentes nações que participaram.

Uma dessas verdades é que o Brasil dos finais do século XIX, ainda nas mãos do Império de Dom Pedro II, vivia o seu maior apogeu econômico, especialmente com o advento da produção de café, que foi conhecido como o ouro preto daquela época. No início da guerra, até era considerado prestigioso participar das batalhas, como um valor que estaria atrelado a uma questão da honra dos homens que iam à combate. Mas, no fim da guerra, o Brasil terminaria sucumbido a uma decadência econômica por conta dos gastos bélicos e hospitalares. A guerra acabou se convertendo num evento em que ambas as partes acharam que seria muito curto, mas acabou se estendendo por seis longos anos e arrasou com a economia de todos os países envolvidos. Esse momento de pós-guerra, e crise econômica, coincidiria com a tomada de forças do partido republicano, do abolicionismo e dos grandes grupos opositores a Dom Pedro II.

Mesmo com o final trágico, o governo imperial fez um investimento enorme em criar suas próprias narrativas e verdades sobre a guerra, a partir do financiamento de artistas como

Victor Meirelles e Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1877), para eternizar aqueles momentos, como a Batalha do Riachuelo e a Batalha do Avaí, citando alguns, como forma de exaltação cívica, para que a população contemporânea e a posteridade se identificassem com um episódio memorável da História do Brasil através da atuação da Marinha. Essas diferentes narrativas históricas sobre a guerra construídas durante esse período e especialmente as narrativas visuais construídas na pintura levam-nos diretamente a pensar nesse embate entre memória e história.

O remo catarinense, que surge com potência e protagonismo social no início do século XX, quase quarenta anos depois dos acontecimentos bélicos, retoma toda essa simbologia das grandes batalhas navais, produzidas nessas narrativas do fim de um segundo reinado, num período de transição republicana e de uma forma menos preocupada com os dados oficiais sobre as perdas que a guerra gerou para o Império, recria sua própria narrativa, positiva, sobre elas, de forma mais subjetiva, como diria Lilia Schwarcz (2005), sobre os ideias de “brilho” e “força”, como menciona a estrofe do hino, reconstruindo um discurso de nacionalidade que, até os dias de hoje, continua sendo um elemento fundamental para a identidade dos riachuelinos.

## 6. A EMERGÊNCIA DA CIDADE

Há poucos meses da fundação do Clube Náutico Riachuelo, um grupo de comerciantes do centro da cidade se reuniu com o intuito de fundar outro clube de remo. No dia 31 de julho de 1915, foi fundado, então, o Clube Náutico Francisco Martinelli. O nome foi dado em homenagem ao jovem guarda-marinha Francisco Martinelli, que, segundo a *Revista Ilustrada*<sup>60</sup>, de 20 Março de 1920, "triunfará em toda a sua carreira: que subira os degraus por esforços próprios, maravilhando seus amigos, enternecendo seus mestres, enchendo de lágrimas doces os olhos da dolorosa velhinha Martinelli".

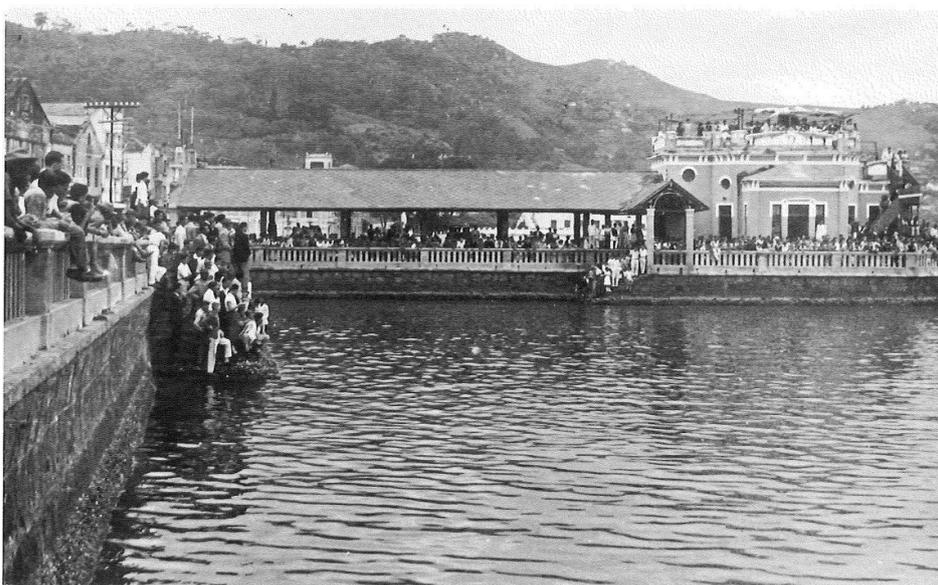
Com a chegada do novo clube - que tinha as cores vermelho e preto como homenagem a um naufrágio de uma viagem da escola naval em 1913 -, ampliou-se as opções para as

---

<sup>60</sup> FILHO, Barreiros. *Revista Ilustrada*, 20 março de 1920. Cd. SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina. 2013.** Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de pós-graduação em História.

competições das regatas, pois o Martinelli se caracterizava pela sua posição não elitizada de seus participantes e associados. Sua proximidade com a vida comercial do centro rendeu-lhe o título de "o clube mais querido" da cidade, deixando para os torcedores do Riachuelo a região da Rita Maria, na Beira Mar Norte, para que se aglomerassem.

As festas de comemoração e os eventos competitivos mais nobres de ambos clubes ficavam restritas apenas aos associados, conforme a classe social e o evento em questão. Esses eventos serviram, também, como palanque político, ao construir uma imagem para as torcidas vinculada ao clube em evidência<sup>61</sup>. As regatas costumavam acontecer em frente ao Mercado Público, no antigo Miramar, como aparece na **Imagem Nº 19**, e chegavam a aglomerar um público de 6.000 mil torcedores aproximadamente. No início do século XX, Florianópolis contava com cerca de 15 mil habitantes e, em 1940, sua população passou a 25 mil habitantes, pois naquela década a Ilha agregou uma parte do continente que pertencia a São José. Até então a capital catarinense era considerada apenas uma região da Ilha (Sartori, 2003, p. 84), e as torcidas se acumulavam nos trapiches, bem perto de onde partiam os barcos.



**Imagem Nº 19:** Torcida no Miramar.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

---

<sup>61</sup> Para mais dados sobre a formação das torcidas de remo nesse período e seu papel na sociedade, ver os trabalhos de: SILVEIRA, Arthur Fernandes. **História do Remo em Florianópolis, 1950 – 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina. 2008. BORGES, M.D.G. **Remando nas Águas da História: As heróicas conquistas do Remo de Santa Catarina 1861- 2002**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado De santa Catarina, 2002.

Se, por um lado, cabia a prática do esporte à alta sociedade catarinense, cabia a participação dos menos privilegiados no incentivo por meio da torcida, as margens próximas às competições, como vemos na fotografia acima. O Riachuelo estava ligado às famílias Muller, Mund, Moritz e Hoepcke; todas de origem alemã e detentoras da maior parte do comércio da ilha. O Francisco Martinelli era integrado por comerciantes menores, e um terceiro clube, o Aldo Luz, que surgiria em 1918, e seria comandado eternamente por Aderbal Ramos da Silva, governador, deputado e mandante perpétuo da política catarinense, até seu falecimento (Ferreira, 1998, p. 59)<sup>62</sup>. Dando sequência à fundação dos três clubes, inaugura-se a Federação Catarinense de Desportos Aquáticos, em 1919, que recebeu o mérito de organizar a prática do remo e de elevar o número de competidores e das competições<sup>63</sup>.

A política implantada junto com o surgimento da Federação apontava para a modificação dos costumes locais, considerados provincianos e atrasados aos novos padrões de sociedade republicana e urbana, inspirados na capital Rio de Janeiro. Visava também uma modernização física da cidade, em infraestrutura, para fortalecer sua formação como capital no estado de Santa Catarina. Novos costumes significavam a construção de uma elite local que se firmasse por meio da participação nos clubes de remo e, ao mesmo tempo, que aderissem ao projeto da modernidade por meio deles.

Isso causou uma segregação entre as pessoas: de um lado, os pescadores e trabalhadores braçais e, de outro, aqueles que tinham uma influência política, intelectual ou financeira maior sobre a restante, como os altos comerciantes e políticos. As participações dos campeonatos estavam diretamente ligadas ao status social da elite local que, para isso, não poupou esforços na marginalização da população que não se enquadrava na nova política florianopolitana de modernização. As regatas na orla tornavam-se, nessas ocasiões, espaços de encontro.

---

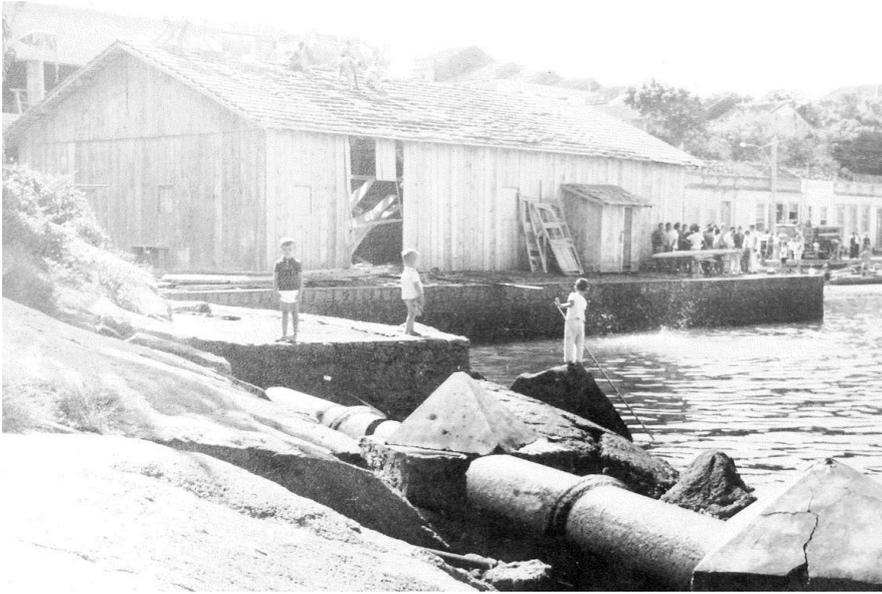
<sup>62</sup> FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998, p. 59.

<sup>63</sup> Vários historiadores coincidem com que a chegada dos três clubes, e, especialmente a data da fundação do Aldo Luz e a data de fundação da Federação Catarinense de Desportos Aquáticos



**Imagem Nº 20:** Torcedores e dirigentes do Riachuelo.  
(*Acervo do Clube Náutico Riachuelo*)

As primeiras décadas do século XX trouxeram a abertura e o calçamento de ruas, a ordenação e limpeza das praças, bem como a realização de obras que garantissem a manutenção da nova ordem e do novo modo de vida. O transporte marítimo que levava homens, mulheres e crianças da Ilha ao continente, ou vice-versa, sofreu alterações. O mar, que já havia sido um dos principais lugares de serviço para os moradores de Desterro durante parte do século XIX - pesca, extração, despejo e meio de comunicação -, sofreria, então, sua primeira intervenção, com um traçado de orla por amontoados de pedras que constituíam pequenas praias na parte Norte da Baía e ao Sul um amontoado de trapiches, para abrigar os espaços de disputas do remo.



**Imagem Nº 21:** Trapiches.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Até o ano de 1926, a única conexão entre a ilha e a porção continental era por via marítima através da travessia ilha - continente. Nesse período, a principal atividade econômica era a pesca. No entanto, todas as atividades econômicas necessitavam do uso de barcos para transitar entre a ilha e continente. Em 1926, foi construída a Ponte Hercílio Luz, com 831 metros de extensão (a primeira ponte entre o continente e a ilha). Este fato trouxe uma grande expansão do comércio.

O modo de transporte terrestre via caminhões e carros passou a representar o principal meio de circulação a partir dessa época. Com essas melhorias no sistema de transportes, aumentou o fluxo diário de pessoas e bens e a expansão das atividades mercantis. O traçado urbano sofreu modificações para que ocorresse a nova ligação entre a ilha - continente, como a instalação das primeiras redes de água, esgoto, energia elétrica, pavimentação, alinhamento de ruas, mudança do cemitério.



**Imagem Nº 22:** Ponte Hercílio Luz.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)



**Imagem Nº 23:** Regatas na Prainha.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

A Avenida Hercílio Luz teve o Rio da Bulha canalizado para receber a pavimentação e ajardinamento após as demolições dos cortiços. As ruas foram calçadas e devidamente nomeadas em homenagem a personalidades republicanas. A construção do Miramar, no final da década de 1920, em substituição ao velho Trapiche Municipal, era um projeto que se inseriu nas perspectivas modernizadoras da capital.



**Imagem N° 24:** Superior. Torcedores carregando barco ganhador. Praia do Rita Maria.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo).

**Imagem N° 25:** Inferior. Carreata pela cidade comemorando vitória do Riachuelo.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo).



**Imagem Nº 26:** Diretores do Clube Náutico Riachuelo.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo).

**Imagem Nº 27:** O barco ganhador sendo carregado pelos torcedores pelo centro de Florianópolis.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

## 7. AVANÇOU A CIDADE, CONTRAIU O MAR

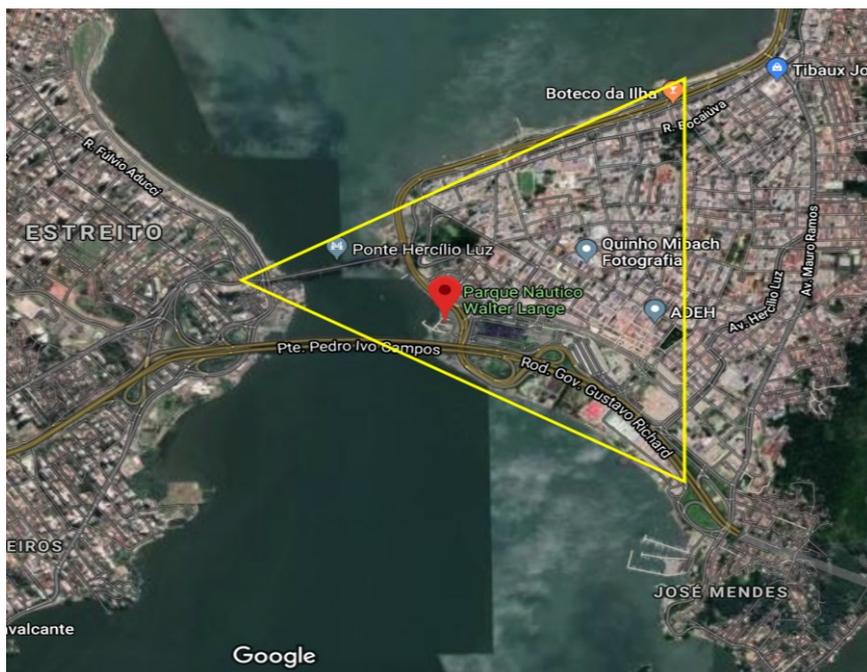
Os chamados "tempos de glória" do remo, em Florianópolis, teve seu auge entre os anos 1920 e 1940. Mesmo com a adesão massiva das pessoas às torcidas de futebol desde meados dos anos 30, o remo ainda assim conseguiu se manter numa certa vida ativa dentro da cidade e, até a década de 1960 conseguiu manter um certo protagonismo social e visibilidade. A maioria dos remadores mais velhos com quem convivemos em campo, os companheiros do Seu Décio, começaram e viveram grande parte da sua carreira dentro da água nessa década, e todos eles passaram pelo que eles mesmos chamam de "início da decadência do remo", com a chegada dos aterros. Lauro, que é responsável pela educação técnica dos novos atletas, foi um remador reconhecido e teve uma vida inteira ligada ao clube Riachuelo. Ele descreve esse processo como "O aterro quase acabou com o remo", e acrescenta:

A mudança foi quase que inadmissível naquele tempo, especialmente pela rivalidade entre os clubes, mas junto com a chegada do aterro foi mingando a popularidade do remo. O aterro acabou tudo. Os clubes ficaram longe das raias. Quase morreu o remo. Sobreviveu com muito esforço de quem gosta!

No fim da década 1960, um projeto de crescimento urbano se instalou em Florianópolis, com o objetivo de expandir o zoneamento urbano e promover a circulação de bens e pessoas, com a promessa que trariam benefícios através de atividades econômicas e da apropriação e uso de espaços construídos. Assim, surge o aterro da baía sul. Na época, a construção do aterro foi considerada fundamental para o desenvolvimento urbano e *status quo* do município de Florianópolis, que, segundo Cunha (2005)<sup>64</sup>, cresceu intensivamente depois de criar uma área triangular de desenvolvimento com vértices apoiados na ponte na direção oeste, ao sul, e ao norte, soterrando a região da Rita Maria até a Região da Prainha, como vemos na **Imagem N° 28**, retirando as sedes das agremiações de remo do centro da cidade e colocando-as na nova região do aterro da baía sul, chamada de Parque Náutico Walter Lange, embaixo das Pontes Colombo Salles e Pedro Ivo.

---

<sup>64</sup> CUNHA, G.S.: **Considerações sobre o aterro de Florianópolis**, 2005. 10 f. Trabalho de conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina.



**Imagem Nº 28:** Parque Náutico Walter Lange.  
(Print do Google Maps. Acessado em novembro de 2019)

O aterro acabou moldando a formação urbana de Florianópolis e, a partir do ano de 1972, novas áreas comerciais, portuárias, industriais e residenciais emergiram em diferentes lugares dentro ou no entorno dele. Ele modelou a expansão da linha de costa e, com isso, o desenvolvimento de atividades comerciais ligadas às atividades portuárias. A implantação se deu no governo de Colombo Salles (1972-75), seguida da construção da Ponte Colombo Salles inaugurada em 1975, que acabou soterrando a Ilha do Carvão. Fábio Bruggemann tenta lembrar a Ilha do Carvão, buscando no esquecimento:

"Dizem que foi pisada pelo pilar da ponte Colombo Salles. Outros dizem que ela se enterrou no centro do lago das bandeiras, no vazio defronte ao Terminal Rita Maria. Entrou, aos poucos, na área sombria da amnésia. Sofreu terras. Contraíu cidade".

Essa segunda ponte permitiu uma ampla integração com as demais capitais brasileiras, em especial as capitais dos estados do sul. No ano de 1978, a fachada do Mercado Público deixou de ser banhada pelas águas do oceano e o aumento das fronteiras da cidade sobre as águas fez com que outras coisas aumentassem, como o sistema viário, as áreas para prédios públicos, residências, indústrias, estabelecimentos comerciais e construção de áreas de recreação e esportes.

Avançou a cidade, mas o mar contraiu, na perspectiva dos remadores. Os clubes de remo foram retirados do centro e realocados, "jogados fora", nas palavras do Lauro. Os novos galpões eram padronizados, doados pela prefeitura, como vemos na **Imagem N° 29**. Com o aterro da baía sul, os tempos áureos do remo de Florianópolis ficaram enterrados na memória dos remadores da geração de Lauro e Seu Décio. As fotografias do acervo do Clube Náutico Riachuelo, que ilustram os trapiches cheios de gente para assistir às regatas, as torcidas organizadas para cada clube aglomeradas nas ruas próximas ao Mercado Público, as ruas do centro invadidas pela festa dos vencedores, tudo isso ficou na lembrança daqueles que hoje evocam a recordação.



**Imagem N° 29:** Novo Galpão do Clube Náutico Riachuelo.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Hoje, é possível observar como as grandes infraestruturas que rodeiam o Parque Náutico engoliram e isolaram os clubes, dificultando seu acesso, ficando quase ocultos da paisagem urbana, destinando-os ao limiar do esquecimento, como vemos nas **Imagens 30, 31 e 32**, abaixo.



**Imagem N° 30:** Ponte Colombo Salles.  
*(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)*



**Imagem N° 31:** Viaduto Região Rita Maria  
*(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)*



**Imagem N° 32:** Viaduto Região Rita Maria  
*(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)*

Essas imagens fazem parte do nosso acervo, porque no acervo deles, essa parte da memória foi "esquecida", ou seja, não encontramos imagens que façam referência às novas configurações do espaço ou mesmo ao processo de afastamento do centro para as periferias. A distância entre os galpões hoje é muito maior do que aqueles poucos metros que os separavam, é uma distância simbólica, que se mede pelo status e pela rivalidade centenária entre eles. Manter essa distância e rivalidade faz parte do *ethos*<sup>65</sup> dos remadores riachuelinos, dos aldistas e dos martinelistas. Na **Imagem N° 32**, aparecem os três galpões, cobertos de folhagem, um ao lado do outro. O primeiro, com a fachada azul, é o Riachuelo, logo, ao lado, o galpão do Aldo Luz, com detalhes em vermelho nas portas, e, por último, quase chegando a ficar embaixo da ponte, aparece o galpão do Francisco Martinelli.

Em março de 2016, um acontecimento marcante trouxe à tona a situação de abandono que os riachuelinos reclamam em relação ao espaço onde foram destinados: a triste notícia de um assassinato ocorrido à noite, aos arredores dos galpões dos clubes. A vítima foi assassinada por um morador de rua, e, segundo a polícia que conversou com os frequentadores dos clubes, eles têm uma visão comum sobre o espaço, alegando que:

O lugar está tomado por usuários de drogas. O local é usado por esportistas durante o dia, e a noite se transforma em ponto de encontro para uso de entorpecentes. Afirmam que este problema inclusive tem feito pais desistirem de matricular os filhos mais novos no curso. Aqui a gente tem uma cultura saudável, de esportes. Ensinamos valores para os alunos. E aí eles saem para o parque e se deparam com usuários de drogas.

Esse depoimento foi retirado de uma reportagem feita por um jornal local<sup>66</sup>, com o título de "Medo afasta frequentadores e moradores de rua do parque náutico, no centro de Florianópolis": Local é frequentado por usuários de drogas durante as noites.

## 8. UMA MEMÓRIA EM DUAS DIREÇÕES

---

<sup>65</sup> O conceito de *ethos*, desenvolvido na antropologia por Bateson (2008), faz referência aos aspectos da formação afetiva dos indivíduos, que são enfatizados em contextos de grupos e, em graus variados, dependendo do contexto, criam diferenças profundas na personalidade dos sujeitos (Bateson, 2008, pág. 285-286).

<sup>66</sup> NSC Total publicado em 14/03/2016.

"Fotografia é o espelho que lembra", diz a frase homônima citada por Walter Benjamin (2006)<sup>67</sup>, numa página do livro "Passagens". Ele nos remete ao outro mundo do que foi, mas não é mais, e continua sendo. Benjamin faz o exercício da memória a partir de relatos fragmentados, inacabados, de uma Paris que já não existe.

A capital do século XIX foi uma espécie de protótipo das grandes cidades fora da Europa, com atenção e ênfase às galerias comerciais como primeiras paisagens do consumo. A capital francesa apresentou e representou a história da cotidianidade moderna, e Benjamin faz uma provocação nesse livro, convidando-nos a pensar a vida nas cidades a partir dessa Paris que descreve. Com isso, ele nos ajuda a pensar nos problemas que a cada dia ganham novas configurações sociais, políticas e econômicas.

Cabe dizer que a alegoria que Benjamin apresenta de Paris, é uma alegoria do próprio projeto da modernidade, dando-nos a possibilidade de revelar as iniquidades que se encontram detrás dessa falsa totalidade harmoniosa e organizada. A frase "ordem e progresso", como foi traduzida no Brasil da primeira República, veio carregada de novas infraestruturas urbanas e, em Florianópolis, essas infraestruturas deram formas materiais a transformações que possibilitaram a troca no espaço e nas redes físicas através das quais começaram a traficar bens, ideias, desperdício, poder, pessoas e finanças (Larkin, 2013)<sup>68</sup>.

A personagem Alice, de Lewis Carroll (1872), que apresentamos no começo deste trabalho, faz uma crítica severa à racionalidade dessa modernidade da qual Benjamin fala, ao questionar a Rainha de Copas sobre como funciona o mecanismo da memória. O grande incômodo da Alice com essa lógica é a excessividade de regras. Do lugar de onde ela vem tudo é regra - as regras da etiqueta, as regras da poesia, as regras do julgamento, as regras do palácio.

As regras que tanto a incomodam, olhadas internamente, dentro do sistema de regras inglês, fazem total sentido. Mas, essas regras, na sua relação com o mundo externo - o Brasil

---

<sup>67</sup> BENJAMIN, Walter. **Passagens de Walter Benjamin**. TIEDEMANN, Rolf; BOLLE, Willi; MATOS, Olgária Chaim Feres (Org.). Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG/Imprensa Oficial de São Paulo, 2006.

<sup>68</sup> LARKIN, Brian. **The Politics and Poetics of Infrastructure**. Barnard College, Columbia University, New York, NY 10027-6598.

no caso -, são loucura completa. Alice mora em *England*, e vai para *Wonderland*. Quando ela vai para outro mundo, ela pensa que as regras de *England* ainda precisam valer em *Wonderland*, por que são racionais, portanto universais e se aplicam em qualquer lugar.

Esse projeto de modernidade, quando chegou a Florianópolis, implementou-se com a ajuda do remo como prática esportiva entre as camadas sociais elitizadas que, em grande parte, pactuaram com essas premissas, na sua tentativa de se diferenciarem do mundo da pesca, do mundo do trabalho, impróprio para a elite. Fazia sentido ter clubes de remo na Inglaterra, em Paris ou no Rio de Janeiro, fazia sentido aqui também.

Florianópolis, na sua forma, é também resultado de processos coloniais ainda em curso, que visam pensar modernidade como um sistema abstrato, universal e independente da condição histórica de onde está. Quando olhamos o acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo, seja qual for a avaliação ou juízo que fizermos das imagens que analisamos, ele sugere uma percepção de Florianópolis, a partir dos fragmentos imagéticos, como partes de uma história inacabada ou de uma memória que se reinventa constantemente.

Essa memória é marcada por imagens que refletem as transformações da infraestrutura da cidade. As pontes, os aterros, as ruas e as construções que constituem as imagens são formas que “não simplesmente exprimem transformações históricas, mas agem nas pessoas para produzir novas experiências do mundo” (Larkin, 2015)<sup>69</sup>. E aqui a história é escrita a partir do contato sensorial com as fotografias, que são lembradas ou esquecidas para se posicionar de frente da oficialidade histórica que lhes são outorgadas. Uma oficialidade entrelaçada com um projeto modernizador, que fundamenta a prática do remo e as formas estéticas das imagens aqui propostas, mas que nega também essa prática, dependendo da agressividade das transformações infraestruturais da cidade.

Esse exercício de reunir imagens, olhar para elas e recordar, realizado pelos riachuelinos por motivo da comemoração do centenário do clube, pode nos ensinar como uma pesquisa sobre as cidades pode nos conduzir a uma reflexão maior em torno das fissuras

---

<sup>69</sup> LARKIN, Brian. FROM THE SERIES: **The Infrastructure Toolbox**. By Brian Larkin September 24, 2015. Publication Information.

e dos interstícios da sociedade florianopolitana contemporânea. A memória dos remadores funciona com o princípio de montagem, onde, justapondo-se fragmentos imagéticos do passado e do presente, possibilitam, faiscando entre si, iluminar uns aos outros lugares, como a região do Rita Maria, ou da extinta Ilha do Carvão e, a partir disso, entender, quem sabe melhor, a cidade em que vivemos hoje.

A memória da cidade de Florianópolis, contada pelos riachuelinos, assemelha-se ao movimento dos braços para completar a remada, um esforço para frente e outro para trás. Como nos lembra Benjamin, a memória é essencialmente entrada e saídas ao mesmo tempo.

A nova forma da ponte Hercílio Luz ao fundo, na **Imagem N° 33**, é feita de ferro. O ferro tem uma técnica específica, desenvolvida durante esse período da modernidade. Ela condensa imensas quantidades de peso, abrindo espaço interior - antes do ferro, edifícios de uma certa altura precisavam de enormes paredes de pedra e grossas colunas internas para suportar esse peso, fechando o espaço - para introduzir uma nova experiência sensorial da paisagem em Florianópolis. Apresentando-se como o novo e opondo-se às formas anteriores que organizaram a vida e a paisagem cotidiana - como os amontoados de pedras na região da Rita Maria ou as ilhotas ao redor, como a extinta ilha do carvão -, dessa forma, a infraestrutura participa da estética e de todos os modos de desejo, significado e fantasia que a envolvem. É também a maneira tátil de viver um novo modo de capital.



**Imagem N° 33:** Remador  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

## 9. A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO REMO

A pesquisa que conformou esta tese, foi iniciada em 2015 e se estendeu até outubro de 2018. Acompanhou uma parte das comemorações de 100 anos da inauguração do Clube Náutico Riachuelo. Esse clube é considerado atualmente como a primeira agremiação esportiva e naval de Florianópolis que se mantém ativa. Seu surgimento está atrelado a uma série de transformações e mudanças tanto urbanas como sociais e na ocasião da comemoração do seu centenário, mobilizou-se uma série de eventos públicos, de caráter político, como os celebrados em sessão solene na Assembleia Legislativa de Santa Catarina - ALESC.

Dentre elas, destaco uma, a proposta pela Mesa Diretora da Assembleia Legislativa e conduzida pelo deputado Júlio Ronconi (PSB-SC)<sup>70</sup>. Essas comemorações abriram uma agenda de outros eventos pequenos, que convocavam à população geral de Florianópolis a se reunir com os atletas durante uns cinco dias próximos da data, 11 de junho. Todos esses dias incluíam o hasteamento da bandeira durante a *Alvorada*, a entoação do hino do clube, regatas entre eles e com os demais clubes, falas públicas de políticos e personalidades públicas e o batizado de barcos com os nomes de alguns dos remadores mais velhos.

Um ano mais tarde, no dia 17 de setembro de 2016, ainda como parte dessa agenda de eventos, e como parte da retomada de elementos que constituíram seu passado "glorioso", as diretorias do Avaí Futebol Clube e do Clube Náutico Riachuelo, assinaram um novo contrato de parceria incluindo assim o remo como esporte nas modalidades esportivas que o Avaí oferece atualmente a seus associados - além do futebol profissional, futebol de base, ciclismo, basquete, futsal, fut 7, beach soccer, e tiro esportivo. Num ato simbólico, o presidente do Avaí, realizou a entrega oficial dos uniformes com as marcas Avaí e Riachuelo, proclamando as seguintes palavras em seus discursos:

“Estamos subindo mais um degrau na caminhada rumo ao fortalecimento da modalidade remo em Florianópolis. É uma alegria poder ajudar o nosso Riachuelo, que um dia nos ajudou com o empréstimo de seus uniformes para o nosso primeiro jogo oficial. Hoje é o “filho” que vem para ajudar o

---

<sup>70</sup> O Partido Socialista Brasileiro (PSB) é um partido político brasileiro que segue a ideologia socialista democrática. Foi criado em 1947 a partir da Esquerda Democrática, até ser extinto por força do Ato Institucional nº 2, de 1965. Em 1985, com a redemocratização no Brasil, foi recriado.

“pai” quando ele está precisando de ajuda” (Publicado no site do Clube Avaí, acessado em novembro de 2019).

Um ano mais tarde, em 2017, no estádio da Ressacada, foi lançado o livro *Uma História Centenária – Desde Jutai e Juruá*<sup>71</sup>, um livro álbum da fotógrafa Denise Becker<sup>72</sup>, que também foi entrevistada para esta tese. O livro algum, se insere como produto parte das comemorações dos 100 anos do Clube Náutico Riachuelo, e traz no seu conteúdo, além das fotografias do acervo do clube, textos e depoimentos de atletas e jornalistas. Esse livro foi financiado em parte pela Lei de incentivo à Cultura e pela Lei Rouanet.

Entre o ano de 2015 e 2018, teve uma série de eventos que pretendiam reforçar a narrativa do resgate do passado e da projeção para o futuro. Sem contar aqui os inúmeros rituais pequenos como condecorações de atletas, jornalistas, políticos, homenagens a familiares, enfim, uma série de coisas simbólicas que se encaixavam e reforçaram o discurso da recuperação da memória e da recordação do passado. Um dos mais simbólicas que lembre no caderno de campo, foi a revitalização da fachada do prédio do clube.

Um grafiteiro<sup>73</sup> foi convidado para pintar as entradas do clube, numa ação que foi conhecida como “Remando com Arte”, e utilizada como estratégia de marketing para atrair um público mais jovem e *“retomar os áureos tempos do esporte em Florianópolis”*, como o definiu o diretor de marketing do clube. As imagens selecionadas haviam passado por uma breve votação entre os membros da diretoria e a escolha final foi a da figura de uma sereia e um tritão, como personagens da mitologia grega, remetendo a aqueles ideais de beleza europeus da modernidade, como vemos na **Imagem N° 34**.

---

<sup>71</sup> São os nomes dos primeiros *yoles*, ou barcos, adquiridos pelo clube, em 1916.

<sup>72</sup> Denise Becker cedeu muito gentilmente uma parte das imagens digitalizadas do acervo fotográfico do clube, que são algumas das imagens que foram publicadas no livro, para a elaboração desta tese.

<sup>73</sup> Teve toda uma discussão prévia sobre a linguagem artística que iriam usar para chamar a atenção do mais jovens, porém a opinião dos mais velhos aqui teve pouco peso, na hora de definir qual seria a "melhor" arte.



**Imagem N° 34:** A sereia e Poseidon.  
(Registro do meu acervo pessoal. Agosto de 2018)

Mas, este evento comemorativo não é uma coisa nova na história do riachuelinos. Vários deles ainda lembram como foi a comemoração dos 50 anos do clube, como uma data memorável, como a comemoração do centenário, que parece um evento repetido na história, e que, lembrando o Sahlins (1987), já está inserida na dinâmica cultural e que é ao mesmo tempo, se caracterizada pela continuidade e mudança, simultaneamente desse evento. Não é à toa, que a data marcada para a abertura do objeto-caixa é 2065, cumprindo-se assim o próximo evento comemorativo do clube.

Prece ser que, a cada cinquenta anos, é aberta a cápsula do tempo, que nosso é grande objeto histórico da cultura. “O problema agora é fazer explodir esse conceito de história pela experiência antropológica da cultura. As consequências, mais uma vez, não são unilaterais; certamente uma experiência histórica fará explodir o conceito antropológico de cultura – incluindo a estrutura” (Sahlins, 1987, p. 19).

### CAPÍTULO 3: "OS VENCEDORES CHEIOS DE GLÓRIAS"

#### 1. AS EXPERIÊNCIAS DE MASCULINIDADES NO REMO EM FLORIANÓPOLIS (1915 - 2019)

*Nós somos do azul e branco;  
Os vencedores cheios de glórias.  
(estrofe do Hino do Clube Náutico Riachuelo)*

Este capítulo combina a pesquisa social observada, a apresentação de um campo de conhecimento emergente e uma perspectiva relacional sobre gênero, homens e masculinidades, no contexto do remo em Florianópolis, entre os anos de 1915 e 2019<sup>74</sup>. Através das suas análises, revela-se a fabricação de uma masculinidade hegemônica, branca e heterossexual, cultural e historicamente localizada, advinda do discurso da modernidade que se instalou na capital catarinense no final do século XIX e se afirmou graças à prática do remo.

Esse modelo foi se transformando e variando ao longo das últimas décadas, de acordo com as mudanças históricas nas relações de gênero que aconteciam na sociedade brasileira, deixando visível que não existiu apenas um modelo único, fixado no contexto do remo, mas algumas variações que foram feitas, refeitas e que se espelham ainda hoje no ideal do homem moderno e civilizado, no sentido da esportivização, como parte do processo civilizatório descrito por Norbert Elias (1992)<sup>75</sup>, na introdução do clássico *A busca da excitação*:

[...] outros tipos de confrontos físicos com as características de desportos foram exportados de Inglaterra e adotados por outros países [...] A transição dos passatempos a desportos, a «esportivização», se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação aos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço da civilização (Elias, 1992, p.42).

---

<sup>74</sup>Tomo como ponto de partida 1915 porque é o ano em que começam a surgir em Florianópolis as primeiras agremiações esportivas de remo, que têm o objetivo claro de promover e incentivar os habitantes pertencentes a uma determinada elite econômica, de forma moderna e civilizada, práticas saudáveis de cuidado do corpo. Mesmo havendo finalizado a observação participante em 2018, dentro do Clube Náutico Riachuelo, a coleta de dados via redes sociais se estendeu até o final de 2019. Essas imagens coletadas em 2019 servirão como parte complementar das conclusões finais deste capítulo.

<sup>75</sup> ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

Com esse estudo foi possível perceber como, em alguns momentos, essa masculinidade teve uma posição hegemônica culturalmente central, ligada à subordinação social e exclusão das mulheres das atividades esportivas e da administração do poder dentro do clube. Mas, em outros momentos, outras masculinidades foram surgindo entrelaçadas às combinações complexas, à medida que a ordem de gênero da sociedade florianopolitana se transformava - é o caso da incorporação das mulheres, das pessoas de cor e as classes trabalhadoras. Por isso, tratando-se de um estudo sobre a construção local e histórica da masculinidade, não podemos apenas nos deixar seduzir pelo estereótipo do "machismo" dos homens da região, relacionando-os ao universo militar ou da pesca (Neckel, 1993, 2003)<sup>76</sup>.

Uma das virtudes deste capítulo, permito-me considerar assim, é a de rejeitar de modo decisivo esse essencialismo, ao mesmo tempo em que se rejeita qualquer tentativa de generalização da masculinidade dentro da prática esportiva, mostrando como essas masculinidades foram e são construídas e performatizadas diariamente, a partir de histórias de homens e mulheres concretos, de sujeitos que encarnam a história do clube em discursos particulares, fazendo dessa história centenária corpos e gêneros.

Essas reflexões surgem a partir da análise de dois objetos. O primeiro, imagens fotográficas que compõem a exposição "A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas". Uma exposição construída, musealizada e exposta nos salões do centenário Clube Náutico Riachuelo, pelos próprios remadores, por motivo da comemoração do centenário da fundação, durante o ano de 2015, inserindo-se dentro de um conjunto de atividades comemorativas promovidas pelo clube e pela prefeitura de Florianópolis, em homenagem à agremiação esportiva mais antiga da cidade, que se mantém ativa atualmente<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> KUPKA, Roselane Neckel. **Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930**. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993. NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

<sup>77</sup> As características sócio históricas do acervo ao qual faço referência aqui, foram descritas e analisadas com maior detalhe no capítulo 2 desta tese.

A metodologia de leitura de imagens que optamos para este trabalho, proposta por Schwarcz (2004)<sup>78</sup>, nos permitiu estabelecer alguns pontos para nossa análise. O primeiro: a partir da temporalização que as imagens fazem, identificar as expressões da masculinidade inseridas num contexto histórico específico. Segundo: tomá-las como documentos com agência própria, que constroem modelos e concepções da masculinidade entre os remadores, como “representação”, no sentido de “estar em lugar de, e atuar por”, para, assim, fazer possível uma relação maior entre texto-imagem e menos como meros registros imediatos de seu momento.

Essas imagens ajudaram a formar percepções coletivas de experiências, criando conceitos difundidos da realidade e desvelando algumas intersecções entre masculinidade e as categorias de raça, classe social e os signos de respeito e virilidade em torno dos usos nativos de ser, ou não, um “remador” - e que, de certa forma, perpetuam-se até hoje. Essas experiências devem ser entendidas como eventos historicamente situados, que precisam de uma explicação particular e que, ao mesmo tempo, produzem novas explicações a partir de uma consciência específica dessa realidade, como observou Patricia Hill Collins (1989)<sup>79</sup>. Além disso, a noção de experiência a qual nos referimos aqui não a concebe como um dado preexistente, ou como um atributo das pessoas a quem cito, mas sim como um evento histórico e discursivo, coletivo e individual que requer explicação (Scott, 2001)<sup>80</sup>.

Por isso, o segundo objeto analisado corresponde a fragmentos de uma etnografia construída a partir do método da observação participante, durante o período de março de 2015 a setembro de 2018, no local onde se encontra a sede do Clube Náutico Riachuelo. Esses fragmentos foram colhidos enquanto acompanhava as atividades e os festejos das comemorações pelo centenário, assim como durante a montagem dessa exposição. Durante esse período, aconteceram várias mudanças estruturais dentro dessa instituição, como partes de um projeto de reformas que visavam atualizar o clube às exigências do cenário nacional de competição profissional de remo. Dito de outra forma, essas reformas vieram como parte

---

<sup>78</sup> SCHWARCZ, Lilia. **Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais**. Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v.04.02: 391 – 431, outubro, 2014.

<sup>79</sup> COLLINS, Patricia Hill. 1989. **The Social construction of black Feminist thought**. Signs, v.14, n.4, pp. 745 - 773.

<sup>80</sup> SCOTT, Joan W. 2001. **Experiência**. La ventana, v.2, n.13, pp. 42 - 74. \_\_\_\_\_.1986. "Gender: a useful category of historical analysis". The American Historical Review, v.91, n.5, pp. 1053-1075.

de uma intenção de profissionalizar o Clube Náutico Riachuelo, por ele ter ficado "parado no tempo" - como o definiram alguns dos meus interlocutores.

Para isso, centralizo as análises etnográficas em dois momentos que considero especialmente simbólicos para as transformações das masculinidades. A masculinidade pode ser exercida por pessoas com corpos femininos e como, em outras circunstâncias, a feminilidade pode ser encarada por pessoas com corpos masculinos, demonstrando, a partir dos aportes de Raewyn Connell (1995, 1997, 2014), que a masculinidade não é um atributo dos "homens", mas sim uma noção relacional e que não há, portanto, uma masculinidade, mas muitas, em oposição à feminilidade e em contraste com distintas inscrições em diferentes relações sociais (de classe, idade, raça, etnicidade, cor de pele e região) que organizam socialmente os vínculos entre homens.

Portanto, neste capítulo, pretendo dar conta da experiência da masculinidade entre os remadores, a partir de uma análise das imagens fotográficas que compõem seu acervo de memórias e de elementos do conhecimento cotidiano que expressaram como membros desse grupo social. Este estudo se destaca, não somente para a compreensão de um modelo de masculinidade no contexto do remo, mas também para a compreensão das transformações das próprias relações de gênero em uma relação mais ampla com a sociedade florianopolitana, que, localmente analisadas, devem ser entendidas e inseridas dentro de um contexto global.

## **2. A EMERGÊNCIA DOS ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADE**

Em um levantamento bibliográfico rápido sobre a produção antropológica com a temática "masculinidades", apareceu uma primeira constatação: a temática da masculinidade parece não ter uma sólida tradição acadêmica, epistemológica, nas Ciências Sociais brasileiras, e a maioria desses estudos é hegemonizado pelas problemáticas feministas, em áreas denominadas interdisciplinares, em que existem várias antropólogas e antropólogos fazendo pesquisas sobre masculinidades e muitos deles, delas, concentrados na interseção com os estudos sobre esportes.

Em decorrência dessa primeira constatação, superficial, sem muitos dados quantitativos sobre a produção, apareceu uma segunda constatação: a relação existente entre as teorias feministas - especialmente as teorias chamadas de segunda onda do feminismo, como as da diferenciação entre homens e mulheres - e os estudos sobre masculinidades. Uma relação que vem se gestando, aproximando-se, afastando-se e se incorporando a uma ideia mais ampla à “de gênero”.

Ao longo da história intelectual do conceito de "gênero", palavras foram se diferenciando e ganhando seus próprios campos políticos de análise, assim como centralidade e força dentro de determinadas áreas das Ciências Humanas. Como aconteceu ao longo da década de 1970 e que se consolidou na década de 1980 com os estudos sobre a “mulher”, que passaram a ter uma nova denominação no final dos anos oitenta, ampliando seu escopo para Estudos de Gênero, como explica Joan Scott (1995, p. 75)<sup>81</sup>.

Na sua utilização recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Os livros e artigos de todos os tipos que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo “mulheres” por “gênero”. Em alguns casos, mesmo que essa utilização se refira vagamente a certos conceitos analíticos, ela visa, de fato, obter reconhecimento político deste campo de pesquisas. Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. “Gênero” parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo. Nessa utilização, o termo “gênero” não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo “gênero” inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo “gênero” constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.

Teóricas feministas do século XX, como Simone de Beauvoir, questionaram a pretensão masculina de se apropriar do significado universal de humanidade e de construir as mulheres como um outro. Na introdução do clássico *O segundo sexo*, citando uma frase de François Poulain de la Barre, escrita no século XVIII, Beauvoir diz: "Tudo o que tem sido

---

<sup>81</sup> SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Direitos autorais 2017 Joan Scott. Educação & Realidade - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online).

escrito pelos homens acerca das mulheres deve ser considerado suspeito, pois eles são, ao mesmo tempo, juiz e parte". O problema que ela aponta é: toda a história das mulheres foi feita pelos homens e, nesse sentido, o problema das mulheres foi sempre um problema de homens (Beauvoir, 1977, p.17)<sup>82</sup>. Beauvoir inaugura, assim, uma tradição no movimento feminista da segunda onda, que tenta deslocar a associação entre homens e masculinidade, incorporando-os como aliados na luta feminista.

Ainda segundo Scott (1995), enquanto os “estudos de mulheres” estabeleceram uma relação imediata com a militância política, o campo de estudos nomeado “gênero” ficou vinculado, principalmente, à busca da compreensão epistemológica das relações entre os gêneros masculino e feminino (p.90). A mudança da terminologia não representou uma mudança no olhar para o tema e, o que de fato ocorreu, no campo da produção científica, foi uma mudança de nome para uma área de estudo sem ter dado de fato tempo ou investimento para forjar uma tradição já estabelecida - como foi no caso dos estudos da masculinidade. Embora “gênero” seja amplamente utilizado, ainda paira uma falta de clareza e mesmo coerência em sua utilização.

Berenice Bento (2015)<sup>83</sup> sugere que, para romper com os estudos puramente descritivos sobre as relações entre os sexos, não questionando os conceitos que estruturam a própria percepção do que está sendo descrito, talvez seja necessário que se encare o estudo de gênero, primeiramente, como um desafio teórico, como um modelo analítico claro que funcione, de certa forma, como uma bússola, na nebulosa e emaranhada rede das relações de gênero (p. 22).

No entanto, nem todas as feministas que acompanharam esse debate epistemológico percebiam os homens como possíveis aliados. Para algumas delas, os homens e a supremacia masculina, que os define enquanto homens, eram o inimigo principal das mulheres, representadas como suas vítimas. A conquista da igualdade de gênero implicava, em seu ponto de vista, a abolição ou a transformação radical da masculinidade. Uma linha desse

---

<sup>82</sup> BEAUVOIR, Simone de. 1977. **El segundo sexo: los hechos y los mitos**. Buenos Aires: ediciones del siglo XX.

<sup>83</sup> BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas** / Berenice Bento. – 2. ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2015.

feminismo mais radical, guiado por Joni Seager (1993)<sup>84</sup>, identificou limites estreitos entre a guerra e o culto militarizado da masculinidade, apontando para a cumplicidade dos homens com a perpetuação do poder masculino, a militarização e a depredação da natureza.

Enquanto os debates feministas estadunidenses se concentravam na dicotomia entre o poder masculino e a falta de poder das mulheres, na Europa, desenvolveu-se uma reflexão muito mais baseada nas relações de classe - no sentido marxista - e nas relações entre homens e mulheres nessa esfera. Dessa forma, foi gestado um dos conceitos chave dessa corrente feminista, "o patriarcado", entendido como um sistema de subordinação das mulheres baseado nas relações econômicas (Delphy, 2000)<sup>85</sup>. No campo da sociologia, Christine Delphy representa uma das maiores expoentes do feminismo materialista francês. Para ela, o gênero que produz o sexo biológico e dá pertinência à diferença anatômica – a qual considera sem sentido – divide a humanidade em duas categorias: masculino e feminino. E, diferentemente de outras conotações do conceito, ela considera que o gênero existe como divisão social graças ao patriarcado, o qual define o como um sistema total.

A necessidade de enfatizar a dimensão relacional do conceito de gênero está presente desde o início desses estudos. Não obstante, a maioria das pesquisas feministas centrou sua atenção nas mulheres em razão delas terem sido as principais afetadas pelas práticas patriarcais. E, apesar desses obstáculos iniciais, de repensar e de redefinir a masculinidade, esse campo tornou-se uma emergência no movimento feminista, fazendo emergir, nos anos de 1970, um novo campo de estudos, os *Men's Studies*, ou os Estudos da Masculinidade. Esses estudos se nutriram de contribuições de diferentes movimentos sociais, como o dos direitos civis, o movimento da liberação gay, e de seus questionamentos sobre os privilégios e a hegemonia do homem branco heterossexual.

Embora os primeiros estudos sobre masculinidade datem da década de 1970, só na segunda metade da década de 80 começam a se constituir de forma mais sistemática e consistente. Notadamente, houve uma influência da visão que privilegia a desconstrução das

---

<sup>84</sup> SEAGER, Joni. 1993. **Earth follies: coming to feminist terms with the global environmental crisis**. Nova York: Routledge.

<sup>85</sup> DELPHY, Christine. **Patriarcat (théories du) in dictionnaire critique du féminisme**. Paris: PUF, 2000. p. 141-146.

relações polarizadas entre feminino e masculino. Os estudos sobre masculinidades múltiplas começaram a possibilitar a escuta de outras vozes que se encontravam ocultas por uma voz hegemônica. Para o antropólogo, Miguel Vale de Almeida (1995)<sup>86</sup>

O androcentrismo de que a Antropologia foi acusada pelo feminismo não só impediu que se ouvisse a voz das mulheres; impediu também que se ouvisse a diversidade das vozes masculinas, a sua visão, por vezes dissidentes, da homologia masculino/público/político – em suma, da masculinidade hegemônica. Ao tornar o masculino em equivalente implícito do social, retirou-se a autonomia e possibilidade de desconstrução (p. 129),

Hoje, apontar o caráter androcêntrico das Ciências Sociais não significa culpar os homens pela dominação, mas interpretar como as diferenças entre os sexos são construídas, valorizadas e hierarquizadas em contextos históricos e sociais específicos. Os estudos sobre os homens tentam compreender os mecanismos sociais por meio dos quais eles estruturam suas práticas, pensando-as relacionalmente. Mas, o “relacional” aqui transcende os limites entre homem e mulher. Há uma preocupação em pensar como os próprios homens relacionam-se entre si, contribuindo para a construção de sua identidade de gênero.

Outras variáveis sociais também passaram a ser consideradas além do gênero: classe, orientação sexual, geração, raça/etnia. Esses marcadores sociais de diferenças cruzados passaram a constituir a multiplicidade dos gêneros. Essa nova fase dos estudos sobre gênero está inserida em uma mudança de paradigmas mais gerais da sociedade. Vive-se um momento em que se privilegia a ideia de mistura, que se valoriza a ambiguidade, a fragmentação e as zonas cinzentas do comportamento (Vale de Almeida, 1995).

## 2.1 As múltiplas masculinidades

[...] devemos pensar na construção da masculinidade como um projeto (no sentido de Sartre), perseguido ao longo de um período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas. Esses projetos envolvem encontros complexos com instituições (tais como escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (tais como a comunicação de massa, a religião e o feminismo) (Connell, 1995, p. 190).

---

<sup>86</sup> VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim do Século, 1995.

A definição de “masculinidades” que adotei para este estudo é a definição dada pela socióloga australiana Raewyn Connell<sup>87</sup> (1995, 1997, 2014, 2014b), que tem sustentado uma posição pró-feminista, produzindo um conhecimento científico sobre esse conceito que o integra dentro das estruturas de gênero mais amplas, como forma de ordenamento da prática social em torno da posição dos homens (1997, p.35)<sup>88</sup>, pensando a masculinidade como uma posição no seio das relações de gênero, "como um conjunto de práticas pelas quais homens e mulheres se comprometem com essa posição, e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura" (2014, p.65)<sup>89</sup>.

Para Connell, o gênero, enquanto estrutura, deve ser abordado considerando as diferenças (raça, classe social, lugar de nascimento), mas também considerando as interações entre três tipos de relações: as de poder, as relações de produção e as de investimento<sup>90</sup> (vínculo emocional), organizadas em torno do desejo sexual. O importante, para ela, não é definir a masculinidade de forma mais ou menos inclusiva, mas sim centrar-se na análise dos processos e das relações por meio das quais homens e mulheres desenvolvem uma existência organizada pelo gênero. E a abordagem do gênero como estrutura organizadora da prática social supõe, ainda, incluir suas interações com outras estruturas sociais como a raça, a classe, a nacionalidade ou a posição na ordem mundial. Dito de outra forma, entender o gênero exige ir "constantemente mais além do próprio gênero, já que as relações de gênero são um componente principal da estrutura social como um todo" (Connell, 1997, p.38).

---

<sup>87</sup> Nascida Robert William Connell, em Sydney, Austrália, em 3 de janeiro de 1944. Após a morte de sua parceira, em 1995, Connell passou a iniciar o processo de transição de gênero. Nasceu na geração do pós-guerra, foi educada e teve sua formação política durante a década de 1960, participando da Nova Esquerda (New Left). Formou-se no bacharelado em História na Universidade de Melbourne em 1966 e logo após voltou à Sydney para concluir o seu doutorado, em Ciências Sociais, pela Universidade de Sydney, em 1970. Foi, de fato, a primeira pessoa a se graduar em nível de doutorado em seu departamento. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Raewyn\\_Connell](https://pt.wikipedia.org/wiki/Raewyn_Connell)

<sup>88</sup> CONNELL, Robert William. 1997. **La organización social de la masculinidad**. In: Valdés, T. & Olavarría, J. (eds.), *Masculinidades, poder y crisis*. Santiago de Chile: Flacso, pp. 31-48.

<sup>89</sup> CONNELL, Raewyn. 2014. **The sociology of gender in southern perspective**. *Current Sociology*, v.4, n. 62.

<sup>90</sup> O termo utilizado por Connell é *cathexis*, se referindo a um conceito freudiano que no Brasil foi adotado como “catexia”, o qual é considerado impróprio para significar os investimentos libidinais de um sujeito sobre ou em direção a seus objetos.

Em resumo, estudar masculinidades, desde a perspectiva que Connell propõe, é investigar teórica e etnograficamente<sup>91</sup> a lógica e as complexidades internas das masculinidades, no interior das estruturas de gênero e na sua relação com outras estruturas como a origem étnica, a raça e a classe. Isso permite romper com o pressuposto de que a masculinidade é uma qualidade essencial, estática e entender que é pelo contrário, uma manifestação histórica, uma construção social, e uma criação cultural cujos significados variam segundo as pessoas, as sociedades, as épocas (Connell, 1997). Entretanto, trata-se de reconhecer as múltiplas masculinidades e as relações que elas mantêm entre si e identificar as relações de gênero que operam dentro delas.

O principal aporte de Connell aos estudos da masculinidade é sua contribuição para a distinção das múltiplas formas de masculinidade, mediante a formulação do conceito de "masculinidade hegemônica" como uma "configuração das práticas de gênero que buscam assegurar a perpetuação do patriarcado e a dominação dos homens sobre as mulheres" (Connell, 1995, p.77)<sup>92</sup>.

Para Connell (2014b), a masculinidade hegemônica não é um tipo de personalidade imutável, mas a masculinidade que está em posição hegemônica<sup>93</sup> em uma estrutura dada de relações de gênero, uma posição que está, além disso, sempre sujeita a questionamentos (p. 11 -12). Permitindo nos construir uma reflexão sobre as masculinidades no seio dos estudos de gênero e relacioná-la à ideia de posição de Scott, sobre a "configuração de prática", que remete para uma análise histórica, pois não basta afirmar que os homens agem de uma determinada forma.

Ainda de acordo com Connell (1997), a fissura entre as categorias de "homem" e "mulher" é um dos fatos centrais do poder patriarcal e sua dinâmica. No caso dos homens, a

---

<sup>91</sup> Alguns dos antropólogos que discutem a construção da masculinidade, a partir de etnografias, são: Campbell (1964); Gilmore, D. e Gilmore, M (1978); Herdt (1981); Mead (1988); Denich (1979); Wolf (1979), Vale de Almeida (1995), Sandy (1993).

<sup>92</sup> CONNELL, Robert William. 1995. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press.

<sup>93</sup> O conceito "hegemonia" é de inspiração gramsciana. Para Gramsci, hegemonia é a capacidade de um grupo exercer o poder sobre o conjunto da sociedade de forma legítima, sem resistência. Mas a hegemonia é sempre provisória, à medida que um grupo que se encontra hegemônico pode reverter a correlação de forças.

divisão crucial é entre masculinidade hegemônica e várias masculinidades subordinadas. Daí sugere que as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também pela sua inter-relação com a divisão do trabalho e com padrões de ligação emocional. Por isso, pode-se verificar nas relações sociais que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens.

A masculinidade hegemônica está enraizada na esfera da produção, na arena política, nas práticas esportivas, no mercado de trabalho. E, em todas estas esferas, o discurso impulsionador das práticas dos homens tem como fundamento a competição, a busca insaciável pelo sucesso, pelo poder. É nesse ponto que a masculinidade deve ser provada, e, quando isso ocorre, é questionada, tornando necessário que seja novamente provada: sua construção é constante, implacável e inatingível. Ao definir masculinidade como “uma configuração de prática”, Connell deseja resgatar o aspecto dinâmico e histórico das relações de gênero, da possibilidade de contar a história de como uma dada configuração surge, interagindo com outras, possibilitando notar quais os critérios definidos socialmente para a construção da masculinidade, preocupação e posição muito próxima à esboçada por Scott. Ou seja, entender a construção das masculinidades como uma prática que se estrutura histórica e relacionalmente.

Scott, ao estabelecer os dois conjuntos que compõem a definição de gênero, remeteu-nos à observância da dinâmica histórica, chamando nossa atenção para a necessidade de se formular perguntas que busquem compreender como as sociedades constroem as relações de gênero e como estas constroem as relações sociais. Assim, pensar a masculinidade nos marcos da definição de gênero proposta por Scott significa pensar as práticas dos homens inseridas nas relações de gênero e também nas relações sociais.

Mas, falar que a masculinidade é a forma como o gênero masculino configura suas práticas não significa dizer que exista apenas uma masculinidade, ou seja, uma única prática. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Assim, a definição de masculinidade em nossa cultura constitui-se em diversas histórias simultâneas: da busca individual do homem pela acumulação daqueles símbolos culturais que denotam masculinidade, que indicam que ele a alcançou efetivamente; daqueles padrões usados para se evitar que as mulheres se incluam na vida pública e que

sejam remetidas para uma esfera privada desvalorizada; do acesso diferenciado que os diferentes tipos de homens têm aos recursos culturais que conferem masculinidade e de como cada um desses grupos passa a desenvolver modificações próprias para preservar e reivindicar sua masculinidade.

Trata-se do poder que essas definições por si só têm para a preservação do poder efetivo que o homem exerce sobre a mulher e que alguns homens exercem sobre outros homens. "O modelo hegemônico exalta a virilidade, a posse, o poder, a violência, a competitividade, mas apenas uma pequena parcela da população masculina preenche as condições desse modelo " (Bento, 2005, p.90).

### **3. A IMAGEM DA NOVA NAÇÃO, DOS NOVOS CORPOS**

Em fins do século XIX, entre as aspirações de progresso e os temores de degeneração racial, a elite brasileira nutria o desejo de criar uma "civilização nos trópicos". [...] a consolidação de uma espécie de projeto nacional tão modernizante quanto autoritário. Nascia, assim, o sonho do Brasil como construção futura, desejo hostil ao seu passado [...] (Miskolci, 2013, p. 21).

A maioria das narrativas históricas sobre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX no Brasil seguem mais ou menos a mesma linha em que amarram a mudança de regime político, a passagem da Monarquia à República, com a chegada e instalação do projeto da modernidade junto ao projeto de nação. A partir da proclamação da primeira República, essas narrativas assumem-se como um período de transição ou de ruptura que nos auxilia a compreender a formação de importantes aspectos de nossa sociedade contemporânea.

Vimos, no capítulo anterior, como o conceito de cidade emerge nesse puxante e ambicioso projeto que se apropria da capital Catarinense, e se realiza em uma série de transformações urbanas que tentaram afastar as características de uma vila portuária, uma capital da colônia, para uma cidade moderna, republicana. Esse esforço se traduziu em uma série de hábitos e códigos morais que acabariam por moldar os corpos dos habitantes da antiga Desterro.

Autores como Edward W. Said (2007)<sup>94</sup> apontam para as profundas transformações econômicas, políticas e sociais que ocorreram em países que ele chamou de periféricos, como o Brasil e países do norte da África, que, durante o final do século XIX, espelhados na ideia ocidental de modernidade, construíram uma relação desigual com a maior parte do mundo, vista como bárbara e incivilizada. Miskolci (2013) conta que, ao mesmo tempo, na Europa, esse projeto de civilização era motivo tanto de desejo quanto de repulsa, pois era visto também como fonte de perigo, ameaça à tradição e causa de novas patologias originadas pelo progresso (p.22). No Brasil, esse mesmo projeto de civilização tendia a ser visto como aliado da tradição apontando para o progresso. "Ou seja, enquanto lá se temiam as consequências da modernização aqui nós a desejávamos, pois nosso inimigo era nosso passado, associado ao atraso, à natureza e aos instintos" (Miskolci, 2013, p.23)<sup>95</sup>.

Segundo José Murilo de Carvalho<sup>96</sup>, para alcançarem seu desejo de nação: "Os missionários da modernização identificavam na população brasileira o grande obstáculo ao progresso" (1998, p. 125). O desejo da nova nação brasileira partia de uma classe política e intelectual que se construía por meio de uma avaliação negativa do povo e do seu passado, primeiramente colonizado e depois escravizado. A desqualificação do povo brasileiro como incapaz para se inserir nesse modelo internacional exigia uma transformação na ordem da biopolítica, delineada pela recusa da elite com relação ao povo em favor de uma nação futura, a ser criada como branca e civilizada (Miskolci, 2013).

O termo "biopolítica", ao qual Miskolci se refere, faz referência ao conceito gestado por Michel Foucault<sup>97</sup>, no qual o autor desenvolve a ideia de que houve uma emergência e

---

<sup>94</sup> SAID, Edward. **Orientalism**. London: Routledge, 1978 [São Paulo: Cia das Letras, 2007].

<sup>95</sup> MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. / Richard Miskolci. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Mariza Corrêa. – São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Queer).

<sup>96</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **“As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador”**. In: Forças Armadas e política no Brasil.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 13-61

\_\_\_\_\_. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

<sup>97</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2005.

uma expansão histórica de um conjunto de saberes e práticas que atuam sobre a vida dos corpos e das populações. Nessa perspectiva, os corpos estão inseridos no campo político e as relações de poder têm alcance imediato sobre eles. No caso brasileiro, a partir da pressuposição de um país sem povo constituído - um temor que guiou os debates e as decisões sobre o fim da escravidão e um ideal de nação - a passagem de uma sociedade monárquica e escravista para uma republicana e de trabalho livre, foi apresentada como um acontecimento histórico marcado por medos de revoltas ou vinganças negras, assim como por fantasias elitistas de embranquecimento populacional, alimentadas pelas teorias "científicas" do Darwinismo Social<sup>98</sup>, que deram origem posteriormente a políticas de eugenia e ao racismo científico (Bolsanello, 1996)<sup>99</sup>.

No Brasil, o esporte e a ginástica se promoveram como práticas civilizatórias, dando lugar a debates entre intelectuais, médicos, comerciantes e políticos sobre o desenvolvimento físico, a saúde, o patriotismo e a organização militar, junto à formação dos jovens e do embelezamento dos corpos na conquista de um povo forte, dando lugar a um homem novo, tanto em forma, aparência e em sentimentos. A transformação dos corpos foi uma estratégia utilizada nas políticas modernizadoras - como foi o incentivo da prática do remo - baseados na retidão de posturas e de hábitos saudáveis. Tais práticas estiveram ligadas à ideia de progresso, aos processos de urbanização, de industrialização e de educação do corpo físico em todo o mundo ocidental, principalmente durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, como apontaram Elias e Dunning (1993).

Os debates da invenção de um novo corpo para um novo povo, tinham no mestiço o eixo simbólico da unidade nacional, promovendo nele o rompimento dos discursos de indolência, incapacidade, atraso e doenças. Baseando-se em “medidas profiláticas, como higiene sexual das famílias, e especialmente nas práticas corporais, como a ginástica e a educação física. Acreditava-se que com tais medidas seria possível alcançar resultados

---

<sup>98</sup> O darwinismo social tem origem na teoria da seleção natural de Charles Darwin, que explica a diversidade de espécies de seres vivos através do processo evolução. O sucesso da teoria da evolução motivou o surgimento de correntes nas ciências sociais baseadas na tese da sobrevivência do mais adaptado, da importância de um controle sobre a demografia humana.

<sup>99</sup> BOLSANELLO, M.A. **Darwinismo social, eugenia e racismo**. Educar, Curitiba, n.12, p. 153-165. 1996. Editora da UFPR.

benéficos para a constituição de um corpo saudável e para o alcance da “perfectibilidade” da “raça em formação”.

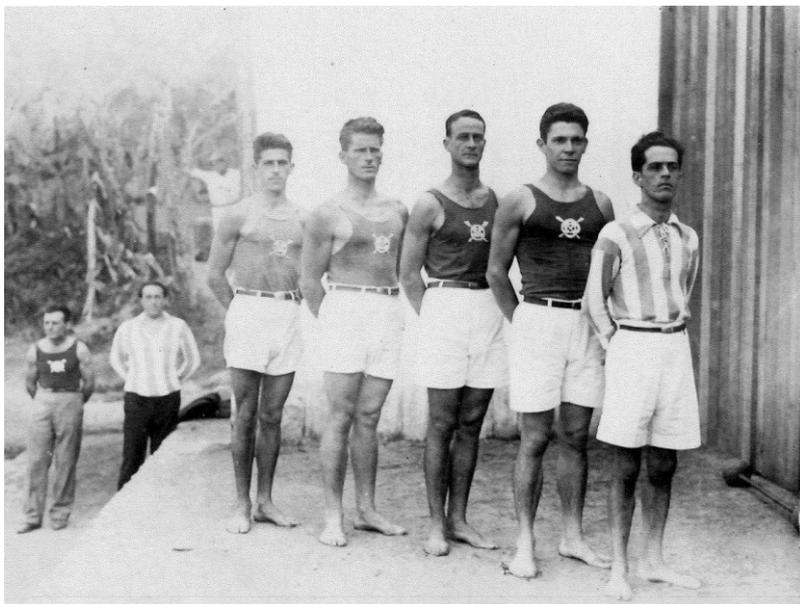
O branqueamento, como um projeto nacional, mesmo que este localizado no passado, começou a reunir no imaginário das elites, as referências para pensar a sociedade como um projeto a ser alcançado no futuro. Essa mesma referência, compreendia o social fundamentalmente como algo biológico, e que, por meio da imigração europeia, branca, no futuro, seria possível alcançar uma melhor condição na ordem mundial (Miskolci, 2013, p.37).



**Imagem Nº 35:** Atletas e diretores do Clube Náutico Riachuelo em 1915.  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Na **Imagem Nº 35**, vemos como foi apresentada as primeiras guarnições de remadores do Clube Náutico Riachuelo. Esses ideais, quando chegaram à capital de Santa Catarina, foram traduzidos pelos corpos dos atletas do remo. Eles apareciam com o tronco reto, como uma formação militar, mostrando a musculatura dos braços fortes, se assemelhando a quem usa a força dos braços mas não necessariamente para trabalhar, já que ao mesmo tempo aparecem bem arrumados, com os cabelos penteados, como se estivessem sempre prontos para os eventos sociais.

O contraste entre a roupa leve, apropriada para o calor, dos remadores, e o terno de 3 peças, que inclui um colete, próprio para o inverno, dos diretores. É como se estivessem em climas diferentes. Mas não surpreende, pois era característico da época o uso de roupas próprias para o clima europeu, como modo de distinção social.



**Imagem Nº 36:** Guarnição vencedora do Troféu Lauro Carneiro, formada por Eduardo Muller, Max Muller, Alberto Moritz, Orlando Cunha e Décio Couto. *(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)*

Enfim, essas primeiras imagens em que aparecem os atletas, fazem uma clara referência em oposição à postura dos antigos moradores ilhéus. Uma oposição entre aqueles que vão ao mar para lazer e aqueles que vão ao mar a trabalho, entre remadores e pescadores, entre o remo como atividade lúdica sem fim prático e a pesca como busca de sobrevivência. Esse mesmo corpo se repete na **Imagem Nº 36**, onde é possível também ver com destaque os sobrenomes lusos e alemães das primeiras famílias ligadas a seu desenvolvimento, e que ganharam centralidade na sociedade florianopolitana daquela época (o último à direita é o pai do Seu Décio).

### 3.1 A virilidade nos corpos



**Imagem Nº 37:** Atletas do Clube Náutico Riachuelo (sem data)  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

Na **Imagem Nº 37**, podemos ver como o incentivo ao esporte envolvia a produção de fotografias de corpos em harmonia coletivamente. Imagens que deveriam promover uma sensibilidade estética de liberdade, efervescência e força. Os Cenários em que eram representadas as conquistas dos atletas, remetiam a Paris de inícios de século XX<sup>100</sup>.

Os espaços eram preenchidos com tapetes e outros elementos decorativos europeus, como a estátua que é segurada por um dos atletas e que aponta para cima, como sinalizando uma direção e os troféus, sinalizando a vitória. Todos estes elementos tinham como principal objetivo ressaltar todas as qualidades corporais, exibindo cada detalhe, de todas as partes,

---

<sup>100</sup> Segundo Sartori (2013) Listas de corpos morfologicamente hierarquizados eram publicadas pelas comissões médicas dos jogos Olímpicos em Paris de 1900. As fotos dos participantes desnudos no tórax apresentavam os dados: “do ‘tipo torácico’ preferido por Demenyl, ao ‘tipo abdominal’, em 1902, o ‘tipo respiratório’ preferido por Sigaud, em 1910, ao ‘tipo digestivo’ ou ao ‘tipo cerebral’.”<sup>13</sup>. Rendimento, dados, centímetros, calendários e cálculos no corpo. Devidamente registrados nas escolas francesas, durante as primeiras décadas do século XX, os corpos passaram a ser comparados em suas proporções e resultados. Jovens corpos testemunharam as transformações que visavam alcançar o *sportman* perfeito, uma justaposição das palavras *sport* e *man* (p. 29-30).

para que os espectadores possam "*Tornar-se consciente do seu corpo com todas as suas articulações para que ele se movimente livremente*"<sup>101</sup>. Como o remo é um esporte praticado ao ar livre e com certa liberdade ao movimento corporal, devido o uso do *Jersey*, essas imagens despertaram a estética de uma nova masculinidade entre a juventude de Florianópolis, com corpos "que se apresentavam altivos e fortes", com "liberdade de espírito" (Mello, 2001)<sup>102</sup> performatizando a nova nação que remava rumo ao progresso.

Na **Imagem N° 38**, aparecem os remadores representados como heróis da nação, vestindo medalhas de condecoração, representados como o futuro de uma juventude viril aliada à prática dos exercícios físicos. As roupas justas ao corpo delinearam os músculos que agora estavam à mostra. Quatro estão com uma camisa semelhante, outro, que ocupa a posição de timoneiro<sup>103</sup> usa a camiseta diferente, marcando sua hierárquica no barco. Os jovens sadios eram apresentados como homens disciplinados. A base da força para desprender a energia, no ato de uma regata, obtinha-se através dos agrupamentos de músculos superiores e inferiores, braços, peitoral, ombro, costas, abdômen e pernas.

As palavras de ordem eram: "Nós somos do azul e branco; os vencedores cheios de glórias". Além do exercício físico individual, o momento de uma regata transformava-se num evento público, social, para o remador, para a embarcação e para o clube. Era necessário o controle dos gestos para ajustar a percepção de corpo à mente e a embarcação. Era o momento da disciplina, da conjunção, da força, da sensibilidade e da racionalidade dos homens. Aliado às ideias de higiene, de saúde e de progresso, as imagens dos jovens conduzindo suas embarcações, com seu corpo a mostra e seus braços fortes, podem ser compreendidas como a imagem da nova República que seria conduzida por uma nação forte rumo ao progresso.

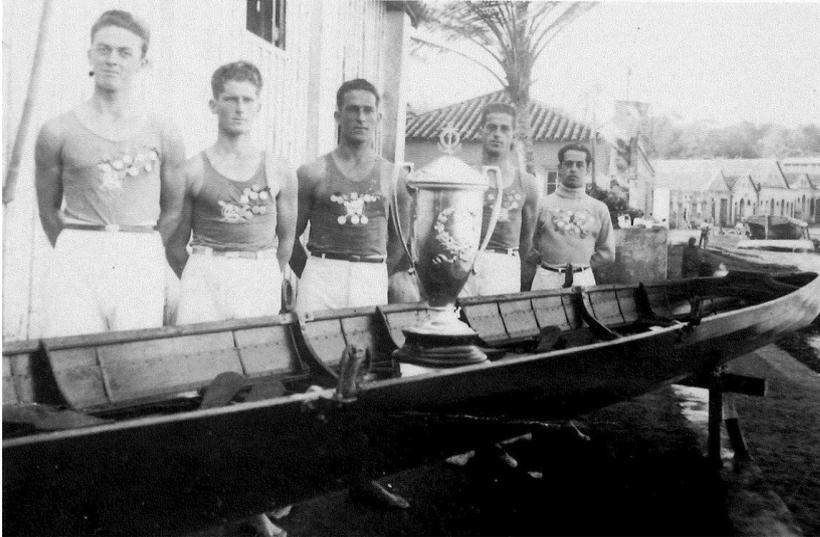
---

<sup>101</sup> Tradução livre: "*Prendre conscience de son corps avec toutes ses articulations pour qu'il puisse s'exprimer librement.*" VIGARELLO, Georges. **Le temps du sport**. In: CORBIN, Alain. **L'avènement des loisirs (1850-1960)**. Paris: Champs histoire, 1995. p.288.

<sup>102</sup> MELO, Victor Andrade. **Cidade esportiva. Primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os sports e a cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

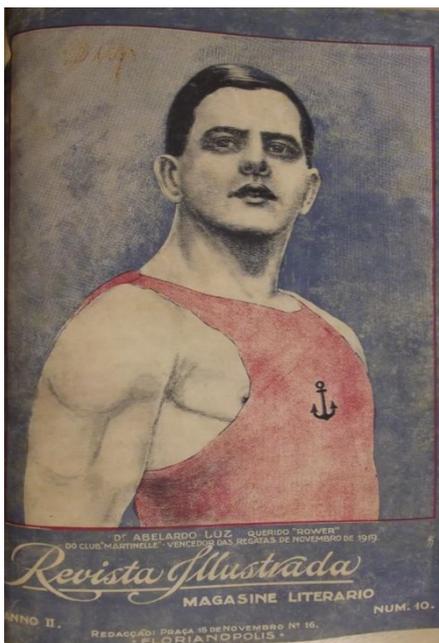
<sup>103</sup> O termo latino está na origem de "o governo da embarcação", pois as embarcações não são guiadas ou dirigidas, mas sim governadas. É o tripulante responsável pela navegação. O termo é de uso mais corrente no remo esportivo.



**Imagem N° 38:** Atletas do Clube Náutico Riachuelo 2  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Não seria apenas o corpo que sofreria as mudanças com a prática do remo. Uma linguagem midiática sobre cotidiano dos atletas emergiria, objetivando divulgar os ideais de regeneração e moralidade através dos exemplos de uma vida saudável. Com a troca de regime político se reforçaram as representações culturais (especialmente nos jornais) que associavam o Império com a decadência, e a República com o progresso e o futuro.

A primeira República, que foi proclamada pelo exército, garantia a ordem pelo uso recorrente da força armada, mas eram as medidas higienizadoras cuja violência era menos óbvia, que exigia dos homens que sejam "controlados", que saibam administrar suas paixões, seus desejos e suas pulsões. A consolidação desse novo regime foi marcada por uma associação direta entre Estado e masculinidade, em que somente aqueles homens que provassem seu autocontrole poderiam ter reconhecido seu *status* de verdadeiro "cidadão nacional" (Miskolci, 2012, p.53). Portanto, o ideal nacional branqueador tinha como um de seus pilares a reprodução sob o controle masculino, pois o homem era o único visto como o verdadeiro portador da branquitude e do progresso e no topo dessa hierarquia estava o homem, branco, heterossexual.



**Imagem Nº 39:** *Capa Revista Ilustrada - Publicação Mensal. Florianópolis, 15 de novembro de 1919*  
(Fonte: Carina Sartori, dissertação, UFSC).

Na **Imagem Nº 39**, podemos ver a capa da edição Nº 16 da revista *Ilustrada*<sup>104</sup>. Nela um desenho, a ilustração de um homem branco, olhando com a cabeça erguida para o horizonte, como apontando o futuro como o olhar. Com os braços descobertos, exibindo uma musculatura delineada, demonstra força e virilidade, e com os cabelos bem arrumados, brilhando de limpos, demonstra disciplina e higiene. Abaixo uma dedicatória "ao vencedor da regata de novembro de 1919".

Podemos tomar essa imagem como a representação da "nova mocidade florianopolitana", trazendo em destaque, na capa, homens sadios, viris, ativos, articulando elementos já citados e que simbolizam um novo modelo estético corporal e político para a capital. A imagem foi retocada, pintada na foto. Mas esse mesmo homem hoje estaria mais próximo de ser lido como *gay* do que como hétero, pois esses músculos passaram a ter outros significados hoje. O próprio contorno dos olhos e dos lábios aproximam da representação de uma maquiagem, do uso de sombras e batom, própria as mulheres.

---

<sup>104</sup> A *Revista Ilustrada* se dividia em diversas colunas, como literatura, propagandas e publicações diversas escritas pelos diversos colaboradores. Além de textos, a publicação trazia em suas páginas imagens coloridas e em preto e branco. Na primeira edição da *Revista Ilustrada* é possível encontrar algumas páginas dedicadas exclusivamente ao Remo em Florianópolis. Uma delas receberia o nome de *Notas Esportivas* e se subdividia em outras pequenas notas intituladas de "Clichês" e "Postais" (Sartori, 2013, p.116).

O remo, se tornaria a primeira prática efetivamente esportiva em Florianópolis e construiria em torno dele, todo um discurso visual a favor do “exercício físico” e da “saúde”, dois termos-chaves que constantemente aparecem nas notas da imprensa daquela época e nos relatórios médicos (Sartori, 2016, p.114). Esses termos cunharam no imaginário social a ideia da concepção de que um corpo sã é sinônimo de uma mente sã, propagando esse discurso em toda a indústria cultural do início do século XX, que se apropriou para falar dos novos tempos, associando assim à formação das virtudes e do caráter como à construção de um estilo de vida moderno, saudável e civilizado.

A homosociabilidade<sup>105</sup> era um elemento eminentemente viril, de caráter dominador e presente na vida dos *rowers*<sup>106</sup>. Os jovens da elite florianopolitana começavam amizades dentro do clube e acabavam por criar relações emocionais profundas entre os atletas na forma da “camaradagem”. Junto a isso, vinha acompanhado o direito ao espaço público - a rua, as competições, a prática do esporte ao ar livre, eventos sociais. Havia uma separação clara de lugares, confinava-se as mulheres aos espaços privados e às atividades sob controle dos homens, permitindo-se ainda assim a organização das torcidas, os cuidados do interior dos galpões, etc.

Essa homosociabilização entre os rapazes era entendida como uma fase em direção à vida adulta (associada com a heterossexualidade), e vinha carregada de práticas disciplinares que se materializaram em uma pedagogia do desejo e da sexualidade, o que Foucault (2005) caracterizou como *a violência política que se exerce de maneira transversal por meio de instituições, saberes e práticas que não podem ser localizadas ou resumidas ao Estado*. Os homens eram incentivados a terem uma educação formal entre seus pares, o que os submetia a uma educação moralizante, assentada nos valores "modernos", de corpos e mentes disciplinados, que os separavam e distinguiam do resto da população, em especial das classes trabalhadoras e dos negros (**Imagem N°40**).

---

<sup>105</sup> O conceito de homosociabilidade foi definido e disseminado a partir de *Between Men* (1985), obra de Eve Kosofsky Sedgwick. A criadora da Teoria *Queer* o define como a “*liga*” das relações masculinas assentada no reforço mútuo da masculinidade por meio do controle das mulheres e da recusa dos desejos homoeróticos.

<sup>106</sup> Os “garbosos remadores”, “muques”, “guapa rapaziada” e *rowers*, eram expressões também recorrentes, em jornais e revistas, para descrever a mocidade florianopolitana que se envolvia com o remo e com os Clubes.

Para Miskolci (2012), nesse processo de formação era articulada uma separação-distinção de classes sociais que resultaram em outros processos racializante para ambos lados, mas entre as elites, resultou na criação de uma forma histórica e cultural peculiar de branquitude<sup>107</sup> (p.56).



**Imagem Nº 40:** Delegação da confederação brasileira de desportos nos Jogos Olímpicos de Berlim, 1936. (Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

Os filhos de profissionais liberais, militares e comerciantes seriam os principais praticantes do remo em Florianópolis, eles estariam aptos à prática esportiva devido ao fato de que "sabiam ler e possuíam um caráter adequado a sua profissão, seu ofício", segundo o Art. 70. da Liga Náutica de Santa Catarina<sup>108</sup> de 1923, a liga não reconhecia como amadores:

---

<sup>107</sup> Ainda Miskolci (2012): A branquitude como objeto de estudo emergiu na esfera acadêmica e cultural norte-americana a partir da publicação de obras como *Playing in the dark: whiteness and the literary imagination* (1992), da escritora e crítica literária Toni Morrison, *White Women, Race Matters: the social construction of whiteness* (1993), de Ruth Frankenberg, e *The Waves of Whiteness* (1991), do historiador David Roediger. No Brasil, esta área de pesquisa se desenvolveu por influência dos Estudos Culturais contemporâneos, gerando obras como *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (2002), organizado por Bento e Carone.

<sup>108</sup> **Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina.** Florianópolis, 20 de outubro de 1923.

- b) todos aqueles que em seu meio de vida profissional adquiriam um desenvolvimento físico que contrarie o espírito de art. 54, a juízo do Conselho;
- f) os que, embora exercendo profissão ou emprego compatível com o amadorismo, não tenham o nível social e moral exigido para a prática dos *sports* aquáticos, a juízo do Conselho da Liga.

A disciplina baseada no discurso da Pátria-Trabalho-Nação, serviu apenas para que um pequeno número de homens, definidos como "*de caráter e de ofício não degradante*"<sup>109</sup>, pudessem praticar oficialmente o remo. No entanto, mesmo com restrições para a filiação nas regatas organizadas pela entidade estadual, operários, mulheres e negros passariam a organizar-se em pequenos grupos para exercitar-se em diferentes momentos, como descreve Sartori (2013),

A busca pela sensibilidade do corpo, os movimentos de liberdade e de força, não se limitava apenas aos mais abastados. Os demais trabalhadores, os 'analfabetos', os negros e as mulheres também ansiavam o *estar* moderno. Assim, enquanto o Remo ressignificava a cidade e ensaiava um disciplinar de corpos, a Florianópolis e seus habitantes passariam a assistir os confrontos de um corpo imaginário com o progresso.

A ausência de uma imagem, ou uma narrativa, no acervo do Clube Náutico Riachuelo sobre o *Clube Náutico Independência*, ou o clube dos operários, como eram conhecidos - e que se haviam estabelecidos às margens das raias dos demais clubes - deve nos instigar a pensar o porquê dessa não-presença, desse esquecimento na narrativa das memórias dos riachuelinos, e por que esse silenciamento deles está relacionado diretamente com o modelo de masculinidade atrelado ao ideal das elites que hegemonizaram a imagem do remador durante pelo menos 40 anos do início do século XX. Sartori (2013), como historiadora, conta como em muitas das notas de jornais daquela época, os independentistas eram descritos "comemorando o término de suas reuniões com cervejas", apontando para o fato de que isso não seria apenas uma coincidência narrativa, mas também não elabora uma crítica nesse sentido.

O que sim sabemos, pelos trabalhos de historiadoras como Sartori, é que a presença dos operários no remo, apesar de não ser como as dos Clubes Riachuelo, Martinelli e Aldo

---

<sup>109</sup> Idem.

Luz, foi notada e que seus fundadores e prováveis ‘amantes’ continuaram a realizar suas regatas em raias não oficiais, pois não foi encontrado nenhum registro junto a Liga Náutica de Santa Catarina.

A homossexualidade também não aparece retratada em nenhum lugar da história ou da memória dos riachuelinos. Ela parece ter sido relegada à esfera privada, constituindo os limites negativos da desejada heterossexualidade, a qual adquire visibilidade, respeito e, por isso mesmo, era incentivada e ensinada de forma a mascarar seu caráter compulsório e restritivo.

O aprendizado da heterossexualidade se confundia com um disciplinamento de gênero em que o “homem de verdade” deveria não apenas se relacionar com mulheres, mas, antes de tudo, estar no topo de uma hierarquia de poder. Ser dominador era provar a virilidade, particularmente sob o vigente regime escravista em que a masculinidade e a branquitude confluíram na imagem do remador.



**Imagem Nº 41:** Festa de confraternização, aniversário Riachuelo  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

### 3.2 A masculinidade da guerra

Miskolci (2012) sugere que, a partir da experiência da Guerra do Paraguai, quando o Brasil assistiu à sua primeira grande manifestação nacionalista, podemos compreender o crescente fascínio por uma masculinidade militarizada, a qual emerge durante a instauração da primeira República. Nesse período, também começam a surgir estudos higienistas<sup>110</sup> sobre a educação física, intelectual e moral do soldado, como obras que pregavam a prática de atividades físicas na formação militar como intrinsecamente associadas ao civismo, ao vigor e à saúde (Miskolci, 2012, p. 54).

Começam a ser associados esses ideais militares ao projeto de construção de uma masculinidade bélica, inspirada nas narrativas das batalhas navais, vistas como sinônimo de “caráter viril”, de onde emerge o soldado-cidadão, idealizado a partir das imagens das batalhas da Guerra do Paraguai (como vimos no capítulo anterior), mas não só como um discurso nacionalista e identitário recheado de elementos republicanos, como também em um discurso contra o país vizinho. Assim como, essa masculinidade militarizada se expressa também no copo dos remadores.

O Clube Náutico Riachuelo, surge como uma homenagem à Batalha Naval do Riachuelo. Mas no ano de 1923, a masculinidade associada às narrativas da Guerra do Paraguai ganharia uma nova dimensão em Florianópolis. Alguns dirigentes do Riachuelo, que também eram adeptos do futebol - que se iniciava como esporte oficial entre as classes populares - resolveram criar um clube de futebol dentro do clube de remo, que foi denominado de Avaí futebol Clube<sup>111</sup>, sendo este nome também dado em homenagem à Batalha Naval do Avaí, ocorrida em 11 de dezembro de 1868 durante a mesma Guerra. O Avaí foi o primeiro clube a constituir a liga dos esportes terrestres em Florianópolis. Na página *web* do clube, onde aparece o relato histórico sobre sua fundação, consta que:

O nome do novo time seria “Independência” e teria como presidente o próprio Sr. Amadeu Horn. Quando tudo já estava praticamente decidido, o

---

<sup>110</sup> Nessas obras, o ideal da educação física se associa claramente a uma demanda por formação militar moderna que, em meio a uma onda de apoio republicano, geraria a primeira lei sobre o Serviço Militar Obrigatório, em 1874.

<sup>111</sup> Tem relatos em jornais da época da existência de um time de futebol Riachuelo, que surge aparentemente de entre membros do Clube Anita Garibaldi em 1911.

Sr. Arnaldo Pinto de Oliveira chegou à reunião trazendo novas idéias e acabou influenciando os participantes a mudar o nome do time que estava sendo fundado. O argumento do Sr. Arnaldo era que Independência seria um nome complicado para a torcida gritar em apoio ao time e até terminar de falar “Independência” o outro time já teria empatado o jogo. Como estava lendo um livro sobre a história do Brasil, ele propôs o nome Avahy, em referência à Batalha do Avahy. Neste momento, todos apoiaram a idéia e começaram a gritar Avahy, Avahy, Avahy! E desta maneira, entusiasmada e convicta, teve início a história cheia vitórias e conquistas do então Avahy Foot-ball Club<sup>112</sup>.

Os riachuelinos contam, com muito orgulho, e celebram a relação e o vínculo entre ambos clubes. O diretor do Clube Riachuelo descreveu essa relação durante um evento em que ambos clubes assinaram um contrato de parceria (em janeiro de 2018), da seguinte maneira: É uma honra para nós do Clube Náutico Riachuelo ter o Avaí como apoiador. A origem do Avaí passa pela nossa história, pois foi com o nosso uniforme que o Avaí jogou sua primeira partida. É daí que surgiram as cores azul e branco no uniforme do Avaí.



**Imagem N° 42:** Time de Futebol do Riachuelo  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

---

<sup>112</sup> Trecho extraído da Página Oficial do Avaí Futebol Clube: <http://www.avai.com.br/novo/clube/historia> (acessado em 25 de novembro de 2019).

A comemoração do centenário do Riachuelo, foi o momento em que o clube procurou essa aproximação novamente com o Avaí, como parte desse movimento de reinvenção do seu passado a partir da reconstrução de uma relação no presente. Essa parceria modificou o nome do Clube Náutico Riachuelo para Clube Náutico Riachuelo/Avaí, em 2016, fazendo com que as paredes externas do clube voltassem a ser pintadas com o brasão e as cores do "bravo azul e branco todo forte e todo franco" - como conclui o hino.

Mas, mesmo depois do Avaí ter se separado do remo e tornado um dos clubes de futebol mais importantes do estado de Santa Catarina, o Riachuelo manteve uma equipe de futebol amadora, com o nome de Riachuelo Futebol Clube que participava de campeonatos amadores, a maioria dos jogadores eram os próprios remadores, alguns dos mais velhos, que circulavam entre um esporte e outro até o final da década de 1960. É possível ver na **Imagem N° 42**, corpos, cores e gerações mais variados entre os atletas.

### **3.3 O lugar das mulheres**

Como vimos anteriormente, a cidadania era justificada como um monopólio das elites, excluindo os negros, as mulheres e as classes operárias, sobre tudo da prática e das competições de remo. Os clubes eram tidos como formadores dos homens da pátria, e a recusa das relações amorosas entre eles, assim como o racismo contra a população negra e pobre, se intersectam com a necessidade de banimento das mulheres do espaço da moralidade e do poder. O sujeito remador, era constituído fundamentalmente através da exclusão dos outros (compreendidos como mulheres, negros e classes trabalhadoras) e da abjeção do passado colonial, escravista ou considerado selvagem ligado ao Império. O repúdio ao "efeminamento" no outro, relevava marcas que desestabilizam a masculinidade hegemônica a qual os remadores estavam sujeitados a reproduzir, sobretudo, em relação ao autodomínio e domínio dos outros.

Como vemos na **Imagem N° 43**, abaixo, única fotografia do acervo do Clube Riachuelo em que aparecem mulheres. O nome dado a essa imagem pelos riachuelinos é: "Torcedoras uniformizadas do Riachuelo".



**Imagem Nº 43:** Grupo de torcedoras uniformizadas do Riachuelo  
(*Acervo do Clube Náutico Riachuelo*)

As mulheres aparecem agrupadas, uniformizadas e enumeradas, seus corpos ficam quase invisíveis por conta das vestimentas, podendo ser visto apenas os rostos das torcedoras. A enumeração foi inserida depois, talvez para ter um número estimado da participação delas na vida do cotidiana do clube. O conjunto de elementos que compõem essa imagem passam uma certa noção de homogeneidade entre elas, já que a palavra uniforme significa "todo mundo igual" - igualdade no sentido de homogeneidade - e é justamente nessa tentativa de homogeneizá-las, que as mulheres aparecem por fora do modelo da masculinidade moderna, forte e visionária, como se elas estivessem sacrificando os ideais de liberdade das quais os remadores gozavam.

A presença das mulheres na prática do remo em Florianópolis era limitada, suas atuações geralmente estavam vinculadas nas organizações dos batizados das embarcações, dos preparativos das festas e dos recitais de poemas e canções. As torcedoras estimulavam as guarnições prediletas com cantos e vivas, enquanto as bandas musicais da Força Pública o "Amor à Arte" enchiam o ar de sons festivos (Sartori, 2013, p. 120).

Oriundas das mais importantes famílias florianopolitanas, as jovens também se ocupavam das atividades filantrópicas do clube, como no auxílio às famílias, e na arrecadação de dinheiro para a manutenção dos espaços. No entanto, sobre a atuação em regatas dessas moças, jovens ou mulheres não se tem muitos documentos históricos e, à medida que os costumes foram se transformando, começaram a se abrir espaços para a vigência de relações mais simétricas e de interdependência entre homens e mulheres dentro dos clubes de remo. Além disso, a legitimação de um quadro social mais igualitário, a partir dos anos 1960, levou os remadores do passado e do presente a aceitarem socialmente a presença das mulheres nas competições, e nas disputas pelos cargos de poder.

Considero que a relação com o movimento de igualdade entre homens e mulheres é uma questão bem complexa no remo em Florianópolis atualmente. Os dados de campo se cruzam e se contradizem com a prática cotidiana observada, e essas contradições dizem respeito a distribuição do poder dentro do clube. Também posso afirmar que têm se dado passos, mesmo que muito lentos, na direção de mudanças e transformações na inclusão delas dentro desse universo, “modernizando-se”, segundo eles.

A crítica ao uso universal da palavra remador, no masculino, tem gerado algumas tensões isoladas, porém constantes, de maneira geral, essa palavra continua englobando homens e mulheres. Esses modelos generalizantes e universalizantes continuam ignorando a dimensão relacional do gênero em seu sentido mais forte, sem incluir no léxico cotidiano outras variáveis, como "remadora", ou outras formas de se referir as diferentes masculinidades que se constroem aí dentro, em conexão e em ligação com outras estruturas de relações de dominação, como raça, classe, etnicidade, idade, capital cultural, etc.

Como vimos na imagem 43, o corpo da mulher ocupa um lugar central na dinâmica de transformações das relações de gênero e, ao longo dos últimos 100 anos, esse corpo tem persiste em reforçar o vínculo estabelecido na modernidade, entre aparência física da branquitude junto a virtude, a honra e os bons costumes das elites como um corpo saudável e esportivo. O remador cuja branquitude, física e comportamental, encarna no modelo de soldado-cidadão, acaba por distribuir de forma desigual os benefícios e os custos das relações de gênero. Como aponta Vigoya (2018), existem os homens que obtêm benefícios patriarcais e raciais e há aqueles que sofrem os custos impostos pela ordem da masculinidade

hegemônica e da supremacia branca, entre eles não são os mesmos. Os primeiros detêm historicamente a autoridade, controlam as instituições coercitivas e são reconhecidos pela mídia (p. 182).

Nos círculos privados de conversa entre os homens - nos vestiários, nos momentos de descanso ou nas reuniões - o discurso da sexualidade permanece limitado a piada homofônica ou a erotização das mulheres. E mesmo que elas tenham ganho vantagens e ampliado sua participação nos últimos anos, podemos documentar a existência de mulheres que disputam espaços de poder dentro do remo, não só como atletas, mas como mulheres que tentam criar trajetórias e reconhecimentos como diretoras técnicas e administradoras, lugares de poder.

#### 4. OS VENCEDORES CHEIOS DE GLÓRIAS

É possível ver em alguns etnografias sobre masculinidades, que descrevem ritos de passagem masculinos, como os das crianças que são afastadas do convívio da mãe ou de qualquer outra mulher, numa tentativa de descrever uma pedagogia da virilidade (ver: Badinter, 1992<sup>113</sup>, Mead, 2011<sup>114</sup>) por exemplo, como os padrões divergentes para as organizações das relações entre os gênero em diversas culturas se transformam aos longo do tempo. Assim como nas etnografias sobre as masculinidades nos movimentos trans, travestis, transexuais transgêneros, intersexos (ver: Bento, 2006<sup>115</sup>, Silva, 1993, 2007<sup>116</sup>) que propõem modelos explicativas que tentam dar conta das diferenças de tipos de experiências na contemporaneidade, demonstram que há uma multiplicidade de masculinidades que podem ser observadas no mesmo contexto social e histórico mas com diferentes maneiras de entender suas transformações. Uma etnografia entre remadores hoje, possibilita estudar algumas variáveis dessa construção histórica e cultural sobre as experiências de

---

<sup>113</sup> BADINTER, E. XY: **Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

<sup>114</sup> MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 4ta edição.

<sup>115</sup> BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

<sup>116</sup> SILVA, R. S. HELIO. **Travestis, invenção do Feminino**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará. ISER, 1993.  
\_\_\_\_\_ **Travestis: entre o espelho e a rua**. GÊNERO PLURAL, ano de edição: 2007, edição: 1ª.

masculinidades que vimos anteriormente, assim como suas transformações e, ou, repetições na contemporaneidade.

Pela análise histórica que fizemos anteriormente através das imagens, é possível ver como esses marcadores sociais da diferença se transformaram. Ou seja, se transformam diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral de valorização negativa. O que foi determinado outrora como símbolos de virilidade, ou como códigos morais estabelecidos desde o início desse esporte, passaram a ser repudiados e reinseridos em tempos em que a noção sobre o conceito de igualdade entre homens e mulheres, negros e brancos, pobres e ricos, se transformou.

Um olhar atual sobre o remo em Florianópolis nos auxilia a encontrar alguns pontos e colocá-los em lugares comuns entre indivíduos bem diferentes mas que compartilham experiências comuns, ajudando a traçar um perfil atual dos atletas do remo, que por conseguinte, nos ajuda a entender a forma como é compreendida a história, assim como a lógica que opera por detrás da ideia de "os vencedores cheios de glórias", a partir do cruzamento das variáveis gênero, classes sociais, raça/etnia e geração.

O universo etnográfico desta pesquisa foi composto, inicialmente, por um grupo mais amplo de quinze homens e uma mulher, de várias idades entre 14 e 84 anos. A grande maioria branca, com exceção de três atletas negros, os quais dedico uma parte especial da análise mais adiante. Todos eles de orientação heterossexual, com exceção de um atleta, de 17 anos, também negro, que se identificou como homem "*gay*" publicamente, mas não abertamente<sup>117</sup>. Todos eles nasceram em Florianópolis, com exceção da treinadora Thiaga, que nasceu em outro estado e teve uma trajetória marcada pelas mudanças de cidades durante sua infância e que depois, por consequência da sua carreira profissional como atleta do remo, essas mudanças acabaram se intensificando.

---

<sup>117</sup> Os próprios atletas fazem esta distinção entre público e aberto, para explicar que, público é por que todo eles sabem sobre a identidade sexual homossexual, mas não é aberto, por que ninguém fala, ou comenta a respeito, não em público, mas sim nos círculos privados como nas conversas de *whatsapp*, por exemplo.

O capital cultural (Bourdieu, 2011)<sup>118</sup> como dado foi uma das grandes variáveis, então os divido em dois grandes grupos: aqueles que tiveram uma formação universitária e aqueles que tiveram uma formação em instituição militar. Embora todos pertencentes à camadas médias urbanas, a variável econômica muitas vezes é apresentada como o que possibilita o indivíduo ser considerado membro de uma determinada classe social. É importante atentar para as múltiplas realidades que coexistem sob a mesma classificação de classe social em Florianópolis. Alguns deles, por exemplo, pertencem a uma mesma classe social, segundo a origem familiar, porém, com estilos de vida e concepções de mundo plurais, havendo uma diversidade de *ethos*<sup>119</sup> no interior das camadas médias urbanas. Isso implica, como explica Bento (2015), na coexistência, bem como na produção por parte dos indivíduos nelas inseridas, de múltiplos códigos culturais (p. 22).

Classifiquei meus interlocutores usando algumas categorias nativas para separá-los de acordo com a idade e o capital cultural. Deixo claro que os nomes que lhes foi outorgado são fictícios<sup>120</sup>, primeiramente porque considero que suas individualidades devem ser preservadas, por uma questão ética da pesquisa e da publicação dos dados, mesmo que alguns deles tenham me autorizado - e solicitado - utilizar o nome verdadeiro. Em segundo lugar, porque considero que as análises dizem respeito às dinâmicas de uma estrutura sociológica que os autores que cito chamam de "gênero", em que os aspectos pessoais e as escolhas individuais deles e dela escapam a desejos e decisões em primeira pessoa.

A categoria nativa "remador" é fundamental para entender a dinâmica dessa estrutura, já que sempre foi utilizada no masculino. Não tenho registros dela sendo empregada no feminino, "remadora", para se referir às mulheres nesse contexto. Como o trabalho de observação participante se estendeu por três anos (2015 -2018), em períodos intermitentes,

---

<sup>118</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**, (Português) Capa dura – 1 jan 2011. Editora: Zouk; Edição: 2ª (1 de janeiro de 2011)

<sup>119</sup> O conceito de *ethos* que utilizo, foi desenvolvido na antropologia por Gregory Bateson (2008), faz referência aos aspectos da formação afetiva dos indivíduos, que são enfatizados em contextos de grupos e, em graus variados, dependendo do contexto, criam diferenças profundas na personalidade dos sujeitos (Bateson, 2008, pág. 285-286), podendo também causar rupturas e descontinuidades no grupo. *In*: BATESON, Gregory. **Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas**. São Paulo: EDUSP, 2008. 384 p. Tradução: Magda Lopes.

<sup>120</sup> Todos os nomes que dei a meus interlocutores são nomes originalmente femininos, que aparentemente não possuem uma versão masculina, pelo menos não no uso comum. O nome que dei a treinadora "Thiaga", também é um nome comumente masculino, por tanto são traduções minhas, inventadas com a troca de gênero.

dividido a temporalidade do trabalho de campo em três grandes momentos: minha chegada, o tempo que acompanhei a treinadora Thiaga, e minha saída do campo. Durante esse período, acompanhei os treinos, me matriculei na "escolinha", acompanhei os eventos públicos e realizei entrevistas abertas com quase todas as pessoas desse grupo de quinze, mas acabei me vendo na necessidade de fazer um recorte pelas características de alguns deles.

#### **4.1 Os remadores interlocutores**

Os remadores que considereei como interlocutores, permaneceram presentes e constantes durante todo o período que durou meu trabalho de campo. Com alguns deles realizei entrevistas várias vezes, outros, que não os incluí aqui, foram deixando os treinos e se afastando por vários motivos: desentendimento com os diretivos, desentendimento com os treinadores, outros porque foram para universidade, outros porque casaram, outros porque foram para a formação militar, enfim, muito do sucesso desta pesquisa, da minha permanência em campo, e das resoluções que fui assumindo ao longo dos últimos três anos, é graças a esses cinco sujeitos.

O Lauro, um homem branco, heterossexual, de mais de setenta anos, é um remador consagrado, membro da diretoria e atleta retirado. Na época em que cheguei foi o primeiro a me receber, ele era o responsável pelo treinamento e aperfeiçoamento da técnica dos novos atletas. É uma figura pública na cidade - uma instituição nos termos da Mary Douglas (1998)<sup>121</sup> - já foi candidato a vereador pelo município de Florianópolis. Filho de pescadores, oriundo da região do sul da ilha, do bairro do Campeche, obteve ascensão social e reconhecimento público graças a sua trajetória no remo. Já foi presidente do clube e seu conhecimento técnico no remo era inquestionável. Seu maior capital era o tempo, e isso o legitimava como responsável pela educação técnica dos mais jovens. Infelizmente gozava de pouco respeito e popularidade entre eles, isso acabou gerando um certo desgaste. Naquela época, ele era tido como uma espécie de porta voz do clube, sempre que a imprensa chegava para gravar alguma matéria jornalística pediam para ele falar, por seu "talento natural" de falar em público, diziam. Mesmo sendo um homem público manteve seu nome no anonimato.

---

<sup>121</sup> DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 1998. (BN)

O Leticio, um homem de trinta e poucos anos, branco, heterossexual, natural de Florianópolis, é o segundo interlocutor com quem convivi na minha chegada. Ele era o responsável pela escolinha de remo (os amadores, onde eu me encaixava) e responsável também pela preparação física dos atletas, mas não era um remador histórico. Isso muitas vezes o desqualificava privando-o da identidade de riachuelino. Sua formação na área da Educação Física lhe dava prestígio como técnico, porém, sempre alguém comentava, "*mas ele não é um remador*". Leticio havia decidido começar a remar, mas diziam que já estava velho para isso, e por mais que ele se esforçasse, nunca seria um deles. Ele foi contratado para auxiliar o trabalho do Lauro, e as funções eram divididas de acordo com o conhecimento de cada um. Leticio também havia feito um mestrado em Antropologia, na Universidade Federal de Santa Catarina, mas eu não o conhecia, meu primeiro contato com ele foi dentro do ambiente do clube. A princípio pensei que talvez isso nos colocasse em alguma simetria de comunicação, mas percebi em seguida que ele estava muito preocupado em se consolidar como atleta, em obter reconhecimento como remador. Esse desejo acabou interferindo na tentativa de compartilharmos experiências na Antropologia.

O Antonieto, também branco, heterossexual de 23 anos. Nascido na região costeira da comunidade de José Mendes, começou a remar ainda adolescente, com 15 anos. Segundo ele: porque queria ter um corpo bonito e masculino. Na época, um amigo dele do bairro comentou que os clubes de remo davam bolsas de estudos aos atletas e isso o motivou ainda mais. Oriundo de uma família de classe trabalhadora, sem muito capital econômico e cultural, ele conta que acabou ficando no clube por conta das bolsas que ele recebia como atleta. Essas bolsas implicavam em uma alimentação diária no restaurante do SESC, e um seguro saúde, que cobria o mínimo dos gastos caso algum inconveniente acontecesse. Quando conheci o Antonieto, ele já tinha um certo prestígio como remador, pois havia começado a remar desde muito novo e era um rapaz "esforçado". Na época, estava no limite da sua vida como atleta sênior e precisava tomar uma decisão a respeito de que caminho seguir, se uma carreira universitária ou uma carreira militar. Ele acabou sendo absorvido como responsável da escolinha de remo após a saída do Leticio, um ano depois da minha chegada, e isso acabou fornecendo uma relação de amizade entre a gente, que analiso mais adiante.

O Loreno, um homem branco, que se apresenta como avó e pai de família. Nasceu na região do bairro da Rita Maria<sup>122</sup>, e vem de uma família de tradição de remadores. Pai, irmãos, primos, todos ligados ao tradicional clube Riachuelo. Assumiu a presidência do clube em 2016, um ano depois da minha chegada. Ele se considera um remador da geração dos anos de 1960, muito respeitado como atleta, é também professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Por conta dessa relação com a universidade ele tinha uma percepção positiva sobre minha proposta de uma pesquisa científica e sobre o papel da universidade em preservar a memória do clube. Isso acabou legitimando minha permanência, e, por mais por mais que ele não tivesse muito familiarizado com a minha proposta de pesquisa, ter um pesquisador dentro do clube significava ter um reconhecimento importante.

Com esse argumento, ele me apresentou para os demais membros da diretoria e para os atletas. Eu passei a ser considerado como "o antropólogo do clube", me convidando várias vezes para participar de eventos e reuniões onde me apresentava com esse *status*. Lembro de um dia muito simbólico, em que um canal de televisão local estava cobrindo algumas das atividades referentes à comemoração do centenário do clube. O Loreno me chamou e me apresentou ao repórter como "o antropólogo" que estava estudando o remo. Essa identidade que me outorgaram, me deu ganhos em certos momentos e em outros me faz recuar, mas sempre com a certeza, de que, entre eles, eu era um representante da universidade, da ciência, do conhecimento.

Por último, o Adelaido, que começou sua relação com o remo na década de 1980, quando tinha 17 anos, fazendo parte da escolinha a convite de um primo, que logo em seguida o abandonou. Por esse motivo, ele conta que se sentiu deslocado a princípio, mas depois de pensar em desistir recebeu um convite para compor a equipe de atletas do clube, e aí, ele viu que foi "ganhando status". Ele lembra que naquela época, o clube já havia sido deslocado para os novos galpões embaixo da ponte, "já não fazia parte da cidade", mas ainda era muito movimentado, "eu remava com 40 atletas, todos homens", lembra. Por conta do seu peso e da sua altura, muitas vezes ninguém queria dividir o barco com ele, mas ele quis seguir, já

---

<sup>122</sup> Hoje região central de Florianópolis.

que se tratava de uma atividade que lhe dava prestígio, inclusive frente ao primo que havia abandonado a prática.

O Adelaido nasceu e viveu a vida inteira na Mauro Ramos, umas das avenidas mais tradicionais da cidade. Ele não vem de família de remadores, portanto seu vínculo com o clube não é um vínculo herdado, como é o caso do Loreno. Militar de carreira, ele lembra quantos colegas dele, daquela época, seguiram a mesma trajetória. Na nossa conversa ele cita três que continuam remando com ele na categoria master e que estão em processo de aposentadoria do serviço militar. Quando perguntei a ele qual o motivo para continuar remando depois de tanto tempo, ele citou três: a saúde, a disciplina e o vínculo com a família riachuela. Também, durante nossa entrevista, ele comentou que "eu podia estar jogando bola, mas na minha época, o remo ainda tinha muito prestígio, os militares que saíamos dos clubes de remo, tínhamos um outro status na corporação".

#### 4.2 As gerações e o continuum da masculinidade

O conceito de *habitus*<sup>123</sup>, cunhado por Bourdieu (1982), e usado por Loïc Wacquant (2002)<sup>124</sup> na sua etnografia com os boxeadores, aponta para um processo de produção dos atletas que não passa apenas pela formação do corpo, mas também pela "modelagem" do "espírito". Ambos, Corpo e Alma, são construídos e articulados diariamente na prática do *boxing*, ou do remo, no nosso caso. Wacquant aponta para a existência de um aparelho sensorio-motor modificado por práticas cotidianas minuciosas, invisíveis, contínuas, ao mesmo tempo individuais e coletivas, cujos efeitos são imperceptíveis a olho nu. Ou para usar as palavras de Wacquant, "esta natureza particular que resulta do longo processo de inculcação do *habitus* pugilístico" (p. 119). Na visão de Loïc Wacquant, Corpo e Alma, não são exatamente o alvo de uma progressiva culturalização, como apontou Marcel Mauss na

---

<sup>123</sup> É importante esclarecer que o conceito de *habitus* tem uma longa história nas Ciências Humanas. A palavra de origem latina, e utilizada pela tradição escolástica, traduz a noção grega *hexis* utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem. Bem mais tarde foi também utilizada por Émile Durkheim, no livro *A evolução pedagógica* (1995), adquirindo sentido semelhante, mas bem mais explícito. Ou seja, Durkheim faz uso do conceito para designar um estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo, que orienta suas ações de forma durável (Dubar, 2000; Bourdieu, 1983a; Lahire, 1999).

<sup>124</sup> WACQUANT, Loïc. 2002. **Corpo e Alma. Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

análise social do corpo, mas sim uma "remodelação" que, através da disciplina e da repetição se acabariam por incorporar o *habitus* do boxeador.

No caso dos remadores, podemos apontar para duas práticas cotidianas, rituais, em que há essa aprendizagem afetiva do remo, que cria rupturas entre as diferentes gerações e que se dá através da incorporação de uma série de códigos morais, no corpo e no espírito. A primeira delas é sair com os barcos durante os primeiros raios de sol, no Alvorada.

Essa prática tem sua origem no universo militar, quando, no toque de corneta ou da banda marcial ao alvorecer, desperta os soldados nos quartéis ou a guarnição a bordo de navios; o toque de alvorada como é conhecido. Entre os remadores, a *Alvorada* é vista como uma virtude, um sinal de esforço, de disciplina e de força de vontade, em que "*a guapa rapazeada dignificar as cores do azul e do branco do Riachuelo*". Existe uma discussão constante dentro do clube, entre os mais jovens e os mais velhos, sobre manter esse horário como exigência, já que evidentemente muitos deles não conseguem cumprir. É mais uma tradição, ligada a uma ideia de passado, que muitos deles já não encontram muito sentido. Porém, quando terminei meu trabalho de campo haviam conseguido mudar o horário da manhã, flexibilizando a chegada dos atletas e delegando esse compromisso à responsabilidade moral individual, ou à exigência do dia, já que, especialmente aqueles remadores que seguiram a carreira militar, cumpriram sem problemas.

Outra prática de manutenção do *habitus* seria a momento da entoação do hino do Clube Náutico Riachuelo. Ele é acionado durante eventos festivos, comemorações especial e dias de regatas, quando o passado emerge como narrativa que luta para permanecer viva no presente. Como canta a estrofe: "Só rema aquele que é forte. Remar e amar, sempre vencer; é o nosso lema, nosso dever".

O hino do Clube Náutico Riachuelo<sup>125</sup>, com suas últimas palavras, sinaliza o caminho que devem seguir os remadores que almejam algum tipo de reconhecimento social, enfatizando: "é o nosso lema, nosso dever". Quando repete "Remar e amar, sempre vencer", a letra ressalta expressões de aspecto afetivo e padroniza-as. Além disso, orienta os jovens

---

<sup>125</sup> A letra completa do hino se encontra no prefácio da Tese.

atletas para um sistema de pressupostos e premissas de ordem moral, que os remadores mais velhos esperam que sejam reproduzidos na prática do remo - dentro dos galpões do clube, ou nos barcos mar adentro -, exclamando aos gritos de "só rema aquele que é forte".

Enfim, o hino finaliza definindo o *ethos* daquele que seria considerado "um bom remador". Nesse caso, e partindo para uma análise semiótica<sup>126</sup> da letra do hino, podemos interpretar a formação do *ethos* como um processo de construção diária do sujeito remador, processo que se dá dentro do espaço do clube e nas disputas dos barcos durante as regatas. Um processo que deixa visível alguns elementos que emergem durante a entonação do hino, por exemplo, ao ritmo de "só rema aquele que é forte... remar e amar, sempre vencer". Os elementos de ordem afetiva que aparecem condensados nas entrelinhas deixam expostas algumas dessas contradições e tensões próprias do processo de formação pedagógica.

Todos os interlocutores desta pesquisa separam as narrativas de suas vidas principalmente em dois momentos: antes e depois do encontro com o remo. No antes, quase todos eles coincidem em que imperava a falta de disciplina e a falta de patriotismo, algo que a longo prazo os levaria muito provavelmente ao caminho das drogas ou ao descontrole moral. No depois, quase todos eles contam como se sentem dominados pela vida saudável e pelos valores que lhes são impostos como parte do pertencimento ao clube, como se fosse um prazer fazer parte dessa família riachuelina. Alguns deles descrevem esse momento como: o momento em que começam a descobrir o seu "verdadeiro potencial".

A grande maioria dos remadores mais velhos são atletas retirados e se concentram em trabalhos da administração e na diretoria do clube. Alguns deles começaram suas carreiras durante a década de 1960, que foi - segundo eles - a última grande geração de riachuelinos que viveu a glória do remo. É a geração que se formou antes da construção do aterro, no final dos anos de 1970, como vimos no capítulo anterior (cap. 2).

As diferenças geracionais dentro do clube deixam evidentes tensões, especialmente no que diz respeito aos anseios, as aspirações, as expectativas e objetivos comuns dos atletas

---

<sup>126</sup> Como proposto por Geertz (1989) na sua descrição densa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

e do grupo. O processo de construção do *ethos* varia entre os atletas recém chegados e aqueles que têm décadas remando. Uma formação que costuma ser marcada pelas tradições e pelo apelo à memória coletiva, que acaba impondo um sistema de valores de ordem moral aos mais jovens, por esse motivo, as aspirações, as expectativas e os modelos de mundo que compartilham, se distinguem e competem entre si. Ao mesmo tempo que os mais velhos esperam que os mais novos incorporem esse sistema de valores, ligados à identidade riachuelina, os mais novos os confrontam, como parte da formação do seu caráter individual e, muitas vezes, entram em contradição com os mais velhos.

A formação e a socialização dos atletas mais novos acontecem dentro de categorias nativas de classificação etária. Os meninos de até 15 anos são alocados na categoria Júnior A. Os meninos de 16 até os 18 anos, na categoria Junior B. Depois, dos 19 e até os 22 passam a fazer parte da categoria Sênior B, peso leve - em este grupo se concentra a maioria dos entrevistados, mais novos - oito deles. A categoria Sênior A, acolheria aqueles que excedem o peso de até 72,5 quilos. E por último, a categorias Master que englobaria todas as idades posteriores a 22 anos. Ser considerado um "verdadeiro" remador implica, entre outras coisas, ter passado por todas estas etapas. Ninguém que tenha chegado ao clube, após os 22 anos e tenha começado a remar, consegue de fato se consagrar com a identidade de atleta remador do Clube Riachuelo, como era o caso do Leticio.

No meu caso - 35 anos -, por exemplo, fui alocado na categoria de "aluno da escolinha de remo", que engloba todos os amadores, membros da comunidade, e as mulheres que eventualmente chegam no clube. Isso quer dizer que, e de maneira simplificada, não importa o quanto eu tenha me empenhado em treinar como um possível atleta, mas como não passei pelas categorias citadas anteriormente, nunca conseguiria de fato ser reconhecido como um atleta, mesmo havendo uma categoria que englobasse minha idade. Dentro do contexto dos clubes de remo, "afirmar a identidade" requer uma trajetória grupal. Um título social outorgado não apenas pela performance atlética, mas que precisa desses estágios da vida, que são compartilhados posteriormente nos relatos da memória coletiva.

A variável geracional estabelece uma divisão bem marcada entre os atletas do clube. Ambas gerações convivem no mesmo espaço, muitas vezes podendo até dividir espaços de treino ou competições, mas os remadores mais novos não detêm o mesmo *status* junto aos

outros. Parafraseando Wacquant, mas pensando no remo, esta seria uma "arte social", que só é possível através de práticas coletivas, que "oferece uma superação em ato da antinomia entre o individual e o coletivo" (p. 35).

Um certo otimismo em relação às mudanças que vêm acontecendo dentro do clube tem afetado diretamente as relações de gênero nos últimos trinta anos. As novas gerações de atletas têm ficado muito mais progressistas. A profunda transformação da sociedade florianopolitana pelas novas gerações é um caminho sem volta para os remadores mais velhos, que, por se sentirem ameaçados, reivindicam através da prática do remo durante a Alvorada e na entoação do hino, uma masculinidade que se sente perdendo privilégios, nostálgica de um passado virtuoso.

Os vencedores cheios de glórias, que tanto povoam o imaginário das batalhas navais, continuam a se alimentar de histórias de um passado grandioso, projetando-se na melancolia e na frustração do presente. Além disso, podemos também destacar os critérios que continuam organizando essas relações dentro do remo: a dominação, o controle e o poder, vem se modificando, ao mesmo tempo que dá maior sentido e força às práticas que dão continuidade à formação da masculinidade juvenil.



**Imagem N° 44:** Diretoria do Clube Náutico Riachuelo 2016  
(Acervo do Clube Náutico Riachuelo)

### 4.3 Remadores negros: mais além ou mais a quem da pele

Na época da imediata pós-emancipação um sábio dito popular circulou pelas ruas do Rio de Janeiro: “A liberdade é negra, mas a igualdade é branca”. A citação se refere à liberdade recém conquistada pelos negros, com a abolição da escravidão, mas indicava, igualmente, a persistência dos severos padrões de desigualdade que a nova República perpetuou. A dominação do passado, colocando novas formas de racialização, as quais buscavam justificar biologicamente diferenças que eram históricas e sociais. Conforme desabafou em seu diário o escritor negro Lima Barreto, ainda nos inícios do século XX: “A capacidade mental dos negros é discutida a priori e a dos brancos, a posteriori” (in: Schwarz, 2019, p.8)<sup>127</sup>.

Um fato interessante, que está relacionado com a fundação do clube de remo dos operários, o Clube Independência, em Florianópolis, diz respeito ao Clube Náutico Cruz e Sousa, de Itajaí. Ambos são oriundos de grupos de operários, no entanto, o Clube Cruz e Sousa é o único clube de remo do estado de Santa Catarina que tem registros históricos da participação de homens negros e de mulheres nas suas regatas (Sartori, 2013). Mas, como esses corpos não eram incluídos dentro da categoria de atletas, pela Federação Catarinense de Remo, essas regatas eram consideradas não oficiais. Por tanto, uma boa parte da memória da participação de negros e de mulheres no remo foi apagada pelo esquecimento.

Schwarz (2019) aponta para um projeto nacional de apagamento desses corpos, que, citando Mario Augusto de Medeiros da Silva<sup>128</sup>, chamou de “dupla morte” das pessoas negra e a emergência do racismo como uma espécie de “troféu da modernidade”.

Se a presença de negros em espaços de prestígio social já era basicamente vedada, ou muito dificultada pela escravidão, permaneceu bastante incomum no começo de nossa história republicana. Por isso, o sistema escravocrata só aparentemente restou fincado no passado. Tal configuração social, que levou à exclusão de boa parte da população das principais instituições brasileiras, produziu ainda um apagamento dos poucos intelectuais negros que haviam logrado se distinguir na época colonial e especialmente durante o Império. Também ocultou a formação de uma série

---

<sup>127</sup> SCHWARCZ, Lília M. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. Companhia das Letras, 2019.

<sup>128</sup> MEDEIROS, Mário. **Pedagogia do desafio**. São Paulo: Simpere, 2015.

de sociedades, associações e jornais comunitários negros, idealizados na Primeira República, que procuravam, na base da coletividade, lutar pela necessária inclusão social. Conforme define o sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva, essa seria uma “dupla morte” das pessoas negras; mata-se o indivíduo mas também sua memória (Schwarcz, 2019).

Provavelmente havia contato entre os operários de Itajaí e de Florianópolis, talvez, chegaram a organizar regatas paralelas àquelas oferecidas pelos clubes de elite, mas também, quase não existem registros da existência dessas regatas nem da participação dos negros nesses ventos. Os remadores negros foram apagados da memória do Clube Náutico Riachuelo. Não vemos a imagem de nenhum corpo negro no acervo fotográfico e eles não aparecem em nenhuma narrativa da memória coletiva dos remadores.

Pouco tempo depois de haver começado o trabalho de campo, durante uma conversa descontraída com alguns dos remadores mais velhos, na área externa do galpão, alguém comentou uma lembrança sobre o primeiro atleta negro que remou no Clube Riachuelo e exclamou: "esse aí que você precisa entrevistar", mas não souberam me dar mais informações. Voltei ao assunto várias vezes mas ninguém soube me dizer ao certo quem foi essa pessoa, nem onde poderia encontrá-lo para entrevistá-lo. Decidi então conversar com os atletas negros que conheci durante o período do campo, nenhum deles no mesmo período nem na mesma frequência, isto é, cada um teve um tempo diferente, apareciam, desapareciam e voltavam ao treino, mas nunca os três ao mesmo tempo.

O primeiro remava na categoria Junior B, era um dos filhos do responsável pela limpeza do galpão, que começou a remar porque pai o levava durante as horas de serviço, então como era "bom", começou a receber uma bolsa atleta do clube - que, como vimos anteriormente, consistia em vale transporte, alimentação e um seguro-médico. Tinha uma personalidade mais introspectiva, poucas vezes o vi enturmado com resto dos atletas, com poucos amigos e sempre muito concentrado nas atividades do remo. O segundo, remava na categoria Júnior A. Por ter um corpo maior, mais altura e maior musculatura, pesava mais de 72 quilos. Também recebia bolsa, vinha de origem popular, nunca conversamos muito, nunca me cedeu uma entrevista e sempre parecia fugir dela, a não ser algumas perguntas que respondeu enquanto treinava.

O que sabia dele era pelos comentários dos outros atletas, que comentaram em alguma ocasião que sua casa ficava nas alturas de um dos Morro da Cruz, perto do centro, e que havia conseguido uma vaga na universidade pública, via o sistema de cotas, no curso de Educação Física.

O terceiro atleta também remava na categoria Junior A. Provinha de uma família de classe média da região da Palhoça, com capital cultural mais alto, os pais possuíam formação universitária, ele falava inglês fluente e estava pensando em fazer faculdade no exterior. Começou a remar por conta da família que lhe exigia a prática de um esporte, mas também se dizia seduzido pelo esporte, pelo tipo de corpo musculoso que o remo ajuda a moldar - de ombros largos e pernas fortes (Sic.). Ele era o único atleta visivelmente afeminado, por isso acabou ganhando o apelido de "bichona", dado pelos demais atletas. Era uma palavra para desqualificá-lo, mas nunca usada de uma forma aberta.

O apelido "bichona" já destina a homossexualidade dele a um lugar dentro do imaginário dos demais remadores, porém, como ele vem de um contexto de classe média, é utilizada como um meio de anular sua diferença racial. Lembro de um dia em que remadores mais jovens, da mesma categoria, estavam reunidos na área do ginásio e abriram um áudio que ele havia compartilhado no grupo de *whatsapp* do clube, todos começaram a rir e a imitar sua voz. Era dessa forma em que se falava sobre a homossexualidade.

Eu soube da identidade sexual dele por acaso, durante um desfile da parada gay de Florianópolis, dei de frente com ele beijando outro menino e isso acabou criando um clima de constrangimento e de distanciamento. Ele não comentou sobre nosso encontro na parada durante a entrevista e também me pareceu um tanto desrespeitoso perguntar-lhe sobre isso diretamente, já que sabia que não era o lugar para falar sobre esse assunto. Não dentro do clube. Fiquei com o não dito, o indizível, do Paulo Rogers (2008)<sup>129</sup>, ou com o dito pelo outros em forma de chacota, para criar uma noção de como é tida a homossexualidade dentro daquele espaço, onde, obviamente, não existem margens para afirmações identitárias, nem para os atletas negros, nem para os *gays*, nem para mulheres.

---

<sup>129</sup> FERREIRA, Paulo Rogers. 2008. **Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas**. São Paulo: Editora Hucitec/ Anpocs. 257 p.

Quando fiz a pergunta, como é ser um atleta negro dentro do Clube Náutico Riachuelo? a reação dos três foi muito similar, uma expressão de surpresa e um certo desconforto, me deu a impressão de que eles nunca tinham se feito essa pergunta antes. Mas como era possível que a evocação da palavra negro possa ter criado uma paralisia entre nós?

No capítulo A experiência vivida do negro, no livro *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon (1952)<sup>130</sup>, conta uma anedota que lhe aconteceu quando estava terminando seus estudos de medicina em Lyon, na França. Enquanto passeava pela rua, ele cruzou com um garoto branco que disse a sua mãe "Olha o preto! Mamãe, um preto!". Essas palavras petrificaram Fanon, que se descobriu como "um objeto em meio a outros objetos" (1952, p.88) naquele momento, fazendo dele "um objeto bidimensional de geometria euclidiana". Fanon conta que a força da linguagem o congelou, mas não só as palavras que compõem essa linguagem, mas o que ele chamou de "olhares brancos", que segundo ele, é o único que tem o poder de fixar, de dissecar, objetivamente um corte na realidade, "um momento de suposto conhecimento total de um fenômeno, que o impediu de continuar" (p. 93).

Mas será que eu estaria introduzindo a palavra negro desde um olhar branco, nos termos do Fanon? ou o apagamento da palavra negro da memória, da história e do cotidiano dos atletas teve bastante sucesso, ao ponto de estabelecer uma forma cordial de perpetuação do racismo à qual Schwarcz (2019) se refere quando sugere "que as formas persistentes de racismo não terminam com a mera troca de regimes; mas ficam encravadas nas práticas, costumes e crenças sociais, produzindo novas formas de racismo e de estratificação" (p. 19). Ainda segundo Schwarz, não existem bons racismos: todos são igualmente carregados de traumas e sofrimentos, mas, o mesmo têm sido reescritos na ordem do tempo contemporâneo, que mostra como ainda se agarra a uma ideologia cujo propósito é garantir a manutenção de privilégios, aprofundando a distância social do remador branco do negro, nesse caso.

---

<sup>130</sup> FANON, Frantz. 1952. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Editions du Seuil.



**Imagem N° 45:** Quadro de medalhas de 2016  
(Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018)

Na **Imagem N° 45**, em que aparece o quadro de medalhas dos atletas - mesmo que no canto inferior esquerdo aparece o ano de 2016, essas imagens não seguem necessariamente a mesma cronologia - vemos a figura de um dos atletas negros que entrevistei, seu rosto se repete na coluna abaixo. Ele é o único atleta negro nesse contexto. A menina que aparece ao lado dele teve uma passagem rápida pelo clube, antes da minha chegada, portanto não a conheci pessoalmente. Mas o interessante desta imagem está no título que aparece acima deles, "Campeonato Brasileiro de Remo Paraolímpico".

Os riachuelinos têm usado a categoria "paralímpico" para falar sobre as mudanças da inclusão de outros corpos, outros gêneros e outras raças dentro da hegemonia da masculinidade branca. Isto é, eles comemoram de maneira simbólica, e celebram a chegada do remo paralímpico, com "empatia" e "altruísmo", como uma forma de positivar a inclusão de certos estereótipos corporais. Mas não lembram e não guardam registros do momento da inclusão dos negros na vida esportiva, nem das mulheres com o mesmo valor simbólico como é positivada a inclusão dos corpos com deficiência.

Essa percepção tem a ver com as formas como pessoas sem deficiência em sociedades capitalistas concebem "as produções hegemônicas de "capacidades" marcadas pela forma e funcionamento de corpos que, por sua vez, mobilizam e ferem a nossa sensibilidade para o

que é “normal”, “belo”, “saudável”, “independente” e “capaz” (Mello, 2019, p.137)<sup>131</sup>. Mais do que igualar a importância da presença e participação das mulheres e negros nos esportes em geral, neste caso

[...] a fantasia solidarista da caridade vê as pessoas com deficiência como sujeitos passivos ao tratá-las como “especiais”. A pessoa com deficiência é o típico “exemplo de superação”: somente porque tem deficiência e, apesar da deficiência, “se” ela consegue fazer ou se “supera” fazendo coisas que “pessoas comuns” fazem, passa a ser vista como um sujeito extraordinário. (Mello, 2019, p. 137)

Nesse sentido, em uma estratégia baseada na “economia da pena” as pessoas com deficiência são parte da “limpeza de consciência” das pessoas sem deficiência, no sentido de que há um medo popular e uma distância emocional sobre a possibilidade de pessoas sem deficiência vierem a experimentar a deficiência como uma questão cotidiana.

Mara Viveros Vigoya (2018)<sup>132</sup> descreve esses estereótipos como ideias que se constroem de alguém ou de alguma coisa a partir de imagens que são “exteriores”, mas que não possuem um “dentro” (p. 104). Como uma realidade ontológica “sobredeterminada do exterior” (Fanon, 1952, p. 93). E no caso do nosso campo, esses estereótipos (negro, mulher, paralímpico) parecem simplificar a realidade a partir de um número reduzido de elementos específicos que são exagerados, da ocultação consistente ou do esquecimento.

No meu diário de campo aparece a expressão “remam como negros”, utilizada uma vez por um dos diretores do clube para se referir à boa performance atlética dos dois remadores negros, os dois bolsistas, e que na ocasião haviam conseguido se classificar como os dois únicos atletas que iriam representar o clube no campeonato brasileiro de remo no Rio de Janeiro. Outorgando-lhes um valor positivo à sua identidade negra, se referindo ao fato deles assumirem uma carga de trabalho excessiva para seus status social e que *lá, no Rio, os bons são os negros* (sic.) presumindo assim que ele já sabia tudo o que precisava saber sobre os meninos, como diz Vedoya, “quando se viu um se viu todos”.

---

<sup>131</sup> MELLO, Anahí G. **Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook**. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia C. (Orgs.). *Desigualdades, gêneros e comunicação*. 1ª ed. São Paulo: Intercom, 2019. p.125-142.

<sup>132</sup> VIGOYA, Mara V. 2018. **As cores da masculinidade. Experiências Interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

## CONCLUSÕES FINAIS: O REMO, UMA MEMÓRIA DO FUTURO



**Imagem Nº 46:** Cápsula da memória do Clube Náutico Riachuelo  
(Registro do meu acervo pessoal. Agosto de 2018)

A frase "Hoje pensamos no futuro, amanhã pensamos no passado", aparece escrita na fachada de um objeto-caixa, pendurado no teto de um dos cantos da sala que alberga a exposição fotográfica "A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas" (como vemos na **Imagem Nº 46**). Esse objeto-caixa, encerra o percorrido pelos painéis fotográficos que utilizamos como base para as análises deste trabalho. Os riachuelinos construíram esse objeto-caixa chamando-o de "cápsula da memória", e como vemos na imagem, ela só poderá ser aberta em 11 de junho de 2065, quando o clube completar 150 anos.

Ninguém soube me dizer ao certo, o que há dentro desse objeto-caixa, também fiquei com a impressão de que ninguém quis me dizer com certeza o que há dentro dele. Alguns falaram que são fotografias recentes, imagens que não aparecem na exposição porque "contam a história do tempo atual", para os futuros remadores. Outros disseram que foram colocados no seu interior documentos importantes do clube, como a ata fundacional, a posse legal dos imóveis, etc. documentos que atestam a vida física do clube e que dizem respeito a aquisições do passado, mas que ressignificam um grande valor material para as lembranças no futuro.

Como não participei pessoalmente da classificação desses objetos - documentos e imagens - que foram colocados em seu interior, nem de como foi feita a escolha das pessoas responsáveis pela classificação deles. O que me restou como um dado de interpretação para esta etnografia foram os ditos e os não ditos sobre seu conteúdo e sobre a escolha dos responsáveis pela classificação e organização. As respostas esquivas, os supostos e a sensação de suspense expressada nos rostos das pessoas, pelo suposto dia em que o objeto-caixa seria aberto, eram recorrentes sempre que eu perguntava.

Quando cheguei no Clube Riachuelo, em março de 2015, esse objeto-caixa já estava lá, pendurada na sala onde os mais velhos se reúnem uma vez por semana, seja para decidir as coisas mais importantes dentro das reuniões da diretoria, ou, para simplesmente recordar o passado entre uma carta e outra do jogos do baralho.

Mas uma coisa parecia óbvia - levando em conta as análises e conclusões do capítulos anteriores, que mostram um padrão sobre a forma como os riachuelinos elaboram narrativas sobre a memória e a história do remo, da cidade e do surgimentos dos clubes - a classificação desse conteúdo seria mais uma tentativa de construir uma linha do tempo, uma única história contínua, na base de causas e consequências de um ponto de vista só: a do remador branco hegemônico. Que venera o passado como conservadores o fazem e que tem na memória vitórias militares.

Provavelmente apagando e esquecendo relatos que ficaram à míngua, que não seriam incorporados à memória oficial, ou, dito de outra maneira, que não seriam considerados como algumas das tantas histórias que deram origem e fazem parte do remo em Florianópolis na atualidade, como a história dos operários, dos negros e das mulheres, que analisamos no capítulo 3. O conteúdo desse objeto-caixa, além de imagens e documentos, também guarda o desejo e a esperança dos membros da diretoria, que esperam que a história oficial seja preservada perante as possíveis mudanças que acontecerão no futuro, com a genuína potencialidade de reiterar e repetir o passado. A potência dele está na capacidade de "lembrar", no futuro, o presente, porém, com uma enorme capacidade também de "esquecer" o presente.

As análises que trouxemos nesta tese se apoiam justamente nesse fenômeno que descrevemos, demonstrando que essas narrativas sobre a história e a memória do remo são ordenadas culturalmente, seguindo esquemas que são historicamente questionados, reavaliados e reproduzidos (Sahlins, 1987) em ações como as comemorações de datas fundacionais - primeiramente durante a comemoração do cinquentenário e, agora, durante as comemorações do centenário. As circunstâncias decorrentes dessas ações, que não se conformam necessariamente com os significados que lhe são atribuídos, acabam por alterar a "cultura", é nesse fazer e refazer das narrativas da história que as estruturas são mantidas, perpetuadas e repetidas.

Por tanto, sabemos que fazer essas narrativas significam para o riachuelinos fazer formas de entendimento do passado, de forma que nem sempre se confundem ou mesmo se complementam. A história do remo em Florianópolis, narrada pelo acervo fotográfico do Clube Riachuelo, não só carrega consigo algumas lacunas e incompreensões frente ao passado, mas muitas vezes, gera embates, desavenças e disputas. Por isso ela é, usando uma definição da Lilia Schwarcz (2019), "inconclusa". Já nas memórias dos remadores que aparecem no decorrer deste trabalho, invariavelmente, trazem para o centro das nossas análises uma dimensão subjetiva do passado, ao traduzir na primeira pessoa daquele que a produz. Assim, a memória recupera o "presente do passado" e faz com que o passado vire também presente.

No capítulo 2, vimos como não há como dominar totalmente o passado, nem de reduzir o remo a apenas a um elemento fundamental para a instalação e aplicação de um processo civilizatório, mas o que pretendemos demonstrar com as análises das imagens é que, a partir de uma leitura da temporalidade que as fotografias fazem sobre a cidade: as pontes, os aterros, as ruas e as construções que constituem as imagens que analisamos, são formas que "não simplesmente exprimem transformações históricas mas agem nas pessoas para produzir novas experiências do mundo" (Larkin, 2015). E aqui a história é escrita a partir do contato sensorial com as fotografias, que são lembradas ou esquecidas para se posicionar de frente da oficialidade histórica que lhes são outorgadas. Uma oficialidade entrelaçada com um projeto modernizador, que fundamenta a prática do remo e as formas estéticas das imagens aqui propostas, mas que nega também essa prática, dependendo da agressividade das transformações infraestruturais da cidade.

Existem elementos de repetição e continuidade intrínseco na construção dessas narrativas e, mesmo produzindo batalhas pelo monopólio da verdade, deixam evidente que as transformações são um modo de reprodução e manutenção da cultura, assim como Sahlins (1987) apontou, para as formas culturais tradicionais que abarcavam o evento extraordinário e recriavam as distinções dadas de status, com o efeito de reproduzir a cultura da forma que estava constituída (p. 174). Isto é, o remo demonstra que a cultura funciona como uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente. Toda mudança ocorrida na prática é uma reprodução cultural e toda reprodução da cultura é uma alteração, pois na ação, as categorias, pelo qual o mundo atual é orquestrado, assimilam um novo conteúdo empírico. Essas categorias ressurgem e se tornam particularmente férteis em períodos de mudança, ou durante as grandes transformações.

A Rainha de Copas insinuou a Alice: "lembrar" o passado, é a melhor maneira de repensar o presente e não "esquecer" de se projetar para o futuro. Esse tipo de modelo de narrativa sobre o passado tem muito de imaginário e projetivo, funcionando como argamassa para as várias "teorias do senso comum", demonstrando como a história do dia a dia costuma sustentar-se sobre pressupostos tão básicos como falaciosos. Assim, a construção de um objeto-caixa não é um recurso inócuo ou sem importância; tem um papel estratégico na vida política dos riachuelinos, engrandecendo certos eventos e suavizando problemas que vivenciaram no passado, mas preferem esquecer, e cujas raízes ainda encontram repercussão no tempo presente.

Esse procedimento acaba, igualmente, por autorizar apenas uma interpretação do passado, quando se destacam determinadas atuações e formas de sociabilidade, esquecendo outras. Criando no imaginário, um lugar habitado glorioso, perdido no tempo, repleto de harmonia, mas também construído na base da naturalização de estruturas de mando e obediência, que costumam desaguar em disputas pela melhor versão do passado, que vira um tipo de jogo de cartas marcadas, condicionado pelas questões do presente.

Aí, a história se transforma numa sorte de justificativa, enredo e canto de torcida organizada, criando uma espécie de narrativa muito pautada em mitos do passado que, de tão enraizada, costuma resistir à realidade. E aí, eliminar outros "lugares de memória", numa

prática comum e generalizada em sociedades ou grupos a favor da história. Para os riachuelinos, essa identidade histórica participa diretamente da luta política pela sobrevivência contra o esquecimento - daí a importância de manter vivo o guardião da memória - vira uma forma de uma moeda para negociar a patrimonialização dessa identidade, e passam a buscar, a amenizar ou simplesmente a anular acontecimentos traumáticos ocorridos outrora, os quais tentam esquecer.

Articulando o conceito de masculinidade ao de memória, dentro desse contexto, podemos compreender como os vencedores cheios de glórias personificam na atualidade o mito heróico das batalhas navais, que povoaram o imaginário simbólico das primeiras décadas do século XX - das guerras - incorporando-o na lógica do autoritarismo saudosista construído em torno à identidade de uma masculinidade militar e bélica. Essa identidade continua a se alimentando de histórias desse passado grandioso, projetando-se na melancolia e na frustração de um presente diferente. Um dos objetivos desta tese é reconhecer e apontar para algumas das raízes do autoritarismo que surgem no Brasil durante esse período, e que têm aflorado no tempo presente, mas que, não obstante, encontram-se emaranhadas na história dos remadores.

Os ideais em torno do homem, moderno, viril e civilizado, que mencionei aqui, funcionam como exemplo de porta de entrada para entender a formação de ideias e práticas autoritárias no Brasil hoje. Auxiliam também a pensar como a história e certas mitologias nacionais são acionadas, muitas vezes, qual armas para uma batalha - como as da Guerra do Paraguai. Ajudando-nos a indagar por que, vira e mexe, sobretudo nos momentos de mudanças, caímos novamente no sonho da "concórdia" do modelo militar, como se esse modelo fosse encantado e carregasse consigo a solução mágica para nossos problemas mais estruturais.

### **Para lembrar é preciso esquecer**

A memória irrompe como um tema essencial da modernidade, lembrar e esquecer fazem parte da mesma moeda na hora de construir uma história.

Entre os temas tratados nesta tese, "*ver*" os sinais da modernidade em Florianópolis, exigiu articular na imagem do acervo analisado, a história das sensibilidades e subjetividades dos remadores. Nesse sentido, é instigante perceber como nas fotografias foi possível visualizar os efeitos, tanto nos corpos quanto nos espaços urbanos, desse projeto de transformação em razão do desejo de progresso, mostrando como o discurso da modernidade é, essencialmente um discurso visual, e talvez, a força deste trabalho esteja na sua capacidade de demonstrar que, na relação entre a imagem arcaica do homem do litoral há um confronto estético frente a presença do esporte como um projeto de homem moderno. A singularidade reside nesse confronto que teve o mar como questão de fundo de uma disputa política. As formas de habitar a cidade e usufruir da maritimidade da ilha foram sendo construídas em contraste e diferença daquela imagem arcaica do corpo e da cultura do homem do litoral. O mar é, assim, o espelho dos processos de urbanização em Florianópolis.

Com a chegada do remo em Florianópolis, o domínio que se estabeleceu sobre o mar entrou nessa disputa tenebrosa da memória, de um lado esquecer o passado significou esquecer o mar, de outro, lembrar o passado significou voltar as imagens do mar. Nessas imagens se expressa e corporifica essa força das transformações que aconteciam na paisagem de Florianópolis, e a possibilidade da fruição e do afastamento da imagem do mar, só foi possível com disciplinamento, controle e domínio técnico da natureza, pois, do contrário, predomina o medo, aflição e o desconhecimento ao mar. Para isso, a prática do esporte apregoada pelo espírito burguês, elevou um grau de controle, portanto, o remo é o suporte material no qual o esforço de distanciamento e de domínio do mar se evidencia e se articula. As imagens do mar nos "deixam um lembrete", sobre aquilo que se costuma esquecer, acerca do passado, cujas estruturas sociais e heranças pouco lembram uma rica arcádia tropical (Schwarz, 2019, p. 147).

Por tanto, a prática do remo interferiu diretamente na relação da cidade com seus habitantes e de seus habitantes com a cidade. Os lugares que ocupou, passaram a ser ressignificadas conforme as transformações urbanas e sociais que ocorriam. O desejo de um setor da sociedade, que ansiava a força e a beleza da modernidade, se colocou em contraposição ao corpo do homem do litoral. Novas sensibilidades, novas posturas - a verticalização e militarização dos corpos - e novos gestos, interferiram na "noção do 'eu'

urbano". A memória dos corpos hegemônicos é lembrada e reflete nas imagens que foram produzidas e inúmeras vezes reproduzidas, sendo elas textuais ou não, pedagogizando essas novas posturas, deixando de lado pelas ausências ou pelo esquecimento, outras posturas, como as dos corpos dos operários, dos negros e das mulheres. As imagens que aparecem foram tão construídas quanto os textos elaborados pelos intelectuais e publicados nos jornais da época, assim, "ver" nelas as ausências, é lembrar os traços de uma presença de alguns habitantes que foram deixados de lado.

Isso também aconteceu com a memória da cidade, as imagens que aparecem nesta tese, que ilustram a cidade após as transformações de 1970, não aparecem no acervo dos riachuelinos porque foram "esquecidas", e isso nos mostra que lógica que organizou a exposição fotográfica, "A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas", não inclui referência às novas configurações do espaço ou mesmo ao processo de afastamento do centro para as periferias. Nessa metáfora, de lembrar e esquecer, aparece o mar como mediador central que nos faz "ver" a aparência, nos ajuda a exercitar o olhar, outorgando-lhe esse sentido soberano à modernidade, como nos ensina Benjamin em seu livro *As cidades Invisíveis*: "mar e espelho como símbolos de elementos moldados pela mão humana para construir uma aparência da modernidade". A imagem, também como a memória, é fruto da produção dialética entre a sobrevivência e o esquecimento.



**Imagem N° 47:** O remador engolido pelas infraestruturas da cidade 2  
(Registro do meu acervo pessoal. Agosto de 2018)

## Uma história que a história dos riachuelinos não conta

A guerra do Paraguai foi o primeiro acontecimento histórico motivado e conduzido exclusivamente por Estados sul-americanos, funcionando, assim como um marco importante da autonomia política da região (Stumpf, 2019, p. 414)<sup>133</sup>. No Brasil, como no Paraguai, a construção da memória sobre a guerra foi cambiante e respondeu às mudanças da conjuntura política vigente. Mas no Brasil, esse momento coincide com o fortalecimento de uma crescente classe militar forjada nos campos de batalha e com ânsias do modelo político republicano, onde a guerra foi insistentemente celebrada, rememorada pelas batalhas vitoriosas e por seus comandantes, alçados à heróis da pátria dos quais herdamos a construção de monumentos e lugares de memória da guerra que ocorreram sobretudo sob a vigilância de governos nacionalistas e autoritários, que, dando nomes indígenas às ruas, cidades, times de futebol, incorporaram assim o inimigo dentro o imaginário coletivo. Riachuelo e Avaí seriam nomes esvaziados se retirados desse contexto.

O que se deve lembrar e o que se deve esquecer, no que se refere a uma dita "memória nacional", são as operações nada ingênuas construídas pela história oficial. Na ocasião em que durante a ditadura militar, em 1977, o estado do Mato Grosso do Sul foi criado, deu-se à sua capital o nome da última grande batalha da guerra do Paraguai, chamada pelos brasileiros de Campo Grande (Stumpf, 2019, p. 417). O soldado-cidadão idealizado a partir das narrativas da guerra foi incorporado ao projeto de construção da nacionalidade e, via a prática de exercícios físicos, foi visto como sinônimo e parte do seu "caráter viril". A memória da guerra serviu e continua a servir interesses conjunturais estranhos a sua história. A missão civilizatória empreendida pelas elites políticas e intelectuais de Florianópolis, em sintonia com as elites da capital, apontavam para a construção de uma nação branca por meio de convenções culturais que incentivaram em grande medida a prática do remo, criando assim as experiências da masculinidade hegemônicas, que constituíram o motor desse projeto no início do século XX.

---

<sup>133</sup> STUMPF, L. K. **Fragmentos de guerra: imagens e visualidades da guerra contra o Paraguai (1865-1881)**, Universidade de São Paulo, 2019.

A modernidade foi um ideal político embranquecedor, assentado no desejo heterossexual masculino, que o identificava com o potencial civilizador. Os temores do desvio em todas as suas formas, particularmente nas classes operárias, ajudam a compreender o crescente fascínio por uma masculinidade militarizada, a qual emerge a partir da experiência da guerra do Paraguai, mas que acaba por criar um demanda por formação militar moderna que, em meio a uma onda de apoio republicano, geraria a primeira lei sobre o Serviço Militar Obrigatório, em 1874. Essa associação entre disciplina corporal e instituições militares transformaram o culto do soldado-cidadão em um projeto de criação e disseminação de corpos e mentes viris, o que geraria uma campanha em torno do serviço militar obrigatório e sua profissionalização a partir de 1913. Como o descreveu Miskolci (2012),

Iniciando este processo disciplinador e virilizador, na década de 1910, a campanha a favor da experiência militar generalizada acenava com a possibilidade de tornar jovens ameaçados pela indisciplina e comportamentos indesejáveis em soldados da pátria nos momentos de guerra, mas, principalmente, em cidadãos-soldados. A masculinidade brasileira ganhava novas feições e a promessa de se disseminar irmanando homens de todas as classes no ideal do homem viril, pronto para assumir seus compromissos coletivos, dentre os quais se destacava a função que tinha dentro do casamento e da família, o provedor e cabeça de casal. Assim, por meio de tecnologias virilizantes, ganhava adesão o projeto de disciplinar homens das classes populares – negros, indígenas, mestiços e imigrantes – tornando-os cidadãos brasileiros por meio da incorporação, corporal e subjetiva, da “branquitude” cultuada pelos nossos homens de elite (p. 55).

Assim, a criação da masculinidade brasileira entre a virada do XIX e início do século XX, está associada não apenas à educação física escolar ou militarizada, mas também à crescente popularidade dos esportes. A ascensão dos esportes tem relação direta com o fim da escravidão e a necessidade de valorizar o trabalho. Uma sociedade fincada no trabalho tem como um de seus maiores inimigos o sedentarismo e o ócio, por isso o tempo fora das atividades produtivas passar a ser disciplinado e regido por valores utilitários que o transformam em lazer. Nos esportes, homens passaram a ser treinados para a competição e a concorrência, aptidões úteis também na guerra.

A guerra do Paraguai encontrou no imaginário dessa época um papel importante como elemento dramático para a narração de um evento glorioso que se perpetua até hoje. Mas, existe alguma outra forma de narrar uma história de guerra? Segundo o antropólogo

paraguaio, Ticio Escobar (2016)<sup>134</sup>, se referindo as narrativas de memórias da guerra contadas pelos paraguaios, e oferecendo nos uma resposta, ele sugere que é preciso encontrar as fendas do discurso de autoridade do Estado, que legitimam sua produção simbólica, fazendo se possível assim, acessar questões que calam nos relatos oficiais, pois os relatos de memórias da guerra passam pela constatação do relator hegemônico.

### **Do outro lado do mar, as minhas memórias**



**Imagem N° 48:** Olhando para fora do clube  
(Registro do meu acervo pessoal. Agosto de 2018)

A finalização da escrita desta tese se deu durante o carnaval de 2020, quando a escola de samba Unidos da Coloninha (localizada na parte continental de Florianópolis) foi consagrada a campeã do grupo especial do carnaval 2020. Com o samba-enredo “*Sou tripeiro com muito orgulho! Prazer, sou a gigante do continente!*”, a Unidos da Coloninha abordou no desfile a história do "Tripeiro", que é o apelido que se dá aos moradores mais antigos do Estreito. Sua origem pouco conhecida e curiosa data da década de 1960, quando o bairro sediava o matadouro municipal, onde os bois eram abatidos e carneados.

---

<sup>134</sup> Más Allá de la Guerra: aportes para el debate contemporáneo. María del Rocío Robledo Yugueros, Milda Rivarola, Víctor-Jacinto Flecha, Herib Caballero Campos, Fabricio Vázquez, Luis A. Galeano, Ramón Fogel, Ignacio Telesca, David Velázquez Seiferheld, Bartomeu Melià, Ticio Escobar, Mabel Causarano, Jorge Rubiani. Asunción: Secretaría Nacional de Cultura, 2016, págs. 158. ISBN: 978-99967-34-16-8.

As partes nobres eram separadas para venda aos moradores da Ilha. Os chamados “miúdos” eram distribuídos gratuitamente para a população local. Muitos ficavam à porta do abatedouro, à espera das tripas, matéria-prima de um prato típico e popular, a dobradinha. Estes, que aguardavam o subproduto bovino, eram chamados de tripeiros. O que acabou virando um apelido genérico para designar os habitantes do bairro. Por isso, entre os nativos mais velhos persiste a convicção “sou tripeiro, com orgulho”.

Essa é uma outra história de Florianópolis, igualmente identitária da que contamos em esta tese, é contada com orgulho pelos outros moradores da capital, que estiveram historicamente assentados do outro lado do mar, distantes dos processos históricos de aproximação ou o afastamento, desenvolvendo outra narrativa identitária sobre o mesmo território. A parte continental foi anexada a Florianópolis há exatos 75 anos, completados em 1 de janeiro deste ano. Originalmente Arraial de Santa Cruz do Estreito, depois Passagem do Estreito, Estreito e João Pessoa – este último nome adotado em 1930, em homenagem ao líder paraibano assassinado naquele ano –, quando a parte continental ainda pertencia ao distrito de São José. Em 1943, o governo do Estado constituiu uma comissão para promover a revisão territorial de Santa Catarina, considerando a "inferioridade de Florianópolis com relação a outras capitais brasileiras pela sua má composição territorial".

Com a chegada da Ponte Hercílio Luz, se integra a ilha ao continente, até então, as duas cidades eram ligadas pelo transporte marítimo – tanto de passageiros, quanto de mercadorias. Mas a área mais próxima à Ilha, o atual Estreito, era considerado socialmente como subúrbio, onde residia a população mais pobre da região e o comércio tinha baixa expressão. Na **Imagem N 48**, vemos em um registro do meu acervo pessoal, feito desde o interior do clube Riachuelo, a linha onde aparece primeiramente o mar e atravessando-o aparecem os prédios do bairro da região continental da cidade, hoje considerado o subdistrito do Estreito, onde se encontra a Coloninha. O mar cria nesta imagem um sentido de distância que talvez coincida com o imaginário simbólico dos remadores.

A presente pesquisa partiu do interesse em investigar a relação dos moradores Florianópolis com o mar, a partir de questões suscitadas pelo surgimento do remo. No seu desenvolvimento, o aspecto subjetivo contido na experiência do olhar emergiu como uma questão principal ao longo das nossas análises. Ou seja, a representação em si passou a ser

percebida como elemento de transformação do real e da atribuição que se deu ao passado, não podendo ser isolada da experiência. Disso resultou a metodologia e o escopo das análises, numa articulação, numa intersecção entre fronteiras disciplinares da história e da antropologia visual e urbana.

Ao invés de ir atrás de imagens do remo em outros acervos, como as bibliotecas públicas da cidade, passei a seguir os rastros do próprio acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo. A partir da reconstituição da trajetória dessas imagens, busquei compreender o regime de visibilidade sob o qual elas operam, já que elas foram em si, guardadas por eles, classificadas por eles, expostas por eles e aprovadas por eles. Dessa forma foi possível perceber aspectos novos em matérias já bastante conhecidas.

No capítulo 1, foi possível perceber como as pesquisas sobre o remo nas áreas das Ciências Sociais e, apesar da qualidade das pesquisas sobre o fenômeno esportivo em áreas como a da Antropologia, da Sociologia, da História, a maior tradição, organização acadêmica e institucional, e o maior volume de pesquisas e publicações, encontram-se na área de Educação Física. O percentual de publicações sobre o remo que se aloca dentro de duas áreas de conhecimento específicas, a História e Educação Física, estabelecem um diálogo interdisciplinar muito frutífero com a Antropologia, no entanto, ainda que isso possa ser conectado ao debate sobre uma Antropologia do Esporte mais diversificada, não é possível atribuir esse esforço unicamente a maior quantidade de textos produzidos em programas de Pós-Graduação da História. Pelo contrário, o período acompanha uma maior pluralização de temáticas do campo, que deixa de se concentrar em estudos sobre futebol, de um lado, para dar atenção equivalente a outros temas, como a intersecção entre raça e gênero, poder, em outras modalidades esportivas, como o remo.

No capítulo 2, foquei as análises nas imagens onde é possível visualizar a emergência de Florianópolis como cidade, onde as memórias contadas pelas fotografias são marcadas por imagens que refletem as transformações da infraestrutura. Aí aparece uma história que é escrita a partir do contato sensorial com as fotografias, que são lembradas ou esquecidas para se posicionar de frente da oficialidade histórica que lhes são outorgadas. Uma oficialidade entrelaçada com um projeto modernizador, que fundamenta a prática do remo e as formas

estéticas das imagens aqui propostas, mas que nega também essa prática, dependendo da agressividade das transformações infraestruturais da cidade. Apresentando-se como o novo e opondo-se às formas anteriores que organizaram a vida e a paisagem cotidiana, dessa forma, a infraestrutura participa da estética e de todos os modos de desejo, significado e fantasia que a envolvem a chegada da modernidade.

No capítulo 3, o corpo e as relações de gênero aparecem como parte desse processo de transformação. Os ideais da modernidade, quando chegaram à capital da ilha de Santa Catarina, foram traduzidos pelos corpos dos atletas do remo. Eles apareciam com o tronco reto, como uma formação militar, mostrando a musculatura dos braços fortes, fazem uma clara referência em oposição à postura dos antigos moradores ilhéus. Uma oposição entre aqueles que vão ao mar para lazer e aqueles que vão ao mar a trabalho, entre remadores e pescadores, entre o remo como atividade lúdica sem fim prático e a pesca como busca de sobrevivência.

Enfim, e por último, nas conclusões finais a que esta tese chega, percebemos que ao narrar uma história das imagens, a partir do acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo, reconstitui-se, ainda que parcialmente, aspectos da visualidade de um tempo regido pela experiência do olhar. Valorizando os aspectos produtivos dessas imagens, como uma outra forma de ver e mostrar a cidade de Florianópolis. Dotando as fotografias de "agência", nos permitiu, conhecer uma história avessa a aquela que "os vencedores cheios de glórias" contam.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. 1977. **El segundo sexo: los hechos y los mitos**. Buenos Aires: ediciones del siglo XX.

BENJAMIN, Walter. **Passagens de Walter Benjamin**. TIEDEMANN, Rolf; BOLLE, Willi; MATOS, Olgária Chaim Feres (Org.). Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG/Imprensa Oficial de São Paulo, 2006.

BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas** / Berenice Bento. – 2. ed. – Natal. RN: EDUFRN, 2015.

BROMBERGER, C. **As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia**. In: Horizontes Antropológicos, ano 14, n.30, pág. 237-253, jul.dez. 2008.

BOLSANELLO, M.A. **Darwinismo social, eugenia e racismo**. Educar, Curitiba, n.12, p. 153-165. 1996. Editora da UFPR.

BORGES, Maury Dal Grande. **Remando nas águas da história: conquistas do remo de Santa Catarina, 1861 - 2002**. Florianópolis: Ioesc, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**, (Português) Capa dura – 1 jan 2011. Editora: Zouk; Edição: 2ª (1 de janeiro de 2011).

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural**. In: BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O campo intelectual: um mundo à parte**. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p 136-153.

CABRAL, Oswaldo R. **Santa Catarina: História e Evolução, de 1937**. Imprensa Oficial da Universidade Federal de Santa Catarina, volumes: Notícia I e II e Memória I e II.

CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro: 1**. Notícia. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979.

CAJE, Cristhian. **Alvorada do Remo: (Re)Pensando a Memória e a Identidade do Clube de Regatas Riachuelo a partir das narrativas imagéticas do seu Acervo Fotográfico**. In: 43º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, MG, 2019.

CAJE, Cristhian. **Reflexões sobre masculinidade entre atletas mulheres remadoras, na cidade de Florianópolis**. In: 13º Encontro Mundial de Mulheres, Florianópolis, SC, 2017.

CAJE, Cristhian. **Making on: ritual, performance e representação no festival Curta o Gênero**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2015.

CARROLL, Lewis. **Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Ilustrações de John Tenniel e Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CANDAU, Joel. **Antropología de La Memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **“As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador”**. In: Forças Armadas e política no Brasil.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 13-61.

\_\_\_\_\_. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. 1989. **The Social construction of black Feminist thought**. Signs, v.14, n.4, pp. 745 - 773.

CONNELL, Robert William. 1997. **La organización social de la masculinidad**. In: Valdés, T. Olavarría, J. (eds.), Masculinidades, poder y crisis. Santiago de Chile: Flacso, pp. 31-48.

CONNELL, Raewyn. 2014. **The sociology of gender in the southern perspective**. Current Sociology, v.4, n. 62.

CONNELL, Robert William. 1995. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press.

CUNHA, G.S.: **Considerações sobre o aterro de Florianópolis, 2005**. 10 f. Trabalho de conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina.

DELPHY, Christine. **Patriarcat (théories du) in dictionnaire critique du féminisme**. Paris: PUF, 2000. p. 141-146.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 1998. (BN)

**Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina**. Florianópolis, 20 de outubro de 1923.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FANON, Frantz. 1952. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Editions du Seuil.

FILHO, Barreiros. **Revista Ilustrada**, 20 março de 1920. Cd. SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina. 2013**. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de pós-graduação em História.

FREITAS, Aline. **Rosa que nada! Elas vestem azul marinho: uma etnografia das relações de poder e gênero que envolvem as torcedoras do Clube do Remo**. Trabalho apresentado no 31º encontro da Reunião Brasileira de Antropologia, em 2018.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998: 59.

FERREIRA, Paulo Rogers. 2008. **Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas**. São Paulo: Editora Hucitec/ Anpocs. 257 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2005.

GIGLIO, Sérgio. SPAGGIARI, Enrico. **A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: Um panorama (1990-2009)**. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano.

GASTALDO, Edison. **Sobre os estudos sociais do esporte: políticas acadêmicas de um campo em desenvolvimento**. ANPOCS de 2011. GT Esporte e sociedade.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOFMEISTER, Carlos. (1978) **Pequena história do remo gaúcho**. Porto Alegre: CORAG.

**Horizontes Antropológicos**, ano 14, n.30, jul.dez. 2008.

IGARELLO, Georges. **Le temps du sport**. In: CORBIN, Alain. **L'avènement des loisirs (1850-1960)**. Paris: Champs histoire, 1995. p.288.

INGOLD, Tim. **Anthropology: why it matters**. Polity Press, [2018] | Series: Why it matters | Includes bibliographical references and index. ISBN 9781509519835 (Epub) Tim Ingold. "Anthropology". Apple Books.

KARLS, Cleber Eduardo. **Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. 2017**. 186 f. (Doutorado em História Comparada) - Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Undefined, 2017.

LARKIN, Brian. **The Politics and Poetics of Infrastructure**. Barnard College, Columbia University, New York, NY 10027-6598; email: bl190@columbia.edu

LARKIN, Brian. FROM THE SERIES: **The Infrastructure Toolbox**. By Brian Larkin September 24, 2015. Publication Information.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem I**. Tradução: Tânia Pellegrini - Campinas, SP: Papirus, 1989.

LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre, Corag,1986. 238p. 2ªEDIÇÃO 2008 Digitação e revisão: Wilson Reeberg.

MEE, Wendy. **Rowing 'at home' and 'away': heritage and identity in the Malay world**. IDENTITIES: GLOBAL STUDIES IN CULTURE AND POWER, 2017. Vol, 24, No. 4, pág. 474 -492.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: O turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903)**. 1999. 178 f. (Doutorado em Educação Física) - Instituição De Ensino: Universidade Gama Filho, Rio De Janeiro, Biblioteca Depositária: UGF, 1999.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 4ta edição.

MEDEIROS, Mário. **Pedagogia do desafio**. São Paulo: Simpere, 2015.

MELLO, Anahí G. **Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook.** In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia C. (Orgs.). *Desigualdades, gêneros e comunicação*. 1ª ed. São Paulo: Intercom, 2019. p.125-142.

MELO, Victor Andrade. **Cidade esportiva. Primórdios do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os sports e a cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX.** / Richard Miskolci. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Mariza Corrêa. – São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Queer).

NECKEL, R. Op Cit., 2003. p.54. KUPKA, Roselane Neckel. **Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930.** Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993.; NECKEL, R. Op. Cit., 2003.

NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920).** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p.54.

PURDY, Laura, POTRAC, Paul & JONES, Robyn. **Power, consent and resistance: an autoethnography of competitive rowing.** Sport, Education and Society. Vol. 13, N.3, 2008, pág. 319-336.

PURDY, Laura, POTRAC, Paul & JONES, Robyn. **Negation and capital: athletes' use of power in an elite men's rowing program.** Sport, Education and Society. Vol. 14, N.3, 2009, pág. 321-338.

ROJO, Luiz Fernando. **O campo no mar: fazendo observação participante na vela.** Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém do Pará, 2010.

ROJO, Luiz Fernando. **Vela ou motor: construindo identidades e delimitando "pedaços" em terra ou no mar.** Trabalho apresentado 28º encontro da Reunião Brasileira de Antropologia. 2012.

ROJO, Luiz Fernando. **O gênero para além do sexo: discussões a partir de uma etnografia na vela de Niterói (RJ).** Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 2016.

RODRIGUES, Gabriela, BRANDÃO, Felipe. **Construções do feminino na vela: meninas em um projeto social**. Trabalho apresentado na modalidade pôster, na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém do Pará, 2010.

ROSALDO, Renato. 2000. **Cultura y Verdad: la reconstrucción del análisis social**. Quito: Abya-Yala.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2013.

SCHWEIBENZ, Amanda N. **Against Hegemonic Currents: Women's Rowing into the First Half of the Twentieth Century**. *Sport in History*, v. 30, n. 2, jun. 2010, p. 309326.

SEVERI, Carlo. (2007), **Le principe de la chimère**. Paris, Rue d'Ulm/Musée du quai Branly. \_\_\_\_\_ & HANKS, William. (2014), "Translating worlds: the epistemological space of translation". *HAU – Journal of Ethnographic Theory*, 4 (2): 1-16.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro, 1987.

SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SCHWARCZ, Lilia. **Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais**. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v.04.02: 391 – 431, outubro, 2014.

SCHWARCZ, Lilia M. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. Companhia das Letras, 2019.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina**. 2013. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de pós-graduação em História.

STUMPF, L. K. **Fragments de guerra: imagens e visualidades da guerra contra o Paraguai (1865-1881)**, Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 2019.

SCOTT, Joan W. 2001. **Experiência**. *La ventana*, v.2, n.13, pp. 42 - 74. \_\_\_\_\_.1986. "Gender: a useful category of historical analysis". *The American Historical Review*, v.91, n.5, pp. 1053-1075.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Direitos autorais 2017 Joan Scott. *Educação & Realidade* - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online).

SEAGER, Joni. 1993. **Earth follies: coming to feminist terms with the global environmental crisis**. Nova York: Routledge.

SILVA, Carolina Fernandes da et al. **GERMAN BRAZILIAN ROWING ASSOCIATIONS IN PORTO ALEGRE (1917): IDENTITY REARRANGEMENTS IN A BELLICOSE CONFLICT**. *J. Phys. Educ.*, 2016, vol.27. ISSN 2448-2455.

SILVA, Carolina Fernandes da and Mazo, Janice Zarpellon **O conflito do trapiche preto: um confronto entre as torcidas dos clubes de remo porto-alegrenses**. *Rev. educ. fis. UEM*, Set 2013, vol.24, no.3, p.401-412. ISSN 1983-3083

SILVA, Carolina Fernandes da Mazo, Janice Zarpellon and Tavares, Otávio **O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo**. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Mar 2018, vol.40, no.1, p.24-31. ISSN 0101-3289

SILVA, Carolina Fernandes da, MONTEIRO, Alberto de Oliveira and MAZO, Janice Zarpellon **Os clubes de remo em Porto Alegre (RS) e a recomposição de fronteiras de identidades culturais**. *Rev. bras. educ. fis. esporte*, Set 2014, vol.28, no.3, p.441-452. ISSN 1807-5509

SAID, Edward. **Orientalism**. London: Routledge, 1978 [São Paulo: Cia das Letras, 2007].

SILVA, R. S. HELIO. **Travestis, invenção do Feminino**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará. ISER, 1993.

\_\_\_\_\_. **Travestis: entre o espelho e a rua**. GÊNERO PLURAL, ano de edição: 2007, edição: 1ª.

TOBAR, Felipe Bertasso. **O Futebol Brasileiro no “Jogo” da Patrimonialização Cultural: Uma Análise Interdisciplinar sobre as Relações de Poder** 16/02/2017 550 f. Mestrado em PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE, Joinville Biblioteca Depositária: Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

TAYLOR, Lisa. **The Women's Amateur Rowing Association 1923 - 1963: a prosopographical approach**. *Sport in History*. 2018, Vol. 38, N.3, pág. 307-330.

TAYLOR, Lisa. **Against Hegemonic Currents: Women's Rowing into the First Half of the Twentieth Century**. *Sport in History*. 2010, Vol. 30, N.2, pág. 309-326.

VIANNA, Luciano von der Goltz, ECKERT, Cornelia. **Projetos para envelhecer: etnografia das formas de sociabilidades e das trajetórias de vida de veteranos do remo.** Iluminuras, Porto Alegre, v.12, n. 28, p. 195-208, jul./dez. 2011

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade.** Lisboa: Fim do Século, 1995.

VIGOYA, Mara V. 2018. **As cores da masculinidade. Experiências Interseccionais e práticas de poder na Nossa América.** Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WACQUANT, Loïc. 2002. **Corpo e Alma. Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe.** Rio de Janeiro: Relume Dumará.

WILLAUMEZ, Jean-Baptiste-Philibert. **Dictionnaire de Marine.** Paris: Bachelier, Père et Fils, Libraries pour la Marine. 1831. p.50 - 122.

## **ANEXOS**

**Carta assinada pelo presidente do Clube Náutico Riachuelo aceitando a realização da pesquisa, quando formalizamos o trabalho de campo em março de 2017.**

Florianópolis 14 de março de 2017

Prezados, Membros da Diretoria do Clube Riachuelo

Venha através deste ofício apresentar a Vossas Senhorias meu interesse em desenvolver minha pesquisa de doutorado, dentro do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), dentro da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, junto ao Clube Riachuelo.

O projeto, já foi submetido a avaliação e aprovado por uma comissão de Professores do programa. Visa desenvolver um estudo dentro do campo da antropologia do esporte e tem como principal objetivo, entender a formação dos atletas no que diz respeito ao social e antropológico na relação com o meio ambiente, desenvolvendo também estudos dentro do campo da antropologia urbana e visual.

Em contra partida para o Clube, será desenvolvido, junto a pesquisa, um documentário sobre o clube, sua história e sua trajetória junto a memória da cidade e dos espaços urbanos, sendo assim necessário o uso de equipamentos de captação de imagem e vídeo durante o período que durar o trabalho de campo.

Sem mais, coloco me a disposição para eventuais esclarecimentos e informação caso seja necessário um detalhamento destes.

Cordialmente,



Cristhian Fernando Cajé Rodriguez.

Recebido em  
  
14/03/17

## Carta de apresentação do pesquisador aos atletas do Clube Náutico Riachuelo

Florianópolis, ..... de ..... de 2017

Prezado (a) Xico.....

Por meio desta carta me apresento como o acadêmico Cristhian Cajé, do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, PPGAS/UFSC. Onde, devidamente matriculado com o número 201500258, realizo minha pesquisa de doutorado sob a orientação da Profa. Dra. Carmen Rial.

Em anexo, coloco o ofício que já foi protocolado à diretoria do Clube Riachuelo, no qual explico os detalhes do meu empreendimento assim como meus objetivos científicos com o trabalho.

Na oportunidade, solicito a sua autorização para realizar a pesquisa através da coleta de dados (questionário/entrevista/observação). Informando que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

Uma das metas para a realização deste estudo é meu comprometimento em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa. Solicito ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Agradeço sua compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento. Em caso de dúvida você pode me procurar pelo telefone: (48) 99651 0628 ou pelo e-mail: [cristhiancaje@gmail.com](mailto:cristhiancaje@gmail.com)

Atenciosamente,

  
.....  
Cristhian Fernando Cajé Rodriguez  
Doutorando PPGAS/UFSC

Denise Becker

# DESDE JUTAÍ E JURUÁ UMA HISTÓRIA CENTENÁRIA

Florianópolis  
2017

Fotografias  
Denise Becker  
Acervo da Diretoria e do Clube Náutico Riachuelo

*Denise Becker*  
*Com agradecimentos  
por trabalhos  
feitos pelo Clube  
Riachuelo*



*25/18*  
*[Signature]*